



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS – (PPGER) CAMPUS SOSÍGENES COSTA**

ATENOR JUNIOR PINTO DOS SANTOS

**FAMÍLIAS NEGRAS OITOCENTISTAS, ESCRAVIDÃO E ENSINO DE
HISTÓRIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA.**

Porto Seguro

2021



ATENOR JUNIOR PINTO DOS SANTOS

**FAMÍLIAS NEGRAS OITOCENTISTAS, ESCRAVIDÃO E ENSINO DE
HISTÓRIA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA.**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joceneide Cunha dos Santos

Porto Seguro
2021



Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais - PPGER, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), como complementação dos créditos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação para o Ensino das Relações Étnico-Raciais, tendo como área de concentração, Pós-Colonialidade e Fundamentos da Educação nas Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joceneide Cunha dos Santos.

Os membros da Banca Examinadora consideraram o candidato Atenor Junior Pinto dos Santos:
Aprovado

Orientadora

Prof.^a Dra. Joceneide Cunha dos Santos (UFSB / PPGER)
Presidente da banca

Avaliador interno

Francisco Antônio Nunes Neto
Prof.^a Dr. (UFSB / PPGER)
Membro interna

Avaliadores Externo

Geovani de Jesus e Silva
Prof.^a Dr. (UNEB)
Membro externo

Zelinda dos Santos Barros
Prof.^a Dr. (UNILAB)
Membra externa



Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

S237f Santos, Atenor Junior Pinto dos, 1988 -
Famílias negras oitocentistas, escravidão e ensino de história:
estratégias didáticas para uma educação antirracista. / Atenor
Junior Pinto dos Santos. – Porto Seguro, 2022.
134 p.

Orientadora: Joceneide Cunha dos Santos
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais.
Campus Sosígenes Costa.

1. Famílias. 2. Escravizados. 3. Ensino. 4. Libertador. 5.
Transgressor. I. Santos, Joceneide Cunha dos. II. Título.

CDD: 372.89

Bibliotecário: Lucas Sousa Carvalho – CRB5/1883



SANTOS, Atenor Junior Pinto dos. **Famílias negras oitocentistas, escravidão e ensino de história:** estratégias didáticas para uma educação antirracista. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2021.

Resumo:

No Brasil, o contexto social é marcado pelos abismos sociais e econômicos, esse abismo tem contribuído com inúmeras injustiças sociais contra pessoas negras e suas famílias. Uma educação antirracista e libertadora pode contribuir para a diminuição desses abismos na educação brasileira e na sociedade brasileira. Desde o ano de 2020, o ensino básico tem enfrentado dificuldades para ser realizado devido a Pandemia causada pelo Coronavírus. Perante essa nova realidade, a utilização da internet na aplicação das aulas está cada vez frequente na educação brasileira. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo a construção de uma proposta de aula sequenciada no componente curricular de história que seja transgressora e antirracista, para isso utilizaremos documentos eclesiásticos do século XIX (registro de batismo) que inclua as famílias raciais brasileiras numa proposta de ensino libertadora. Essa proposta foi aplicada na turma de 7º ano na Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro Bahia. O produto dessa dissertação é a criação de um blog (www.arquivodahistoria.com) com sugestões de aulas e textos que refletem sobre cotidiano dos negros e seus descendentes. A metodologia utilizada é inspirada na proposta de aula/oficina de Isabel Barca e inspirado no modelo de ensino libertador de Paulo Freire, bem como na proposta de ensino libertador e transgressora de bell hooks assim, esse trabalho se insere numa perspectiva de ensino decolonial, utiliza fontes eclesiásticas e faz uso da tecnologia no ensino de história. Espero que essa proposta contribua na formação de sujeitos antirracistas.

Palavras-chave: Famílias. Escravizados. Ensino. Libertador. Transgressor.



SANTOS, Atenor Junior Pinto dos. **Nineteenth-century Black Families, Slavery and History Teaching: Didactic Strategies for Transgressive and Anti-Racist Education**. 2021. Dissertation (Masters in Teaching and Ethnic-Racial Relations) - Federal University of Southern Bahia, Porto Seguro, 2021.

ABSTRACT

In Brazil, the social context is marked by social and economic abysses, these abysses have contributed to countless social injustices against black people and their families. An anti-racist education can contribute to reducing these gaps in Brazilian education and in Brazilian society. Since the year 2020, basic education has faced difficulties to be carried out due to the Pandemic caused by Coronavirus. In view of this new reality, the use of the internet in the application of classes is increasingly frequent in Brazilian education. Therefore, this work aims to build a proposed class sequenced in the curricular component of history that is anti-racist, for this we will use ecclesiastical documents from the 19th century (baptism record) that include Brazilian racial families in a liberating teaching proposal. This proposal was applied to the 7th grade class at the Governador Paulo Souto Municipal School in Porto Seguro Bahia. The product of this dissertation is the creation of a blog (www.arquivodahistoria.com) with suggestions for classes and texts that reflect on the daily lives of black people and their descendants. The methodology used is inspired by Isabel Barca's class/workshop proposal and inspired by Paulo Freire's liberating teaching model, as well as the bell hooks' liberating and transgressive teaching proposal. Thus, this work is part of a decolonial teaching perspective and uses ecclesiastical sources and makes use of technology in teaching history. I hope that this proposal will contribute to the formation of anti-racist subjects

Keywords: Families. Enslaved. Teaching. Liberator. offender



Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não ganha a não ser praticando-a (Paulo Freire).



Dedicado a todos os homens e mulheres que foram escravizados e lutaram contra esse sistema brutal de servidão.



AGRADECIMENTOS

Não há vitória sem luta! Por esses anos, tenho me dedicado a importante tarefa de buscar o conhecimento. Sabemos que não é uma tarefa fácil de se concluir sozinho. Ao meu lado, estão as pessoas que contribuíram para que esse projeto fosse completado. Nesse caminho, passamos por diversos obstáculos e superamos com a ajuda de amigos e familiares que fizeram dessa caminhada, algo prazeroso. Nesse momento, os agradecimentos são poucos para expressar a gratidão por tudo que nós fizemos nesse período.

Agradeço a Deus por ter me concedido a sabedoria para que pudesse me transformar ao longo desses anos e por me proporcionar esse grande aprendizado. Agradeço infinitamente minha companheira de luta, minha esposa **Tamires**, essa mais que ninguém sabe da minha jornada, e para ela dedico toda minha gratidão, amor e carinho. Aos meus colegas de turma do PPGER, especialmente a Jamilly, André e Ana Paula, pois juntos fizemos desse trabalho, uma escrita colaborativa e participativa, com eles compartilhei momentos de desesperos, frustrações e de glória. Aos meus coleguinhas **Jacqson** e **Gislene**, por compartilhar comigo grandes aprendizados e momentos de descontrações. Agradeço a todos as pessoas que fizeram parte de um dos melhores Seminários de Ensino e Relações Étnico-raciais da UFSB. Agradeço grandiosamente a toda comunidade acadêmica da Universidade Federal do Sul da Bahia, por nos proporcionar uma formação de qualidade em tempos tão obscuros.

Aos meus queridos professores e professoras que contribuíram grandemente nessa minha conquista. Toda gratidão a minha Orientadora **Joceneide**, meu muito obrigado pelos seus ensinamentos, pelas sacadas, por proporcionar essa pesquisa. Agradeço grandiosamente a todos professores e professoras da Campus XVIII da Universidade Estadual da Bahia, a professora **Celia Santana** e ao professor **Geovani** por todas as palavras de incentivo e a todos os outros não mencionados, meu muito obrigado. Aos meus amigos e amigas Sheila, Angelica, Gerliane, Nathalia, Ayrton, Willian, Reinalda, Daiane, Gabi, Janny Ana Ione e Railane, que dedicaram parte do seu tempo para me incentivar nessa caminhada.

Meus agradecimentos a banca examinadora desse trabalho, obrigado pela imensa contribuição e seriedade depositadas na avaliação dessa escrita.



Lista de Tabelas

Tabela 1: características dos arranjos familiares brasileiros	27
Tabela 2: legitimidade x ilegitimidade entre os batizados na freguesia da vila de feira de sant'anna (1830-1850)	30
Tabela 3: Local de moradia da turma do 7º ano vespertino da Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro Bahia.	75
Tabela 4: Censo, Amostra Educação do Município de Porto Seguro	78
Tabela 5: Matrícula inicial no Município de Porto Seguro, Bahia 2015.....	82
Tabela 6: Número de Estabelecimento educacionais no Município de Porto Seguro, Bahia 2015.....	82
Tabela 7: Indicadores de Movimento e Rendimento.....	83
Tabela 8 Resposta da turma com acesso à internet sobre o tema escravidão no Brasil.	86
Tabela 9 Resposta da turma com acesso à internet sobre o tema quem eram os escravizados e quais lugares trabalhavam na América Portuguesa.	88
Tabela 10: Resposta da turma com acesso à internet a questões relacionado a família.	90
Tabela 11: Resposta da turma sem acesso à internet sobre a escravidão no Brasil.	92
Tabela 12: Resposta da turma sem acesso à internet a questões relacionado a família.	93
Tabela 13: Composição familiar dos estudantes do 7º ano vespertino da Escola Municipal Paulo Souto em porto Seguro-Ba.....	93

Lista de Gráficos

Gráfico 1: variação dos arranjos familiares no brasil	28
Gráfico 2 Percentual das famílias que convivem com os pais juntos ou separados	94



Lista de Ilustrações

Ilustração: 1 Registro de Batismo de escravizados na Vila de Feira de Sant´anna 1831-1856.....	108
Ilustração: 2 Transcrição do Registro de Batismo feito pelo Aluno “Pancrácio” da Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro	109
Ilustração: 3 Banco de dados criado pelos alunos e alunas do 7º ano.....	110
Ilustração: 4 Página do blog com proposta de aulas sequenciada.....	115
Ilustração: 5 aba “sobre o arquivo da história”	116
Ilustração: 6 Pagina inicial do blog	117
Ilustração: 7 Pagina inicial do blog	117
Ilustração: 8 Atividade Desenvolvida em Sala pelo aluno Manoel da Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro.	123



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1. CAPÍTULO I.....	24
1.1. AS FAMÍLIAS NEGRAS NO SÉCULO XIX E O REFLEXOS NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS.....	24
1.2. POPULAÇÃO NEGRA DO SUL DA BAHIA NO SÉCULO XIX.....	35
1.3. FAMÍLIAS ESCRAVIZADAS, ENSINO DE HISTÓRIA E RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS	45
1.4. AS FAMÍLIAS RACIAIS NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ENSINO TRANSGRESSOR A PARTIR DOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS SERIADOS.....	51
1.5. ENSINO DE HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA LIBERTADORA, INTERCULTURA E ANTICOLONIAL.....	54
2. CAPITULO II	63
2.1. ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE, ESPAÇOS DE INTERAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS.....	63
2.2. CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS ESCOLAR.	65
2.3. A ESCOLA NA COMUNIDADE, ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA.....	69
2.4. CONTEXTO DA EDUCAÇÃO EM PORTO SEGURO	77
2.5. OS PROFESSORES E PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL EM PORTO SEGURO	78
2.6. A ESCOLA E A PRECARIZAÇÃO NO ENSINO EM PORTO SEGURO	81
2.7. QUAIS OS SABERES DOS ALUNOS DO 7º ANO VESPERTINO TÊM SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO E FAMÍLIA? E COMO SÃO AS SUAS FAMÍLIAS?	84
3. CAPÍTULO III.....	96
3.1. PENSAR A ESCOLA, PENSAR A EDUCAÇÃO: USO DA TICS NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	96
3.2. ENSINO DE HISTÓRIAS E SUAS PERSPECTIVAS	97
3.3. USO DA TICS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.	101
3.4. CONSTRUÇÃO DO BLOG COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	113
3.5. A UTILIZAÇÃO DO BLOG NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	117
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
5. REFERENCIAS.....	128



1. INTRODUÇÃO

Toda prática educativa implica numa concepção dos seres humanos e do mundo. A experiência nos ensina que nem todo óbvio é tão óbvio quanto parece. (Paulo Freire)

A prática educativa me transformou em cidadão consciente que minha resistência é condicionada ao meu aprendizado. Paulo Freire dialoga através das práticas educativas a constituição dos seres humanos, ele buscou através de seus estudos a libertação das pessoas e torná-las em seres pensantes capazes de compreender o seu tempo.

Há uma questão que me perturba até os dias atuais, o fato de não conseguir lembrar das aulas de história do ensino fundamental e ensino médio. Ainda não cheguei a uma conclusão para tal esquecimento, mas, penso que, talvez as aulas de história não tenham sido tão significativas para que eu possa recordar.

Pollak (1992) comenta sobre a memória seletiva afirma “que a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, assim, os elementos que compõe a memória são os fatos vividos pelo sujeito, seja individual ou em grupo.”¹ O pensamento desse autor corrobora com meu questionamento, pois, lembro da escola no ensino fundamental II e Ensino Médio, dos colegas, de alguns professores (poucos de história) e outras coisas, como jogos e feiras científicas, mas não consigo lembrar das aulas de história.

Diferentemente da educação básica, as aulas no curso da graduação eu consigo me recordar, bem como ao meu processo de ensino e aprendizagem. Convém ressaltar que a graduação é algo mais recente. Isso ocorra talvez em decorrência de um processo maior de amadurecimento pessoal, intelectual e experiência de mundo. Dentre os elementos que me recordo mais, são as aulas que envolvia a temática da escravização dos homens negros e mulheres negras, principalmente nos componentes do eixo Brasil. Por afinidade a essa temática optei

¹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212



em ingressar no estudo desse tema desde o quarto semestre do curso de licenciatura em história na Universidade Estadual da Bahia, campus XVIII.

Começo com esse relato de experiência, refletindo sobre meu processo de formação no ensino fundamental e médio, para dizer que o componente curricular de história embora me ajudou a crescer intelectualmente e como cidadão, os elementos com as quais ela dialoga não ficou marcado em minha memória ao ponto de não me recordar das aulas. Também é importante mencionar que sempre fui um aluno trabalhador e que a maior parte da minha formação foi no período noturno, pois tinha que trabalhar durante o dia para ajudar no meu sustento. Não quero criticar negativamente aos meus professores de ensino básico, mas apenas refletir os motivos do esquecimento. Vale salientar que terminei o Ensino Médio em 2009 quando a lei 10639/03 já estava implementada, quanto a lei, saliento que nesse período não estava totalmente praticada e no ensino de história não era diferente, tendo em vista que, atualmente ainda é notório, que há uma grande deficiência ou dificuldade de implementação no ensino das temáticas relacionadas aos africanos e seus descendentes no Brasil.

A Lei Federal 10.639/03 e posteriormente alterada pela Lei 11.645/2008, que trata da obrigatoriedade de abordar no ensino de história, a história dos africanos e seus descendentes no Brasil e na África, modificou a Lei de diretrizes e Bases da educação brasileira e essas alterações feitas na LDB, busca um ensino que valorize as experiências positivas e referencie a população negra. Assim, conhecer suas histórias, contribuem para a construção de outras subjetividades.

Desse modo, as leis 10639/2003 e 11.645/2008, trouxeram outra perspectiva para a prática de ações afirmativas que visem a transformar a educação e elucidar a discriminação social sobre os indivíduos negros, quilombolas e indígenas. Essas leis, na medida em foram sendo aplicadas, criaram bases descolonizadoras, inserindo no ensino brasileiro a relevância da participação dos sujeitos que antes foram esquecidos pela história. Para Oliveira; Silva (2017) “a eficácia da lei se dá na mudança de práticas discursivas e na descolonização dos currículos da educação básica e superior em



relação à África e aos Afro-brasileiros.² Dessa forma, as leis mencionadas, impõe a participação desses sujeitos na construção da sociedade brasileira, prevê que elas sejam debatidas nas instituições de ensino de todo país.

Para haver uma mudança efetiva e eficaz, se faz necessário a mudança de mentalidade, inserindo valores antirracistas de forma que possibilitam formar novos conceitos diante de tais comportamentos estereotipados em relação à cultura Afro-brasileira bem como em relação à população negra.

Santos (2013) ao comentar sobre a implementação dessas leis, diz que apesar de todo o avanço nas políticas públicas, na legislação, ainda há muitas dificuldades a serem superadas para que as instituições educacionais realizem com propriedade o ensino da temática para propiciar práticas curriculares interculturais.³ Já Felisberto e Riso (2014) “dizem que nessa primeira década a lei não avançou, ficou a cargo de iniciativas isoladas de professores e educadores.”⁴

Umas das grandes dificuldades na disseminação desses novos temas no ensino de história, perpassa pela produção e socialização de materiais didáticos sobre a temática. No entanto, há sinais de mudanças para Muller (2018), ao comentar sobre a produção de material didático no Brasil, diz que,

Podemos afirmar, a partir da leitura das produções acadêmicas, que a alteração do artigo 26.^a da LDB/1988, após promulgação da Lei nº 10.639/2003, trouxe algumas mudanças de caráter quantitativo nos conteúdos escolares e no Livro Didático sobre a inclusão da história e cultura negra e da África. Porém, essas transformações ainda não podem ser consideradas significativas e impactantes na cultura escolar, pois podem ser compreendidas apenas para atendimento e

² OLIVEIRA, Míria Gomes; SILVA, Paulo Vinícios Baptista. Educação Étnico-Racial e Formação Inicial de Professores: a recepção da Lei 10.639/03. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 183-196, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661123>. Acesso em: 25 de mar. 2019.

³ SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento negro**. Disponível em: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*.

⁴ FELISBERTO, Fernanda; RISO, Ricardo. Literatura negro-brasileira: diálogos conceituais e mercado editorial na primeira década da lei 10639/2003. In: **A lei 10639/2003, pesquisa e debate**. São Paulo. Editora e livraria Física. 2014.



adequação à demanda legal, ou seja, ao PNLD e o cumprimento legal (MULLER, 2018).⁵

Diante dessa problemática, o que se almeja é a transformação dessas práticas em direção a uma educação intercultural. A construção de práticas educativas que privilegiem estudos e pesquisas baseados nas relações interétnica nos espaços educativos formais, torna-se urgente, pois, significa compreender a educação como parte do processo de desenvolvimento dos sujeitos e não apenas para cumprimento de requisitos legais.

Assim, tais mudanças requeridas pela lei, perpassa por inúmeros fatores, sejam eles sociais, práticas pedagógicas e na aplicação de políticas públicas, no entanto, passados alguns anos após sua criação, ainda se percebe um ensino de história deficitário no que se refere a história da África e dos afro-brasileiros. Mas, essa deficiência já vem sendo apontada há muito tempo por escritores e escritoras brasileiros e brasileiras, como Maria Auxiliadora Schmidt (2008), para ela algumas mudanças já foram implementadas na formação de professores, mas ainda não são satisfatórias. Ainda acrescenta,

Um grande conjunto de variáveis pode ser responsabilizado pelo relativo insucesso da renovação do ensino de História, destacando-se principalmente, o descaso a que vem sendo submetida a educação brasileira por parte das autoridades governamentais. [...] É nesse contexto que podemos falar do significado da formação de professores e do cotidiano da sala de aula, do seu dilaceramento, embate e fazer histórico. (SCHMIDT, 2008).⁶

Diante de uma implantação parcial da lei da lei nos primeiros dez anos, há a reprodução de um discurso unilateral, em que as diferenças são ocultadas e omitidos em relação às problemáticas referentes à formação social e cultural dos brasileiros. Esse posicionamento é tido como violência simbólica, processo pelo qual o grupo que domina economicamente impõe sua cultura. Por outro lado, a implementação da lei 10.639/03, traria as mudanças significativas aos currículos escolares, visto que os materiais didáticos utilizados em sala de aula contemplariam temáticas relacionadas

⁵ MULLER, Tania Maria Pedrosa. **Livro didático, Educação e Relações Étnico-raciais: o estado da arte.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 77-95, maio/jun. 2018

⁶ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A Formação do Professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2008.



à cultura afro-brasileira, o que contribui para que os afrodescendentes reconheçam suas origens, sua ancestralidade e assim fortaleçam suas identidades (MUNIZ, 2017)⁷

Ao refletir a partir fala de Schmidt, me questiono qual foi o processo de formação continuada que meus professores de história tiveram? Como foi a implantação dessa lei na escola que estudei? A partir do meu relato de experiência enfatizo que o processo de formação no ensino básico precisa ser fortalecido e modificado, embora já tenha mais de uma década que saí da educação básica. Não quero dizer que exista uma fórmula secreta para o ensino desse componente curricular, mas, ela precisar ser significantes nas vidas de milhares de estudantes, contribuindo em seus processos de formação de seres pensantes e livres.

Diante deste cenário de esquecimento, precisamos inserir na educação a cultura afro-brasileira e de seus descendentes, contemplando a participação desses sujeitos como indivíduos que foram capazes de se organizarem, formarem redes de cooperativismo e laços familiares, assim, buscamos a valorização das representações étnico-raciais no ensino de história.

Todavia, ainda há um longo caminho a ser trilhado, visando realocar o ensino de tais temas em diversos períodos do ano letivo, visto que se faz necessário compreender a importância de se debater a realidade em que se vive para além de datas comemorativas a exemplo das atuações de professores e professoras com ações afirmativas da cultura afro-brasileira que vem sendo debatidas em escolas ao longo ano letivo. Trazendo para sala de aula cada vez mais discussões acerca do tema, buscando nesse sentido realizar um trabalho amplo e pontual por uma educação antirracista e também formar sujeitos críticos munidos de saberes a respeito dos povos que estiveram presentes na construção do Brasil (SANTOS, 2013).⁸

Nessa dissertação, busquei contribuir com outras perspectivas para o ensino de história, utilizando principalmente a temática referente às famílias negras que foram

⁷ MUNIZ, D.H.A. **A implementação da lei 10639/03 no combate ao racismo na escola.** Universidade Cândido Mendes. IX FIPED. Desafios Pedagógicos de uma sociedade em transe. IX Fórum Internacional de pedagogia. III Seminário Nacional de Educação básica. 2017.

⁸ SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento negro.** Disponível em: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.*



escravizadas por mais de três séculos, suas perspectivas e seus dilaceramentos, bem como famílias de libertos e mistas. Ao abordar o contexto da família negra, trago as suas experiências nas quais suas lutas são significantes até hoje. Falo da constituição da família brasileira, na qual me incluo. Falo de mim, homem negro de pele clara, sendo filho de homem negro com mulher branca, casado a 12 anos com a mesma companheira e sem filhos. Sim, optamos em construir uma família sem filhos até possamos concluir nossos estudos ou ter certa estabilidade econômica, e essa, é uma pergunta que respondemos com frequência a muitas pessoas que nos questiona acerca da paternidade, pois, é comum em minha família a experiência de casar e logo ter filhos ou para as meninas casarem grávidas. Essas questões familiares que permeia minha família, contém alguns elementos que também se constituía nas famílias escravizadas e/ou libertas. Portanto, dissertar sobre essas pessoas, contempla também a minha história e de minha família.

Meu objetivo foi potencializar uma educação antirracista na turma de 7º ano da Escola Municipal Governador Paulo Souto. Assim, lecionei trazendo algumas trajetórias de alguns personagens que foram invisibilizados na história dita oficial do Brasil, como os casos narrados por historiadoras e historiadores que pesquisaram a população do Sul da Bahia e alguns personagens que encontrei pesquisado nos registros de batismos na vila de Feira de Sant'anna a partir da terceira década do século XIX, essas pessoas serviram como elemento que nos permitiu lecionar as famílias negras escravizadas, livre e libertas das famílias mistas, formadas pessoas livre e escravizadas.

Nessa perspectiva de humanização, que utilizei a obra de Paulo Freire no intuito de ressaltar a libertação ou a humanidade dessas pessoas que foram escravizadas e que muitas vezes foram negadas, pois, sempre foram vistos como seres associado somente ao trabalho escravo. Freire ressalta que ninguém melhor que os oprimidos para compreender os significados das sociedades opressoras, conclui que, os oprimidos, não obterão a liberdade, senão procurando em suas práxis e reconhecendo nela que é necessário lutar para consegui-la. Dessa forma, que propôs ao discorrer sobre esse tema, foi buscar os reconhecimentos das práxis dessas pessoas e suas lutas pela liberdade, pela construção de laços afetivos, pela



manutenção e permeâncias, resistindo aos ataques dessa sociedade racista que insistem em oprimir e matar os negros e negras nessa país.

Nessa dissertação, utilizei o termo de Família negra na perspectiva de Isabel Cristina Reis (2007), quando ela propõe que famílias são formadas por diversas formas desejadas, constituídas por homens e mulheres vivendo como uma família oficializada ou não. Portanto, ao utilizar o termo famílias negras, me refiro as diversas formas de famílias formadas pelos escravizados e escravizadas, negros e negras livres ou libertos.

O produto dessa pesquisa é a construção de um blog como estratégia didática para uma educação antirracista. O blog www.arquivodahistoria.com se configura numa importante portal de conhecimentos, nele ficará disponíveis práticas educacionais e os textos produzidos e utilizados nas aulas. Também é possível encontrar uma sequência didática para seis aulas, links de vídeo clips que dialogam com temática do cotidiano e das famílias de pessoas negras e dos e seus descendentes, alguns livros em PDF e recomendações para utilização do site Familysearch.org⁹ por alunos, alunas, professoras e professores que desejam ingressar nas pesquisas ou conhecer mais sobre a história da população negra, ou que desejam utilizar as fontes presentes em seu acervo no ensino de história.

Ao utilizar o blog como ferramenta pedagógica, penso nele como algo que possibilita a disseminação do conhecimento e um facilitador, o mesmo pode ajudar a estudantes e professores a desenvolver competências e habilidades e se apropriar dos conhecimentos sociais, políticas, econômicas e culturais de forma direta e democrática.

No entanto, cabe ressaltarmos que a qualidade e oferta de internet banda larga em alguns locais do Brasil e alguns fatores econômicos e sociais, pode inviabilizar que esses sujeitos não tenham acesso a tais informações e isso não concretizar que eles não tenham acesso às informações, como os casos de alguns alunos e alunas da turma de 7º ano vespertino da Escola Municipal Governador Paulo Souto.

⁹ FamilySearch é uma organização de pesquisa genealógica mantida pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nesse site é possível encontrar uma infinidade de fontes escaneadas que estão disponíveis para quaisquer pessoa.



Minha pesquisa visa a possibilidade de ensino da história das famílias negras oitocentistas como uma possibilidade para contribuir para um ensino antirracista, utilizando também as fontes documentais (registros de batismo de escravizados e de casamentos). Ainda podemos pensar que a utilização das fontes documentais no ensino associado a temática da história das famílias negras pode contribuir para um ensino de história antirracista. Pois, através das fontes, podemos deslumbrar que os homens e mulheres, embora estavam renegados ao escravismo, eles também faziam certas escolhas e nos permite ver suas lutas e negociações pelas liberdades, bem como as relações familiares eram relações de afeto que eram importantes para eles, Nas aulas trabalhamos com personagens negros e negras e fontes históricas em sala de aula, o resultado dessa experiência será longamente debatido no segundo e terceiro capítulo dessa dissertação.

O projeto de intervenção, que inicialmente foi pensado para ser desenvolvido numa escola de Eunápolis de forma presencial, mas, devido a pandemia causada pelo Coronavírus, ele precisou ser adaptado para os formatos de aulas assíncronas e síncronas, no projeto, propôs através de uma sequência didática, a inserção da temática que inclui as famílias negras no ensino de história, numa proposta antirracista e libertadora. O modelo de sequência didática tem como princípio norteador, a perspectiva da professora Isabel Barca (2004) quando ela apresenta uma proposta de aula oficina. Pensei numa sequência didática com cinco aulas/oficinas. Mostrei a trajetórias de algumas famílias escravizadas no século XIX afim de entender como era a permanência dessas famílias no período escravista no Brasil.

Ressalto que no momento em que apliquei essa sequência de aulas, o mundo passava por uma epidemia nunca vista em nossa história recente, logo, o modelo de aula assíncrona e síncrona foi utilizado para aplicação dessa sequência. Visto que nem todos os estudantes possuíam acesso à internet, pensei em alternativas para não excluí-los. Assim aqueles que não tiveram acesso à internet puderam pegar o material na escola e devolver posteriormente com as atividades respondidas. Os resultados dessas aulas serão apresentados nos próximos capítulos dessa dissertação.



Esse trabalho dialoga com o pensamento decolonial que tem buscado novas abordagens para o ensino de história, pois, aqui, busco a inserção dos sujeitos escravizados como pessoas que não escolheram essa condição de vida, mas, devido a um processo violento de escravização foi sujeitado a essa condição. Aqui, penso a colonialidade como projeto de dominação colonial que estabeleceu diferenças entre sujeitos históricos. Para Costa e Grosfoguel (2016) o projeto decolonial reconhece a dominação colonial nas fronteiras/margens dos impérios. Portanto, “foi o colonialismo que estabeleceu uma divisão de privilégios, de experiências e de oportunidades entre negros e brancos, populações indígenas e brancos, tal como exemplifica a história do Brasil. Os autores, defendem que o pensamento de fronteira e decolonial seja uma alternativa a concepção “eurocêntrica da modernidade, e acrescenta que:

O Brasil, em decorrência dos projetos de ações afirmativas em curso nas universidades públicas do país desde o início desse milênio, depara-se com a possibilidade de incorporar a experiência negra e indígena não apenas na formulação de conhecimento, mas também na busca de soluções para os problemas que enfrentamos. A partir deste *locus* epistêmico, podemos construir um pensamento decolonial em âmbito nacional, assim como podemos construir um diálogo intercultural com outros sujeitos que vivenciam processos de subordinação no sul global. (COSTA, GROSGOUEL (2016).¹⁰

No intuito de contribuir para o debate acerca dessa colonialidade que busco nos estudos de Paulo Freire, a didática metodológica para o ensino de história em que seja contemplada nos processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, buscamos a interação participativa, dos alunos, das alunas dos professores e das professoras, dessa forma todos e todas aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade da escola. Dessa forma, também é um processo de autoaprendizagem, pois, também aprendo enquanto estou ensinando. Ao buscar na professora bell hooks o aporte pedagógico, encontrei as estratégias para ver os alunos e alunas como sujeitos integrados a sociedade e fazer o processo de escuta, permitindo que possam ver suas famílias a partir do olhar delas.

¹⁰ COSTA, Joaze Bernadino, GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Revista Sociedade e Estado – Vol. 31 Nº 1 Janeiro/Abril 2016



Nessa dissertação busco a contribuição para a função da história, que tornar as pessoas munidas de saberes capazes de refletir sobre suas práticas, dessa forma, através da história, os alunos e alunas possam pensar sobre suas famílias, sobre suas atuações, fazer comparações com as famílias negras e dos seus laços afetivos.

Em Paulo Freire¹¹ encontrei as bases para uma educação humanizada, fazendo com que os sujeitos que sempre foram oprimidos pela historiografia possam ter protagonismo no ensino transgressor. Assim como bell hooks¹² encontrou em Paulo Freire a inspiração, também encontro nela o entusiasmo para trabalhar na perspectiva libertadora e transgressora, a partir dos seus ensinamentos é possível buscar os diálogos, formas de ensino e aprendizagem, entendo que o ensino é a saída para a construção de uma sociedade mais livre, menos preconceituosa e descolonizada. Ainda busquei trazer os homens e mulheres escravizados e/ou libertos como protagonistas, sendo eles e elas a motivação para a pesquisa e o ensino dessa temática.

No primeiro capítulo discuti sobre as pesquisas realizadas no sul da Bahia por Alane Fraga do Carmo (2010), Francisco Cancela (2012), Francimaura Coutinho Mendes (2014), Joceneide Cunha dos Santos, Jamilly Bispo Laureano (2017) numa perspectiva de enfatizar as lutas pela liberdade, as lutas pós liberdade, as lutas pelos direitos e as lutas contra a escravidão, também dissertei sobre os laços familiares e afetivos criados pelos homens e mulheres no período escravista. Também discorri sobre o ensino de história e suas perspectivas no âmbito das novas abordagens. Trabalhei sobre as propostas teórico metodológica a partir de conceitos como decolonialidade e interculturalidade para nos situarmos nas recentes discussões acerca das temáticas racistas impregnadas em nossa sociedade.

No segundo capítulo, dissertei sobre a turma de 7º ano vespertino da Escola Governador Paulo Souto e o contexto da violência encontrada nas comunidades no entorno da escola. Busquei refletir sobre os principais problemas enfrentados pela comunidade escolar, no intuito de refletir os percalços da educação em Porto Seguro.

¹¹ FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ªed., Paz e Terra, Rio de Janeiro 1981.

¹² HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2013



Discorri sobre o perfil da turma a partir das respostas dos alunos e alunas através do Google Forms.

No terceiro capítulo, utilizei como fonte, as diversas atividades feita pelos alunos e alunas, além dos comentários postados por eles e elas no blog, no intuito de dar mais ênfase na humanização das pessoas que foram submetidas a trabalhos forçados, durante a escrita, substituir o nome dos alunos e alunas nessa dissertação, pelo nome dos homens e mulheres que foram escravizados encontrados nas pesquisas e/ou citado nos textos. Nesse capítulo apresento a proposta de aulas sequenciadas aplicadas na escola citada, também fiz uma discussão sobre o ensino de história que utiliza as Tecnologias da Informação e Comunicação nas salas de aula, bem como o uso das fontes históricas nas aulas de história. Discuti a proposta da criação de um blog para disponibilização e divulgação de matérias paradidáticos, além da proposta de aulas e pesquisa. Dissertei sobre a experiência de utilizar a TICs nas aulas de histórias e na turma de 7º ano vespertino na Escola Municipal Governador Paulo Souto, analisando alguns aspectos do processo e me avaliando. Por fim, também tinha o intuito de divulgar essas experiências para outros educadores para que eles possam se apoderar dela.



1. CAPÍTULO I

1.1. AS FAMÍLIAS NEGRAS NO SÉCULO XIX E O REFLEXO NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS

A presença das famílias escravizadas na sociedade brasileira é objeto de muitas pesquisas, autores como Stuart Schwartz, Joceneide Cunha, Robert Slenes e Izabel Cristina Reis, Solange Rocha dentre outros pesquisadores. Esses autores realizaram importantes estudos sobre as famílias escravizadas no Brasil. De fato, essa família (re)existiu e contribuiu para a discussão das relações étnicas raciais no Brasil.

As questões étnicas raciais são discutidas no Brasil desde o século passado. Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* (1933) classificou o povo brasileiro como uma raça miscigenada. Ainda apontou que, essa miscigenação é fruto do cruzamento das raças, foi específico ao apontar a mistura de negros, índios e branco, este último, o europeu. Desse pensamento surge a ideia de que não existia o racismo no Brasil. Para Silvio de Almeida (2019)¹³ “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social e econômica”. Diante disso, o racismo está presente em várias instituições formativas, educativas, nos poderes e nos diversos seguimentos da sociedade.

Mas nem sempre foi assim, por alguns anos, no Brasil mantiveram o discurso de que não havia racismo aqui. Para Abdias do Nascimento (1978)

[...] emergiu-se no Brasil o conceito de *democracia racial*: segundo esta, tal expressão supostamente refletiria determinadas relações concretas na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos conviviam harmoniosamente, desfrutando de iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas (NASCIMENTO, 1978).¹⁴

Na perspectiva de igualdade racial, o Brasil era visto pelas Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura - UNESCO como um paraíso racial, onde as relações entre negros e brancos eram harmoniosas e sem nenhuma

¹³ ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**, São Paulo: Sueli Carneiro, Polém, 2019.

¹⁴ NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Terra e Paz, Rio de Janeiro, 1978.



discriminação entre eles”.¹⁵ Assim, o preconceito e a discriminação racial se perpetuaram com as diversas formas de violência que ainda é submetida aos sujeitos de pele negra, e isso, é uma herança das práticas e discurso que subjogam essas pessoas desde o Brasil escravocrata. De tal modo, podemos afirmar que o processo de miscigenação foi uma violência praticada contra os povos nativos, contra negros e negras escravizadas no Brasil.

Historicamente o conceito de família está sempre relacionado ao conjunto de pessoas formado pelo homem (instituído como marido), pela mulher e pelos filhos. No Brasil escravista, essa concepção de família não foi diferente. Para Gilberto Freyre “o processo da formação social da família brasileira tem suas origens do modelo rural ou semi-rural muito influenciada pelos colonizadores de moral predominantemente católica.”¹⁶ No entanto, existiram outros arranjos familiares que tão pouco eram considerados união entre homens e mulheres. A historiografia demonstra que mulheres e seus filhos consumaram ou formaram famílias nas senzalas, ou nas unidades escravista. Reis (2007) argumenta que a família negra na Bahia do século XIX, era diversificada, podendo ser formada de várias configurações.

Os modelos de famílias descritas Isabel Reais, é facilmente encontrado atualmente no Brasil, conforme o IBGE demonstra na tabela 01 (abaixo), as variações dos arranjos familiares são diversificadas, sendo que a família nuclear formada por homem, mulher e filho tem apresentado uma redução significativa desde 2001 até 2009, último ano registrado na pesquisa. Freitas e Oliveira (2016) trouxeram outra explicação para o termo família, assim os autores dizem que “no senso comum, o sentido de família está imediatamente ligado a laços de sangue ou relações biológicas.” No entanto, eles entendem que, família também é como um sujeito histórico, ou seja, “uma entidade múltipla e variável” que cria uma ideia, toma a decisão de efetuar-la ou que executa uma ação histórica.¹⁷ Portanto, afirmar que a

¹⁵ SILVA, Roberto da; TOBIAS, Juliano da Silva. A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Brasil, n. 65, p. 177-199, dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i65p177-199>.

¹⁶ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Editora Global, 48ª ed. São Paulo. 2003.

¹⁷ FREITAS, Itamar; OLIVEIRA, Margarida Maria dias. Fronteiras: Revista de História Família como sujeito da historiografia didática sobre o contemporâneo e o tempo presente. **Fronteiras Revista de História**. Dourados, MS | v. 18 | n. 31 | p. 322 - 338 | Jan. / Jun. 2016



família era formada somente por união oficializada pela Igreja Católica entre homens e mulheres, podem contribuir para a prática discriminatória acerca da família negra.

No Brasil colonial, a Igreja Católica funcionava como órgão oficial do governo, era responsável por oficializar os acontecimentos humanos, o nascer, o casar e o morrer. Responsável por fazer de alguns documentos tais como: registros de batismos, de casamentos, de óbito entre outros. Esses documentos possuíam valores jurídicos perante a Igreja e o Estado. *Nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, publicado em Lisboa, Portugal em 1719, continha todas as normas a serem seguidas para se consumir um casamento, formar uma família e batizar os filhos. Nesse sentido, a falta de requisito mínimo para atender os padrões exigidos pela Igreja impedia a formação de famílias constituídas de legitimidades.

Embora os documentos oficiais do governo colonial e imperial exigiam regras para as uniões familiares, algumas pesquisas demonstram que nas senzalas, os escravizados se reuniam e formavam arranjos familiares, que essas famílias contribuíam para resistir contra a escravidão. Tais práticas poderiam transgredir as normas impostas pela sociedade conservadora desse período. Assim, os casamentos ilegítimos eram reprimidos pelos senhores escravistas, segundo Schwartz (1988):

Havia, por exemplo, uma política em geral não escrita, mas amplamente praticada de restringir o universo social do cativo, confinando-o, quando possível, ao perímetro do engenho, fazenda de cana ou unidade escravista. Tal política limitava drasticamente as oportunidades familiares para os escravos, especialmente em propriedades menores, onde havia poucos parceiros disponíveis ou onde poderiam ser parentes consanguíneos (Schwartz 1988)¹⁸

Assim, senhores escravistas e as instituições controladoras decidiam sobre a vida dos homens e mulheres, impediam a formação de famílias e por muitas vezes interferiam nelas, separando-as conforme sua vontade. Desse processo violento, as possibilidades da paternidade planejada foi algo extremamente difícil.

Assumir a paternidade de um filho no Brasil, nem sempre foi algo concreto para milhares de homens que simplesmente engravidaram suas parceiras sexuais e na maioria dos casos, a mulher não contou com seu parceiro durante a gestação e

¹⁸ SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos**: Engenho e escravos na sociedade colonial. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª ed. 1988.



criação dos filhos, isso porque o advento da escravização por muitas vezes não permitiu que isso fosse possível. Cabe ressaltar que, mesmo que as normas do catolicismo impedissem o registro do nome dos pais, não significa que muitos pais não estivessem presente na criação de seus filhos. Por outras vezes, essas mulheres foram violentadas por parceiros sexuais indesejados e com níveis hierárquicos superior, com isso afirmo que a violência sexual também fazia parte da vida cotidiana de milhares de mulheres escravizadas. Por outro lado, as exigências de certos requisitos inviabilizaram e/ou restringiu a legitimidade da formação familiar durante o período escravocrata brasileiro, fizeram com que inúmeras mulheres escravizadas tivessem filhos e seus pais não foram reconhecidos nos documentos oficiais.

No regime de normas escravistas, os nascidos oriundos de união não oficializada pela Igreja eram classificados como filhos naturais, como se a mulher tivesse a capacidade biológica de sozinha gerar uma criança. Percebe-se que as normas impostas pela Igreja Católica dificultaram que muitos pais não registrassem seus filhos, pois, não tinham uma família legitimada pelas normas do catolicismo. Dessa forma, é possível que essas práticas que se perpetuou por um longo período no Brasil, tenha deixado um legado maldito no Brasil, tendo em vista que existem muitos homens que não reconhecer seus filhos. Segundo a revista Exame, em 2013 existia no Brasil, mais 5,5 milhões de filhos sem o nome do pai nos registros¹⁹.

Tabela 1: características dos arranjos familiares brasileiros

Ano	Família Unipessoal (%)	Casal c/ filhos (%)	Casal s/ filhos (%)	Mulher s/ Conge c/ filhos (%)
2001	9,2	53,3	13,8	17,8
2002	9,3	52,8	14,1	17,9
2003	9,9	51,5	14,4	18,1
2004	10	50,9	14,6	18,2
2005	10,4	50	15,1	18,1
2006	10,7	49,4	15,6	18,1
2007	11,1	48,9	16	17,4
2008	11,6	48,2	16,7	17,2
2009	11,5	47,3	17,4	17,4

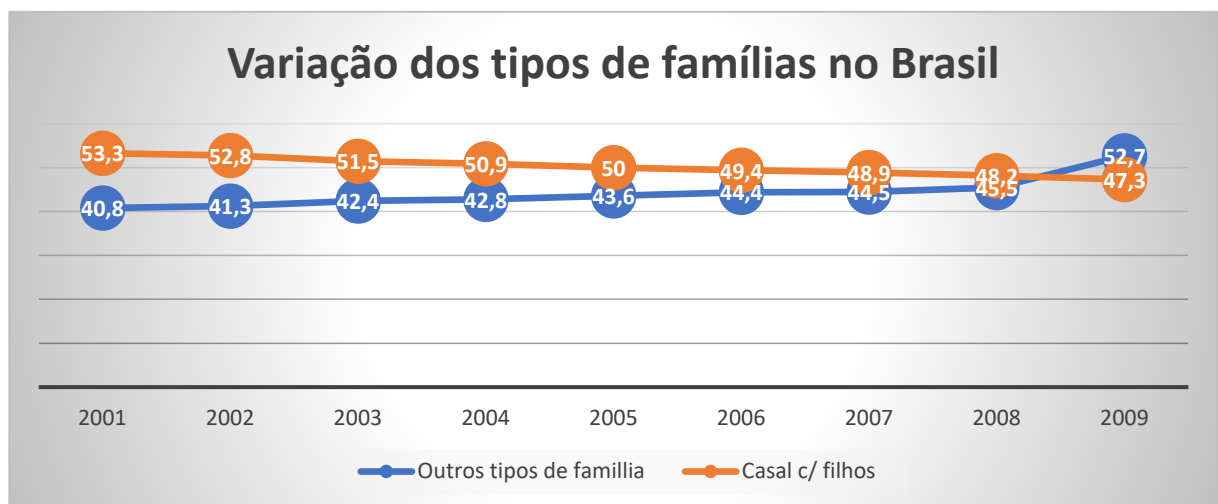
Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001-2009.

¹⁹EXAME. **Brasil tem 5,5 milhões de crianças sem pai no registro.** Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-tem-5-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro/>. acesso em: ago. 2019.



Os dados do IBGE demonstram que a família brasileira, em classificação por tipo, expressiva parte das segue o modelo tradicional, homem, mulher e filhos (47,3% em 2009), no entanto outros modelos de família formam a maioria da população (52,7% em 2009), assim como o expressivo número de mulheres que criam seus filhos sozinhas.

Gráfico 1: variação dos arranjos familiares no brasil



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001-2009.

No gráfico 1, atualizado até o ano de 2009 pelo IBGE, percebe-se uma mudança na tendência da formação familiar, enquanto o modelo tradicional tende a diminuir, outros arranjos familiares (Família Unipessoal, Casal sem filhos, Mulher sem Conge com filhos) apresenta um crescente número desde o ano de 2001. Isso demonstra uma mudança estrutural na formação familiar. Essa mudança deve ser levada em conta as mudanças de posturas das pessoas, pois é comum, atualmente encontrar mais mulheres no mercado de trabalho do que em anos anteriores.

A constituição da família brasileira ainda é objeto de discursos equivocados, e provoca uma série debates preconceituosos, e esses discursos viabilizam a prática de preconceito familiar, em um evento do Sindicato da Habitação (Sercovi) em 2018 na cidade São Paulo, o então candidato a vice-presidência, General da reserva Antônio Hamilton Martins Mourão, disse que, “partir do momento que a família é



dissociada, surgem os problemas sociais que estamos vivendo e atacam eminentemente nas áreas carentes, onde não há pai nem avô, é mãe e avó.” Ainda conclui que a falta da presença masculina na família, cria-se uma “fábrica de elementos desajustados que tende a ingressar nas narco-quadrilhas”.²⁰ O discurso do atual vice-presidente do Brasil parece que fazer parte de uma escola equivocada, pois nessa mesma linha o então Ministro da Educação, Milton Ribeiro, afirmou que a família desajustada contribuía com a homossexualidade dos jovens no Brasil, ele ainda acrescenta, “acho que o adolescente que muitas vezes opta por andar no caminho do homossexualismo (sic) tem um contexto familiar muito próximo, basta fazer uma pesquisa. São famílias desajustadas, alguma falta atenção do pai, falta atenção da mãe.”²¹ O ministro demonstra a falta de sensibilidade e desconhecimento da situação do Brasil, tendo em vista que ao longo dos anos, milhares de negros e pobres são vítimas da violência urbana ou da repressão policial, que dilaceram e inviabilizando a paternidade ou assumir essa paternidade. Percebemos que o ministro não tem conhecimento da historiografia brasileira, pois, ela tem demonstrado que ao longo dos anos, a família brasileira, em sua maioria foi formada por mulheres e seus filhos.

A partir de discursos como estes, percebemos o quanto o Brasil ainda deve avançar nas discussões acerca das questões familiares. Mesmo diante de expressivos números de famílias formadas pela mãe e filhos (17% em 2009), ainda assistimos discussões com essas.

Na monografia que defendi no colegiado do curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual da Bahia - UNEB em 2018, fiz um levantamento nos documentos eclesiásticos na freguesia da Vila de Feira de Sant’anna entre os anos de 1830 a 1850, apresentado na tabela abaixo, constatei que, cerca de 90% das crianças encontradas na documentação não tiveram o nome do pai registrado no documento. O objetivo desse trabalho foi fazer um levantamento dos batizados nessa Vila de modo a entender a dinâmica do escravismo naquela Freguesia na perspectiva

²⁰ EXAME. **Mourão diz que família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados.** Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/mourao-diz-que-familia-sem-pai-ou-avo-e-fabrica-de-elementos-desajustados>. Acesso em: 02 set. 2019.

²¹ UOL. **Ministro da Educação atribui homossexualidade a 'famílias desajustadas'.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/24/ministro-da-educacao-atribui-homossexualidade-a-familias-desajustadas.htm>. Acesso em: 05 out. 2020.



de encontrar laços familiares. Os resultados encontrados refletem os números apontados pelo IBGE, quando aponta a diversificação nos arranjos familiares no Brasil.

Tabela 2: legitimidade x ilegitimidade entre os batizados na freguesia da vila de feira de sant´anna (1830-1850)²²

CONDIÇÃO	FILHOS LEGITIMOS		FILHOS NATURAIS	
Escravizado	151	8,6%	1737	91,4%

Fonte 1: Livro de batismo da Igreja Católica de Feira de Santana, livro 1831-1850.

Conforme apresentado na tabela 2, observando pelo número de filhos ilegítimos, a maioria das famílias vivia na “ilegitimidade”, podendo ser desfeita a qualquer momento por aqueles que tinham o poder de controlar seus destinos.

As incertezas da continuidade da família escravizada esteve presente em quase todas as unidades escravistas, conforme a historiografia tem demonstrado, os moldes dos desmantelos familiares poderiam até variar de uma região para outra a depender de como estava a economia e o período do século XIX, pois, a dinâmica de flutuação de compra e venda de escravizados dependiam da demanda por mão de obra em determinadas regiões.

Em 1863, na Vila de Feira de Sant´anna na Bahia, após a morte de seu senhor, a escravizada Domingas, cabra, comprou sua alforria por 800 mil réis e viu filho Manoel, crioulo, ser vendido e 400 mil réis. Domingas teve outros quatro filhos que possivelmente foi vendido antes de realizar o inventário.²³ Nesse caso, fica evidente que as famílias escravizadas resistiam na medida em podiam, e que não era protegidas pelo de estado brasileiro. A família Domingas, é reflexo das lutas encaradas pelos negros escravizados no Brasil colonial. Nessa pesquisa, constatei que, a dinâmica da escravidão na Vila de Feira de Santa na Bahia, na primeira metade do século XIX, transformou a vida de muitas pessoas escravizadas, no entanto, essas pessoas foram capazes de sobreviver e viver em meio ao sistema escravista em que

²² A Igreja Católica, por meio das Primeiras Constituições do Arcebispado da Bahia, considerava filhos legítimos aqueles fruto de uma relação consensual entre homem e mulher que tivessem realizado o matrimônio de acordo com as novas pré-estabelecidos.

²³ APEB. Sessão Judiciária. Inventário de Bens. Nº 1/206/302/8 (1856-1857) Feira de Santana Bahia



foram submetidos. Ainda assim, homens e mulheres formaram arranjos familiares oficializados ou não pela Igreja Católica. No entanto, o fato de muitas famílias terem resistido as diversas violências da escravidão, não afirmamos que foram suficientes para que todas as famílias pudessem seguir unida, ou mesmo para que muitos homens conseguissem assumir a paternidade de seus filhos, e para isso há pelo menos duas hipóteses que podemos indagar, a primeira é: muitos homens foram impedidos de assumirem a paternidade por motivos conjugais, ou seja, eram filhos fora do casamento, ou eram transferidos de região. Outra hipótese é: a Igreja Católica não permitiu a formação legal dessa família e muitos homens foram impedidos de registrarem seus filhos.

As famílias que viviam na Freguesia de Feira de Sant'Anna ou nas suas redondezas foram formadas predominantemente a partir de uniões não legítimas, ou seja, marido e mulher viviam em uniões consensuais ou as mulheres realmente criavam seus filhos sozinhas, dessa forma, elas são consideradas famílias não oficializadas. Assim, concluímos que, os arranjos familiares entre homens e mulheres escravizadas, oficiais ou não oficiais representaram uma resistência ao sistema escravista.

As principais razões para a desestruturação da família escravizada no século XIX que se tem observado estão sempre ligados ao tráfico interno de escravizados, a medida em que uma região demandava mais mão de obra cativa, a outra vendia escravizados, e assim a dinâmica da flutuação se modificava de acordo com o contexto econômico brasileiro. Outra importante ferramenta de dismantelo familiar está ligada à partilha de bens, esta, não depende de fatores externos, no momento da morte era visível a condição de bens dos sujeitos escravizados, nessa divisão, esses indivíduos eram alocados de acordo com o quinhão de pagamento que cada herdeiro ficaria. Para Florentino e Góis (2017):

A conjuntura em que se efetuava a partilha, por exemplo, era um elemento importante para a definição dos destinos de expressivas parcelas de famílias cativas, estando mais sujeitas nas fases de expansão da economia (...). Mais que isso, sem atrelá-la às flutuações



do tráfico negreiro, a estabilidade familiar era menor no âmbito dos pequenos planteis (FLORENTINO e GÓIS, 2017).²⁴

Nas grandes regiões de *plantation*, conforme aponta Slenes (2011), “os donos de escravizados raramente vendiam seus escravizados”.²⁵ Essa mesma perspectiva é apresentada por Florentino e Góes para as regiões fluminenses, para eles, as estruturas familiares na maioria das vezes eram mantidas após a morte do senhor, principalmente nas regiões de economia em expansão, os mesmos apontam que nas condições ideais, cerca de 90% das famílias permaneciam juntas.²⁶

Em outros locais, nem sempre a morte de um senhor escravista representava uma esperança ao escravizado, os mesmos, se viam sem saber o futuro diante de tantas incertezas, acreditamos muitas famílias negras eram separadas ao fazerem a divisão de bens nos atos de partilhas. Para Santos (2004):

Um momento tenso para os escravos era quando os senhores faleciam, pois, isto implicava na mudança de senhor, com possível afastamento de seus familiares e amigos e perderia todas as conquistas alcançadas com o seu antigo proprietário, uma vez que passando a pertencer a outro teria que negociar novamente, no cotidiano, alguns elementos anteriormente conquistados. Todavia, com a morte do proprietário havia a necessidade de se inventariar os bens para a posterior partilha e poderia então ocorrer uma negociação dos escravos com os herdeiros acerca da sua liberdade. Por isso a morte do senhor também poderia ser um momento oportuno para os cativos negociarem as suas liberdades (SANTOS, 2004).²⁷

Ao pesquisar nos inventários de bens de Francisco Albano Ferreira encontrei o caso da escravizada Domingas, que aproveitou a morte do seu proprietário para fazer a compra da sua alforria, mas viu seus filhos serem vendidos e dissociados de sua

²⁴ FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A paz na senzala: famílias escravas e tráfico no atlântico**, Rio de Janeiro, c. 1790-c 1850. São Paulo: Editora Unep, 2017.

²⁵ SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor: as esperanças e recordações na formação da família escrava**. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

²⁶ FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A paz na senzala: famílias escravas e tráfico no atlântico**, Rio de Janeiro, c. 1790-c 1850. São Paulo: Editora Unep, 2017.

²⁷ SANTOS, Joceneide Cunha. **Entre farinhadas, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em lagarto, província de Sergipe (1850-1888)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em:

https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2004._santos_joceneide_cunha_dos._entre_farin_hadas_procissoes_e_familias_a_vida_de_homens_e_mulheres_escravos_em_lagarto_provincia_de_sergipe_1850-1888.pdf. Acesso em: 15 out. 2017.



família, este caso exemplifica o que a professora Joceneide Cunha dos Santos argumenta na sua dissertação em 2004. Domingas provavelmente já teria pensado nessa possibilidade e acumulou ganhos suficientes para se libertar, mas ela viu seu filho Manoel ser vendido por 800 mil reis.

Outro caso também chamou atenção na minha pesquisa, como o caso ocorrido na fazenda Fonte Nova, com o falecimento do proprietário, Joaquim Pereira de Cerqueira em 1863, cerca de dez escravizados conseguiram comprar suas alforrias, ao todo, foram incorporados mais de um conto e oitocentos mil réis em dinheiro ao patrimônio com a venda dessas alforrias. Nesse caso, mostra que os escravizados pensavam na morte dos seus proprietários como um momento oportuno para realizarem a compra da sua alforria, pois, poderiam barganhar preços mais acessíveis, visto que, no momento de desespero os herdeiros pudessem estar precisando de dinheiro para pagar algumas despesas com funeral ou ainda por ser mais fácil para fazer a partilha do dinheiro. A venda de alforrias nas pequenas posses poderiam ser uma saída mais fácil na divisão de bens, visto que, esses proprietários que tinham até cinco cativos, e muitos herdeiros, vender toda a escravaria e dividir o dinheiro entre todos seria uma divisão mais fácil de executar, e isso pode ter motivado muitos herdeiros a forrarem seus escravizados antes da repartição dos bens. O que poderia ser bom para os escravizadores, representava uma oportunidade para os escravizados alcançarem a “liberdade”.

Nas regiões economicamente em expansão, a tendência era a permanência das famílias escravizadas unidas, já nas regiões de pouca expansão ou área de economia mista, área de agricultura ou criação de gado, as famílias escravizadas não permaneciam com todos os membros por mais de uma geração. Para Reis (1998):

A separação de indivíduos pertencentes a uma mesma família de escravos aconteceu com muita frequência e das mais variadas formas. O comércio de escravos, o aluguel de escravas para ama-de-leite e até mesmo a libertação de um de seus membros promoveram muitas vezes a desagregação da família, vitimando homens, mulheres e crianças (REIS, 1998).²⁸

²⁸ REIS, Isabel Cristina Ferreira. **História de vida familiar e Afetividade de escravos na Bahia do século XIX**. 1988. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador: Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998. Disponível em:



Dessa condição de subalternizada coube aos indivíduos resistirem as diversas violências e torturas que eram submetidas. Assim, se organizaram em quilombos, grupos religiosos, para resistiram a escravidão. Nessa esteira de desmonte familiar que vem desde os tempos da escravidão, reflete nos números que foram publicados pela revista Exame em 2013, uma quantidade assustadora de “filhos sem pai.” Assim, ao estabelecer essa relação, pensamos desde as práticas escravistas nas quais muitos pais foram impedidos de assumirem a paternidade ou quando o próprio sistema impedia que isso fosse possível, pois, em muitos casos, as famílias eram dissociadas, alguns nascidos eram oriundos de relações extraconjugais ou até mesmo filhos que foram gerados a partir de ato sexuais não consensual, ou seja, mulheres foram violentadas e deram à luz suas crianças. Dessa forma, por falta de um conjunto de normas jurídicas, muitos pais deixaram registrar seus filhos deixando a cargo somente das mães para criar seus filhos.

O escravismo brasileiro, foi marcado pelas relações de poder, sobretudo nos quesitos raciais, o contexto brasileiro que embora diferente dos Estados Unidos no século XIX, apresenta elementos que são sinônimos, os dispositivos de poder e racialidade imperava numa sociedade marcada pela imposição. Segundo Davis (2016).

A separação por meio da venda indiscriminada de maridos, esposas e crianças foi uma das terríveis marcas do estilo estadunidense de escravidão. [...], os laços amorosos e afetivos, as normas culturais que governavam as relações familiares e o desejo preponderante de permanecerem juntos sobreviveram ao golpe devastador da escravidão (DAVIS, 2016).²⁹

Como nos Estados Unidos, no Brasil escravocrata, as várias demonstrações de poder mostram que as famílias escravizadas não foram passíveis diante de tantas violências sofridas. Davis (2016) afirma que Herbert Gutman encontrou nos Estados Unidos resultados semelhantes ao Brasil, “inúmeras famílias foram desfeitas a força.”

https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1998._reis_isabel_cristina_ferreira_dos._historias_de_vida_familiar_e_afetiva_de_escravos_na_bahia_do_seculo_xix.pdf. Acesso em 02 dez. 2018.

²⁹ DAVIS, Ângela Y. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.



Eram vendidos como objetos, sem nenhum poder de escolha. Assim o advento da escravidão, deu ao homem branco o poder de interferir na vida e no cotidiano do escravizado. Carneiro (2005) disse que, “a escravidão corrompeu o valor do trabalho: compulsório para o escravo, não haveria como ser considerado de forma positiva sendo liberado para o senhor branco fê-lo viciado no ócio pela existência do escravo.”

Nessa perspectiva, o sujeito escravizado, não tinha nenhuma importância como sujeito humanizado, tinha valor somente enquanto força para trabalhar ou procriar, no caso das mulheres. Mais adiante, mostraremos através das pesquisas já realizadas, alguns aspectos da vida cotidiana de negros e negras livres e escravizadas na Bahia, com enfoque no Extremo Sul baiano, mostraremos como o advento do escravismo moldou as famílias negras e escravizadas, interferindo nas relações interpessoais entre os sujeitos, de tal forma que as relações de compadrio eram buscadas sempre que possível, sendo ela uma maneira de mobilidade social, resistindo os adventos escravistas.

1.2. POPULAÇÃO NEGRA DO SUL DA BAHIA NO SÉCULO XIX.

A população negra do Sul da Bahia durante o século XIX, foi diversificada, conforme tem demonstrado na historiografia, as pessoas vieram de diversas regiões do Brasil. Aqui, elas formaram laços de amizades, relações familiares e interferiram na economia regional, pois estes, compravam, vendiam e trocava seus produtos. Diante disso, é importante que elas sejam discutidas no ensino de história de forma que contribua no combate ao preconceito e na luta antirracista. Assim, buscamos construir uma narrativa contributiva para essa educação.

De forma geral, penso que a nova historiografia tem demonstrado que a pesquisa empírica trouxe grandes resultados para a história social no Brasil. Quando pensamos a escravidão no Brasil, logo vem à mente, os grandes centros escravistas como: oeste paulista, as regiões do fluminense, o recôncavo baiano e as Minas Gerais, no entanto, no interior das províncias, o sistema escravocrata também fez parte da vida de milhares de negros, negras e indígenas.

O mundo do trabalho e social dos escravizados sempre foi visto como algo em que a liberdade não era possível de ser alcançada, mas, ao contrário do que se foi



propagado, o mundo social do escravizado foi construído de relações que permitiam esses indivíduos, através das resistências, conquistassem pequenas liberdades. Aqui, buscaremos desconstruir algumas ideias que foi disseminado acerca da vida social dos escravizados, principalmente no Sul da Bahia. Assim, extrair dos diversos estudos já publicados sobre a população escravizada dessa região, alguns aspectos da vida social e o mundo do trabalho desses sujeitos, e questioná-los, busquei mostrar as diversas formas de resistências que fizeram parte das vidas dessas pessoas.

Na crônica, “*Abolição e Liberdade*” de Machado de Assis, narra a história de um jovem escravizado que foi liberto pelo seu senhor a poucos dias que antecederam a abolição da escravatura no Brasil, o último país latino-americano a livrar, formalmente todos os escravizados. Nessa crônica percebemos que há existência de rumores da publicação da famosa Lei Áurea, então havia o sentimento em alguns proprietários de escravizados que a liberdade, mais cedo ou mais tarde chegaria, no entanto, o senhor escravista, resolveu provar de bom moço e alforriar Pancrácio, um molecote escravizado.

As historiadoras, Joceneide Cunha e Francimaura Mendes (2016) ao escrever sobre as experiências da liberdade na Vila de Porto Seguro, apontaram que, essa era uma prática comum dos senhores escravistas, munidos com seus ideais paternalistas, pensavam que seus escravizados, esses, seriam eternamente agradecidos com esses atos de liberdade e os seguiam trabalhando com salários reduzidos ou prestando favores para o resto da vida. No entanto, elas ressaltam que em muitos casos esses escravizados buscavam outros meios de subsistência, deixando para trás toda essa vida paternalista e seguiam para outras regiões.³⁰ Observei que essa prática se configurava numa libertação forjada, criando novo sistema paralelo de exploração de mão de obra, pois, poderia sempre refletir nos baixos pagamentos condicionados aos atos de liberdade.

O sentimento paternal dos escravista com os escravizados permitiam que estes subjugassem as classes socialmente inferiores, ao tornar seu escravizado liberto e o mesmo escolher permanecer na mesma propriedade, para os ex-escravizados, não

³⁰ SANTOS, J. C & MENDES, Francimaura. Entre redes de solidariedades e lutas: a experiência das libertas na Vila de Porto Seguro (1873-1885). In: **Revista Gênero**, GÊNERO, Niterói. v.16. n.2. p. 33 - 54. 2016.



significa que este não tem escolha, mas pode ter sido vítima de uma relação familiar forjada. Nos Estados Unidos, Eugene Genovese (1988) fala de um sistema escravista mais humano, para o autor, na prática do direito, os escravizados teriam de ser tratados como humanos, não deveriam ser considerados como mercadorias. Segundo ele, alguns senhores não legitimavam os direitos dos escravizados, bem como muitos escravizados não sabiam dos seus direitos, então havia de ser respeitados os costumes de cada região. Se um escravizado cultivasse uma horta, se lhe retirasse esse direito, possivelmente haveria um conflito.³¹

Na vila de Porto Seguro, os escravizados e negros e negras livres ou libertos, tiveram atuação fundamental no desenvolvimento econômico da região, foram eles quem foram para o plantio, para a colheita, para a preparação e transporte de diversos produtos. Deste modo, a produção de produtos de subsistência, configurou forte dependência dos lavradores e, principalmente, à hegemonia da escravidão indígena. Esses sujeitos eram a espinha dorsal dessa economia regida pelo trabalho escravista ou com salários atrasados.

Nessa Vila, durante o século XVIII, teve sua expansão territorial alargada, o incentivo a compra de escravizado vinha de acordo com o potencial de produção nessas terras. Segundo o professor e historiador Francisco Cancela (2012), a agricultura era a principal fonte de riqueza para os moradores, ao afirmar que “seu produto trará dinheiro em abundância para [os colonos] comprarem todos os negros que lhes forem precisos para adiantar suas plantações e dilatarem seus cabedais”³²

A partir de vária prática dos colonizadores, os indígenas e negros foram submetidos as diversas imposições e castigos que buscavam “civilizar” a população, Cancela (2012) explica em sua tese que, ao tentar converter os indígenas aos padrões ocidentais e cristãos, também recorria a métodos violentos frente àqueles indivíduos considerados inconstantes, errantes e desobedientes, aplicando-lhes castigos físicos e penas pecuniárias, além da separação de suas familiares e da imposição de árduos serviços públicos. Dessa forma, os dominadores buscaram com toda força formar uma

³¹ GENOVESES, Eugene D. **A terra prometida:** o mundo que os escravos criaram. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988

³² CANCELA, Francisco Torres. **De projeto a processo colonial:** índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga capitania de Porto Seguro (1763-1808). Tese de doutoramento, Salvador, UFBA, 2012. pp.227-254.



sociedade moldada nos seus princípios europeus, ainda buscaram desagregar suas culturas, moldando essas pessoas. Portanto, essa população indígena, foram gradualmente transplantadas para esses novos padrões, cabe ressaltar que, esse processo não foi viabilizado a curto prazo, pois, os diversos grupos indígenas reagiram em diversas frentes que impossibilitava tais transformações na sociedade, no entanto, o sistema colonial dominou culturalmente nessa região, pois não é difícil de encontrar indígenas protestante e/ou com práticas do catolicismo. Com os escravizados, os processos não foram diferentes, visto que esses sujeitos foram trazidos para esta vila, somente para o trabalho forçado, aqui não era os seus lares, não conheciam essas terras, no entanto teriam que ser educados conforme a cultura europeia, sendo moldados nos valores cristianistas do catolicismo. Mas, conforme aponta a historiografia, esses indivíduos escravizados juntaram-se a grupos indígenas e resistiram diante de tantos ataques.

Diante de alguns aspectos que foram inicialmente abordados, refletimos que as vidas dessas pessoas escravizadas podem ser objeto de nossas análises. Eugene D. Genovese que, ao escrever em 1930 *“a terra prometida: o mundo que os escravos criaram”* nos Estados Unidos, disse que era impossível estudar os escravos separados dos seus senhores, penso que, no Brasil, também não é possível fazer esses estudos sem mencionar esses colonizadores, pois, a falta de fontes produzidas pelos escravizados inviabiliza os estudos dessas pessoas escravizadas sem mencionar seus escravistas, mas, assim como Genovese fez, é possível fazer uma historiografia humanizando esses sujeitos e nesse texto procuro ao máximo não escrever a história dos escravistas e dar ênfase nas vítimas desse sistema.

Pensando nessa abordagem e com base em vários estudos publicados sobre a população preta do Sul da Bahia, embora o sistema paternalista operante fizesse parte da vida nessa região, observei que os diversos escravizados e negros livres e libertos tinham suas vidas sociais dissociadas dos colonizadores. As pesquisadoras Joceneide Cunha e Francimaura Mendes (2016), ao analisar os aspectos sociais da Vila de Porto Seguro, tratam de um testamento de uma africana Nagô, Rozarida que ao morrer, deixou um pequeno patrimônio que tornou possível realizar sua vontade pós morte. Nesse testamento, as historiadoras relatam que a ex-escravizada mantinha uma rede de relacionamento com diversas pessoas, na maioria das vezes, outros



escravizados ou livres e libertos. Elas contam que no testamento de Rozarida, está entre as suas vontades que o dinheiro arrecadado com a venda seus bens, depois do pagamento da alforria da sua filha, o dinheiro fosse destinado ao pagamento de suas dívidas com essas pessoas.

Para além dos casos mencionados pelas historiadoras, é importante ressaltar que, mesmo em situação de liberdade e até aqui, não sabemos como Rozarida adquiriu o pecúlio suficiente para juntar tal patrimônio, podemos especular que outras escravizadas também puderam acumular seus pecúlios fazendo diversos trabalhos e negociando com várias pessoas.

As redes de relações sociais que os sujeitos escravizados teceram entre eles e com pessoas livres, foi um ato de resistência ao sistema, entre eles, havia solidariedade e ajuda mútua que ajudavam a enfrentar o sistema escravista. Uma das práticas de solidariedade comum entre os escravizados e livres era o compadrio, este também que se configurou num ato de resistência. A vida de Rozarida não era nada fácil, mas ela, com seu bom relacionamento com a comunidade, construiu uma rede de solidariedade que a socorria nas horas difíceis, fato consumo no seu testamento, nele, ela descreve algumas dívidas existente na comunidade.

No sistema escravista, formar um laço de amizade ou de apadrinhamento com pessoas de status social verticalmente acima do seu, também era um ato de resistência, então, as oportunidades eram aproveitadas quando era de interesse dessa população negra. As festas, as cerimônias e reuniões poderiam significar numa aproximação dessas pessoas. Assim o compadrio se tornaria uma excelente oportunidade de aproximação e acender-se verticalmente. Nesse sentido, o ato de batismo poderia significar ao escravizado a oportunidade de manter vínculo com a população livre, tornando numa importante estratégia de resistência.

Ao pesquisar a Vila de Belmonte, Jamilly Bispo Laureano apontou diversos aspectos da vida social dos escravizados, dentre eles, as redes de solidariedades e sendo formados nos locais de sociabilidades.³³ Entre eles locais, as Igrejas de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Conceição de Cachoeirinha.

³³ LAUREANO, Jamilly Bispo. **Entre o mundo do trabalho e os ritos sacramentais: a vivência das mulheres e homens escravizados na vila de Belmonte (1867-1888).** Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História,



Nessa Vila, as Igrejas também serviam de lugar de sociabilidade para diversos escravizados e pessoas livres. Na vila de Belmonte, tomando como base a atual posição geográfica da cidade e seus distritos Boca do Córrego, Santa Maria, Barrolândia e Ponto Central, especulo que não era uma tarefa fácil para que seus moradores pudessem chegar à sede da vila, tendo em vista que os moradores de Boca do Córrego e Santa Maria que está distanciado cerca de 150 quilômetros de distância de Belmonte. Para os moradores de Santa Maria e Boca do córrego, o rio Jequitinhonha que por vezes era um obstáculo para essas comunidades acessarem a sede da vila, por outras vezes foi o elo entre essas comunidades por através de suas diversas possibilidades. Assim, a construção de outras Igrejas nesses lugarejos, também favorecia a sociabilidade dessas comunidades rurais.

Sobre o papel das Igrejas, para além do local de propagação da fé, também era local de sociabilidade, assim, poderiam permitir ou influenciar no convívio social entre diversas pessoas, imaginamos que uma pessoa que morassem em Boca do Córrego viessem batizar seus filhos na Igreja sede da vila, ou pessoas da sede visitando pessoas das comunidades, talvez por diversos motivos, entre ele a distância e o rio Jequitinhonha, não pudesse retornar para sua casa no mesmo dia, essa pessoa possivelmente passaria a noite ou dias na casa de parente ou amigo, o que poderiam ser escravizado ou pessoas livres. Jamilly Bispo Laureano afirma que cerca de 89% da população negra belmontense era livre, isso nos possibilita a indagar que as redes de sociabilidades entre livres e escravizados pudessem ser compartilhadas em diversos aspectos da vida social, como, por exemplo, ir às missas na mesma Igreja ou ainda cultuar os mesmos orixás. Podemos especular que nesses encontros, poderiam ocorrer as diversas trocas de produtos, culturas e experiências, aqui imaginamos uma noite de frio, homens e mulheres sentados à beira da fogueira compartilhando diversos casos, saberes, ou bolando algumas estratégias contra o sistema escravo.

O rio Jequitinhonha que por hora era um obstáculo, também foi um importante local de convívio social incluindo as trocas econômicas. Jamilly Bispo Laureano mapeia várias atividades econômicas que precisavam desse rio, esse, com mais de 100



quilômetros navegáveis, foi usado como rota de entrada e saída de pessoas e produtos. Sua relevância na economia foi significativa, Kátia Mattoso³⁴, ressalta que durante o século XIX, na comarca de Porto Seguro, o número de freguesias saltou de 14 para 22 e esse desenvolvimento também passou pelo rio Jequitinhonha, pois, ele foi um importante elo entre as províncias de Bahia e Minas Gerais. Assim, enfatizo que este rio foi um local de compartilhamento entre as pessoas que dependiam dele.

Na vila de Belmonte, diversos aspectos da vida social e econômica nos chamaram atenção, as pessoas escravizadas atuaram em várias frentes de trabalhos, na pesquisa feita por Jamilly Bispo Laureano, não foi possível encontrar grandes posses de escravizados pertencentes ao único dono, dessa informação, podemos indagar que poderia haver uma relação de maior intimidade entre o senhor de escravizado e o escravizado, permitindo que este sujeito pudesse ter algumas liberdades que não existia em regiões onde se tinha grandes posses de homens e mulheres escravizadas. Mas, essas pequenas liberdades, não tornou a escravidão menos dolorosa nessa Vila, ao contrário, imagino que, por ter menos escravizados, os senhores escravistas acabavam impondo mais tarefas e vigiando ainda mais essas pessoas.

Ao pesquisar a colônia Leopoldina, fundada no início do século XIX e localizada na vila de Viçosa, mais ao sul da província da Bahia, a pesquisadora Alane Fraga do Carmo, traz a luz das discussões alguns indícios da vida social dos escravizados. A historiadora buscou nas fontes, relatos de uma vida escrava compartilhada por diversos sujeitos homens e mulheres escravizadas. Nessa região havia a predominância das grandes fazendas de cafés, logo esse produto, demanda por uma grande necessidade de mão de obra. Assim, os colonos, entre eles brasileiros e estrangeiros optaram pelo trabalho escravo.

Se nas Vilas de Porto Seguro e Belmonte não foram citadas até o momento grandes posses de escravizados, na vila de Viçosa, Alane F. Carmo cita grandes posses de escravizados, o que sem dúvidas, altera o perfil escravista do Sul da

³⁴ MATTOSO, Katia M. de Queirós. **Bahia Século XIX**: Uma província no império. Tradução Yedda de Macedo Soares.-ed. Nova Fronteira S.A/Rio de Janeiro,1992



Bahia.³⁵ No entanto, percebemos que as diversas formas de resistência e convívio social estão fortalecidas, a historiadora cita diversos aspectos da vida social dos escravizados.

As várias relações mantidas nas plantações de café, algumas vezes geravam conflitos entre os escravizados, como o caso citado pela historiadora. Manoel e Joaquina ambos escravizados viviam em união de amásio, num certo dia de colheita do café, Joaquina descobriu que Manuel ajudava a escravizada Suzana, colocando café em seu cesto, Joaquina que não gostou da atitude de amásio, retrucou que também havia alguém que lhe ajudava em suas tarefas, enciumado, Manoel matou Joaquina enquanto ela cuidava de sua horta em uma tarde de domingo.

Dessa dramática história envolvendo os escravizados, Joaquina, Manoel e Suzana, fica evidente aspectos importantes das vidas dos escravizados nas fazendas de café dessa região. Primeiro notamos que havia nessas propriedades escravizados que viviam em condições de casamentos ilegítimos para os dogmas da Igreja Católica, assim, podemos especular que os escravizados Manoel e Joaquina mantinha relações conjugais de cooperação entre eles, pois, a historiadora não menciona a existência de filhos entre o casal nem que eles moravam juntos. Também fica evidente a cooperação entre os escravizados, muito evidente entre Manoel e Suzana. Outros aspectos da vida social evidente nos relatos da historiadora é que mesmo vivendo no sistema regulado pela escravidão, os sujeitos escravizados, podiam nas suas poucas horas de folgas fazerem atividades de pessoas livres, como cuidar de roças com alimentos que se serviam em suas refeições. Como apontado pela historiadora citada, Domingas foi assassinada num domingo a tarde enquanto cuidava de sua roça.

Observo que nessas propriedades marcadas pelas lutas e resistências, as relações interpessoais entre os sujeitos escravizados se tornaram num importante elemento de resistências, mesmo que elas por algumas vezes pudessem causar o acontecimento de crimes, como o assassinato de Domingas.

A vida social dos escravizados nessas fazendas não era nada fácil, eles por diversas vezes se revoltaram e fugiam para outras terras e formavam quilombos, entre

³⁵ CARMO, Alane Fraga. **Colonização e escravidão na Bahia: a Colônia Leopoldina, 1850-1888.** Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2010.



os motivos para as revoltas estavam a falta de dias de folgas, que em muitas vezes utilizavam para cuidar das suas plantações, ou práticas culturais.

Entres os diversos atos de resistências citadas por Alane F. Carmo (2010), ela menciona a fala do delegado da vila de Viçosa, onde solicita ajuda para conter os escravizados aquilombados, segundo ele, havia casos de escravizados recrutando outros escravizados. Nessa fala, percebemos que esses sujeitos, mantinha alto nível de organização. Percebemos que no interior desse sistema, os homens e mulheres buscaram na sua organização em comunidades de modo a ter poucos momentos de liberdade, assim, ao plantar uma roça os sujeitos se viam quanto pessoa livre, pois, sabiam que aquela plantação servia para seus sustentando, e que naquele momento não estava seguindo ordens.

Os diversos segmentos de trabalhos apontados pelos historiadores e historiadoras, como preparo da farinha de mandioca e colheita de café são exemplos de atividades que requerem o trabalho em equipe, nesse sentido, os locais de trabalho se configurava em um importante local de sociabilidade entres os sujeitos escravizados. Na vila de Porto Seguro, para além da produção de farinha e pesca da garoupa, a historiadora Francimauro Mendes (2014), afirmar haver uma variedade de atividades econômicas, no entanto, a agricultura, a pesca e extração de madeira era as principais possibilidades de trabalho para livres e escravizados.³⁶

Portanto, ao analisar a produção bibliográfica do Extremo Sul baiano no século XIX, constatei que o seu perfil demográfico apresentava características diversificadas, nas vilas litorâneas como Belmonte, Porto Seguro, Prado e Caravelas, havia uma população diversificada, muitos imigrantes chegavam nessas vilas, aqui eles estabeleceram-se e se diversificaram nas atividades econômicas, sendo possível encontrar serviços de vários profissionais como, barbeiro, pescadores, sapateiros, ambulantes, dentre outras profissões. Quanto ao perfil étnico, Francisco Cancela ressalta que nestas vilas fundadas no século XVIII não habitava apenas brancos e índios, também havia nestes espaços africanos libertos. Ainda segundo o autor a

³⁶ MENDES, Francimauro Coutinho. **Marias, Rozendas e Leopoldinas: A experiência de mulheres escravizadas e libertas na Vila de Porto Seguro (1873-1885).** Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, Universidade do Estado da Bahia, Universidade Estadual da Bahia, Eunápolis, 2014.



convivência étnica entre estes diferentes povos os levaram a partilharem alguns rituais religiosos e culturais.

O convívio entre os habitantes destas vilas foi marcado por diversos fenômenos, se por um lado a formação de laços de amizades, formação de núcleos familiares foi importante para a associabilidade entre sujeitos escravizados e livres. Essas diversas facetas do convívio social, possibilitava algumas vezes ao escravizado conquistarem suas liberdades, como os escravizados do senhor Manoel Alves dos Santos, que segundo Mendes (2014), deixou em seu testamento o desejo que seus escravizados fossem libertos após a morte de sua mulher. Neste caso, podemos especular que seus escravizados tinham alguma liberdade ou que não seria tão castigado pelo seu senhor. De certa forma, essa uma estratégia de controle dos escravista, portanto, essa política de liberdade condicionada poderia influenciar no dia-a-dia da população escravizada, visto que esses sujeitos, eram mais dóceis na sua relação com seu escravista, na esperança de ganhar a liberdade. Francimauro Mendes (2014), afirma ainda que, a escravizada Clemência pertencente ao senhor Manoel Alves dos Santos, mesmo não sendo a mais valiosa, teria de ser vendida para o pagamento das despesas fúnebres entre outros gastos, refletimos que Clemência possivelmente não tinha uma boa relação com seu senhor. A historiadora não mencionou se as alforrias foram contempladas pelos outros escravizados.

Por outro lado, essas relações também foram marcadas pela violência, inúmeros assassinatos e mortes que ocorriam no interior dessas vilas, Jamilly Laureano em sua monografia narra o assassinato de Rosa, que foi brutalmente assassinada pelo escravizado Ventura, que mantinha relação muito próxima à vítima. Laureano ainda aponta que, as relações familiares entre os escravizados também serviam como um espaço de luta e barganha em um momento de necessidade, porém as relações conflituosas também marcaram o cotidiano dos escravizados.

Os diversos aspectos da vida social mencionados aqui, nos leva a refletir o quanto esses sistemas interferiram na vida das pessoas, pois, principalmente as pessoas negras tiveram suas vidas dilaceradas pela escravidão. Embora já se passaram mais de 130 anos de sua abolição, os resquícios desse sistema ainda são facilmente encontrados no Brasil. Pensando numa maneira de abolir de vez a



escravização no Brasil e sobretudo humanizar a população negra, penso que, é através da educação e da inserção de leis com objetivos específicos voltados para políticas abolitivas e conscientizada das pessoas será possível enterrar esse sistema. Dessa forma, pensamos em práticas de ensino libertadoras em que os sujeitos tem a liberdade de construir suas histórias de maneira que não sejam influenciadas por valores eurocêntricos e escravocratas. Assim ao pensar num modelo de educação libertadora, esperamos contribuir na formação de pessoas livres de qualquer forma de dominação e autores de suas jornadas.

Até aqui, esse capítulo abordou como os diversos aspectos sociais que fizeram parte da vida de milhares de pessoas ainda estão presente na sociedade, seja elas, as violências, as relações interpessoais e os tipos de famílias. Nessa primeira parte, busquei despertar no leitor, as reflexões sobre esses modelos sociais impactaram e reafirmaram os preconceitos que assolam negros e negras neste país. Nessa segunda parte, pensarei na importância de colocar esses sujeitos na educação brasileira através do ensino de história, e para isso, penso numa educação transgressora, libertadora e intercultural.

1.3. FAMÍLIAS ESCRAVIZADAS, ENSINO DE HISTÓRIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Quais as contribuições das famílias escravizadas para as relações Étnico-raciais no ensino de história? Uma resposta para essa pergunta é a possibilidade de afirmarmos que as pessoas negras, sobretudo escravizadas desse sistema capitalista permaneceram em constante luta contra as forças opressoras. Assim, a determinação para combater as desigualdades raciais, o preconceito e todo tipo de violência epistêmica, tem raízes na senzala, onde negros e negras lutaram bravamente em busca da liberdade.

Ao contrário do que pensava a ONU, o Brasil nunca foi um paraíso racial. Para Sueli Carneiro (2005), “foram os discursos que moldaram as relações étnico-raciais, para qual ela considera um mito.” Sueli Carneiro, ainda argumenta que “existe mecanismos que vêm historicamente determinando o silêncio, a negação e a



invisibilidade da problemática racial.”³⁷ No entanto, as políticas públicas influenciadas pelas constantes lutas do movimento negro, tem rompido algumas barreiras e democratizando o acesso da população negra a alguns benefícios que antes não tinha, como exemplo a política de cotas que possibilitou a inserção de negros e negras a acessares a vagas nas universidades em todo país.

Pensando na contribuição dessas famílias negras para o ensino de história, acredito que a implementação por completa da lei 10639/2003, embora existam críticas a fazer sobre ela, poderá a longo prazo mudar a mentalidade das pessoas para que possamos discutir as questões étnico-raciais. No entanto, acredito que há três pontos mais urgente a ser discutido. Primeiro ponto ser chamado a atenção deve ser a formação de professores. Penso que, professores bem capacitados e abertos ao diálogo sobre a temática ajudam a combater o preconceito. O segundo ponto a ser discutido perpassa pela elaboração de materiais didáticos distribuídos nas escolas. Os livros, devem contemplar abordagens sobre a temática racial visando sempre a construção de indivíduos livre dos preconceitos e com igualdade. Por último, a cultura escolar tem papel importante para o aprendizado dos alunos e alunas. Esses três pontos se configuram numa importante alternativa para transforma a educação no Brasil. Para Muller (2018), ao comentar sobre a produção de material didático no Brasil,

Podemos afirmar, a partir da leitura das produções acadêmicas, que a alteração do artigo 26a da LDB/1986, após promulgação da Lei nº 10.639/2003, trouxe algumas mudanças de caráter quantitativo nos conteúdos escolares e na LDB sobre a inclusão da história e cultura negra e da África. Porém, essas transformações ainda não podem ser consideradas significativas e impactantes na cultura escolar, pois podem ser compreendidas apenas para atendimento e adequação à demanda legal, ou seja, ao PNLD e o cumprimento legal.³⁸

Diante dessa problemática, o que se almeja é a transformação dessas práticas com vista a uma educação intercultural. A construção de práticas educativas que privilegiem estudos e pesquisas baseados nas relações interétnicas nos espaços

³⁷ CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Filosofia da educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

³⁸ MULLER, Tania Mara Pedroso. Livro didático, Educação e Relações Étnico-raciais: o estado da arte. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 77-95, maio/jun. 2018



educativos formais torna-se urgente, pois significa compreender a educação como parte do processo de desenvolvimento dos sujeitos

Na perspectiva do ensino de história dialogada com a temática do cotidiano dos negros nas senzalas, apresentei no IX Encontro Estadual de História da ANPUH-BA em 2018, o resultado de uma oficina realizada em uma turma de 6º ano em uma escola em Eunápolis, utilizamos o conto infantil “A botija de ouro”, escrita por Joel Rufino dos Santos para fazer a abordagem sobre a temática, o conto traz uma abordagem sobre o cotidiano dos escravizados em uma fazenda, conta que para além dos castigos impostos aos escravizados, os mesmos eram tratados como animais. O conto também mostra o quanto esses indivíduos eram organizados para enfrentar as diversas imposições contra eles. Ao longo da oficina, fizemos conexões com a presença africana no Brasil, contextualizamos sobre a influência desses povos para a formação da cultura brasileira, dando ênfase para algumas danças através do uso de fontes imagéticas.

A proposta de oficina aqui apresentada teve como foco a aprendizagem dos alunos sobre aspectos específicos na relação África – Brasil, através de dinâmicas, imagens e vídeos que permitiram aos alunos fazerem ligações com elementos que compõe a cultura de seu país. Assim entendemos ser de extrema importância o ensino da história afro-brasileira de modo que se rompa com os interesses dominantes de uma classe europeia que por muito tempo subjugou a cultura do outro (do negro), sendo assim, a abordagem da oficina permitiu uma proximidade com a cultura negra de modo que os alunos tivessem uma visão diferenciada em relação a esses povos.

Portanto, é indiscutível a relevância dos estudos em torno da temática africana no ensino básico, primeiro, pela obtenção de mais conhecimento sobre o assunto, segundo, como uma forma de modificar o quadro de ensino que por muito tempo buscou manter afastado das aulas os assuntos condizentes aos negros, seja por preconceito, despreparo dos profissionais ou mesmo pela própria historiografia dita oficial que silenciava ou excluía a história de alguns grupos, dentre estes, os africanos. Para além das mudanças em decorrência de estudos da chamada Nova História, a legislação (Lei nº 10.639/2003) trouxe a necessidade e obrigatoriedade dos estudos culturais africanos em sala de aula visando a contribuição destes para a formação da



nossa sociedade. Essas mudanças foram possível graças ao Movimento Negro brasileiro, pois, esta luta desde a década de 1970 por igualdade e direito a educação, Nilma Lino Gomes (2011), afirma que

A ação do movimento negro brasileiro por meio das suas diversas entidades tem sido marcada por uma perspectiva educacional aguçada, explicitada nas suas diversas ações, projetos e propostas. O movimento negro brasileiro tem se destacado na história do nosso país como o sujeito político cujas reivindicações conseguiram, a partir do ano 2000, influenciar o governo brasileiro e os seus principais órgãos de pesquisa, tais como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse reconhecimento político tem possibilitado, nos últimos anos, uma mudança dentro de vários setores do governo e, sobretudo, nas universidades públicas, como, por exemplo, o processo de implementação de políticas e práticas de ações afirmativas voltadas para a população negra (GOMES, 2011).³⁹

Nilma Lino Gomes ainda afirma que o Movimento Negro no Brasil se distingue dos demais movimentos, pois, ele buscou compreender a realidade do povo brasileiro e procurou pressionar por políticas de ações afirmativas que contemplasse o movimento. Ainda afirma que este movimento é o principal responsável pelo reconhecimento de direitos a educação, questionando os currículos e materiais didáticos e pedagógicos. Ressaltamos a importância do movimento e suas constantes lutas por direitos sociais e educação a exemplo da lei de cotas (Lei 12711/2012) que beneficia pessoas de classes econômicas inferiores. Essa lei, permite que pessoas negras com baixo rendimento familiar tenha acesso a cursos de níveis técnicos e superiores nas Escolas e Universidades públicas do Brasil.

Sobre as desigualdades raciais, elas estão presentes no Brasil há muito tempo, da colônia até a república, mesmo assim, as questões raciais foram invisibilizadas sobretudo no ensino de crianças, jovens e adultos. Essa invisibilidade contribuiu diretamente com a construção de uma nação permissiva diante do preconceito, da discriminação racial acerca dos afro-brasileiros e seus descendentes.

³⁹ GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes.** Política & Sociedade. Vol. 10, n. 18. 2011.



Nesse sentido, as desigualdades sociais na sociedade brasileira são reflexo da estrutura constituída desde a escravidão que ignorou os diversos agentes históricos bem como a sua cultura e seus saberes. Da América Portuguesa até a Brasil república, as pessoas de cor (sobretudo negras) eram vistas pelos colonizadores e seus descendentes como raças inferiores. Dessa forma, a construção sócia histórica que se fez do negro ao longo dos anos na historiografia brasileira associa-se à condição de escravizado. Mesmo estando legalmente livre da condição de escravizado, esse cenário permanece no pós-abolição, tendo em vista que, as práticas continuaram, as ideologias de superioridade da raça branca se perpetuaram e consequentemente inferiorizaram as pessoas de cor negras.

Vale ressaltar que, essas práticas racistas, se fizeram presente durante muitos anos nas escolas brasileiras, assim, a escola foi lugar de reprodução dessas práticas, formando conceitos e preconceitos ao assimilar e reconhecer os negros como inferiores, sendo representados pelos estereótipos de inferioridade incapaz contribuir com a formação das identidades da sociedade brasileira.

No Brasil foi a partir dos anos de 1930, conforme aponta Barros e Fonseca (2016) que a educação no Brasil, foi desenvolvida a partir de manuais estrangeiros, na sua visão, tratava apenas da história geral da educação, e nelas eram abordados de forma genérica com ênfase nos títulos estrangeiros. Os autores ainda apontam que, a partir dos anos de 1950 começa a ser introduzidos categorias de historiografia na educação brasileira, no entanto, essa nova historiografia continuou a colocar os negros como meros objetos coisificados.⁴⁰ O resultado desse tipo de educação constituído no Brasil, é a formação de uma sociedade preconceituosa que não reconhecem as culturas Afro-brasileira como importante na formação do povo desta nação, assim, historicamente, boa parte da sociedade brasileira sempre tratou a cor da pele negra como sinônimo de trabalho, com agravante do trabalho informal, inviabilizando a participação desses sujeitos nos espaços de construção social.

Nesse sentido, a resistência negra e a sua atuação social diante dessas sistematizações que colocaram os colocaram a margem da sociedade, contribuíram significativamente para a disseminação de diversos saberes capazes eliminar os

⁴⁰ BARROS, Surya Aaronovich Pombo; FONSECA, Marcus Vinicius. **História da Educação dos Negros no Brasil**. Niterói, Eduft, 2016.



estereótipos, ainda que seja uma luta constante. E, ainda hoje se tem a necessidade de desmontar este sistema de reprodução e massificação que, através de um conjunto de representações, reproduz o racismo na sociedade brasileira. Porém, a escola, ao mesmo tempo em que se faz um instrumento de supressão cultural, configura-se também como um espaço de transgressão e de luta. Nesse sentido, a escola deve ser um espaço de transgressão, deve se tornar um local central na luta contra o racismo, para a desconstrução de preconceitos e estereótipos, visando à construção de novas formas de convivência e de proposição por uma educação antirracista que propõe a participação de sujeitos que por muito tempo foram esquecidos pela história e pela educação brasileira.

Diante desse cenário, as leis 10639/2003 e em seguida 11.645/2008, trouxe outra perspectiva para a prática de ações afirmativas que visem a transformar a educação e elucidar a discriminação social sobre esses indivíduos negros, quilombos e indígenas. Essas leis, na medida em foram sendo aplicadas, possibilitaram a criação de uma base descolonizadoras, inserindo no ensino de história a relevância da participação dos sujeitos que antes foram esquecidos pela história. Para Oliveira e Silva (2017) “a eficácia da lei se dá na mudança de práticas discursivas e na descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos Afro-brasileiros.”⁴¹ Dessa forma, as leis mencionadas, impõe que a participação desses sujeitos na construção da sociedade brasileira, sejam debatidas e objeto de estudos nas instituições de ensino de todo país.

Ao inserir na educação a cultura afro-brasileira e de seus descendentes, contemplando a participação desses sujeitos como indivíduos que foram capazes de se organizarem, formares redes de cooperativismo e laços familiares, buscamos a desconstrução de uma sociedade preconceituosa pautada no paternalismo e nos valores conservadores. E assim valorizando as experiências para construir representações que contribuam para uma educação antirracista.

Todavia ainda há um longo caminho a ser trilhado, assim, se faz necessário a introdução de novos estudos, com outros olhares que possibilitem realocar o ensino

⁴¹ OLIVEIRA, Míria Gomes; SILVA, Paulo Vinícios Baptista. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 183-196, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661123>. Acesso em: 25 de mar. 2019.



de tais temas em diversos períodos do ano letivo, uma vez que se faz necessário compreender a importância de debater a realidade em que se vive para além de datas comemorativas, trazendo para sala de aula cada vez mais discussões, para buscar nesse sentido realizar um trabalho amplo e pontual por uma educação antirracista como também formar sujeitos críticos e munidos de saberes a respeito dos povos que estiveram presentes na construção do Brasil.⁴²

Para Santos (2013) apesar de todo o avanço nas políticas públicas, na legislação, ainda há muitas dificuldades a serem superadas na educação brasileira para que as instituições educacionais realizem com propriedade o ensino da temática para propiciar práticas curriculares interculturais.

Para que haja uma mudança efetiva e significativa se faz necessário a mudança de mentalidade, inserindo valores antirracistas de forma que possibilitem formar novos conceitos diante de tais comportamentos estereotipados em relação à cultura Afro-brasileira.

É de extrema importância para o ensino da história afro-brasileira e para as relações étnico-raciais que se rompa com os interesses dominantes de uma classe branca que sempre julga a cultura do outro (do negro). Acredito ser fundamental o combate aos discursos preconceituosos como o do vice-presidente, General Mourão, e do Ministro da Educação Milton Ribeiro, seus pensamentos deve ser objeto de reflexão de modo a nos motivar para a constante batalha por igualdade racial, seja nas periferias ou nos grandes centros da elite. Devemos ser como nossos antepassados que não aceitaram sua condição de escravizados, estes foram as lutas, formaram famílias e criaram filhos nas unidades escravistas, sempre na perspectiva de luta contra o poder hegemônico.

1.4. AS FAMÍLIAS RACIAIS NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ENSINO TRANSGRESSOR A PARTIR DOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS SERIADOS

⁴² SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento negro**. BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*.



Uma proposta de aula deve ser pensada para que os alunos e alunas se vejam no reflexo da discussão proposta na aula, penso que quanto mais aproximar os sujeitos da história, diminui a possibilidade de ele fazer interpretações equivocadas, visto que, esses sujeitos, possuem conhecimentos outros que dialogam com o tema da aula. E nesse caminho, penso na construção de uma proposta que colocam alunos e alunas dentro da história através dos conhecimentos sobre a temática escravista.

As famílias raciais foram fundamentais na construção daquilo que hoje conhecemos da cultura dos povos brasileiros, elas estavam presentes em todos os lugares. De alguma forma, o advento do escravismo não conseguiu silenciar os homens e as mulheres que lutaram bravamente em busca de sua liberdade. Dessas lutas, restaram as marcas do sofrimento, no entanto, essas marcas das lutas e resistências nos dá o subsídio para coloca-los na história. Assim, pensar no ensino transgressor é pensar que homens e mulheres resistiram e que dessas resistências, os documentos, que sobre eles foram produzidos é o principal instrumento de inseri-los como os verdadeiros heróis da história do Brasil.

Para a construção de proposta de aulas em que as famílias e os sujeitos escravizados sejam protagonistas, pensei no uso dos documentos que evidenciam seus vestígios, nesse caso, os documentos eclesiásticos, partilhas de bens e inventários de bens de escravistas são as principais fontes encontradas atualmente. Meu desafio é usar essas fontes nas salas de aulas de modo que os e alunos consigam fazer análises interpretativas e analíticas sobre as realidades existentes.

Foi pensando nesses homens e nas mulheres na história que escrevo, vale ressaltar que, ainda há muito o que ser explorar, pois, ainda há lacunas a serem preenchidas, no entanto, o objetivo é fazer com que homens e mulheres que foram escravizados estejam presente na sala de aula. Assim pensei no uso dos documentos e fonte como matéria-prima para fomentar essas discussões.

Entre as várias possibilidades de uso desses documentos, pensei num ensino através das trajetórias, utilizando os registros de batismo, assim, é possível que neles encontraremos os sujeitos da história. O uso dessas fontes na sala de aula, permitem a professores e alunos repensar nas suas trajetórias de vida, respondendo perguntas que sem essas fontes não seriam possíveis. Dentre essas fontes, os registros batismais e certidão de óbitos são as mais fáceis de encontrar, pois já existem sites



na internet que dar a possibilidade de professores e estudantes acessar esses documentos sem precisar ir nos arquivos públicos, como o site mantido pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o www.familysearch.org.

Sobre o uso dessas fontes, Hameister (2011) afirma que o uso dos registros batismais nas aulas de história, possibilita analisar as relações intrafamiliares dos agentes sociais que viveram no passado, acrescenta que:

No primeiro momento faz-se uma breve recuperação das distintas formas utilização desses registros em investigações em história, sem mais preocupações. Passa-se a seguir, para as peculiaridades dessa documentação, concernentes à sua produção e intenções primeiras de quem ou da instituição que as produziu. Visto isso, o passo seguinte é a discussão de possibilidades e mais que essas, as limitações e condicionantes que essa documentação apresenta para os investigadores. Por último, após apresentar dados de populações distintas, demonstram-se que a não observância das limitações e condicionantes apresentados por esse documento pode induzir a conclusões precipitadas ou equivocadas que podem ser evitadas. Não sendo, portanto, apresentação de resultados de pesquisa, também não deixa de o ser, já que é resultado de muitas experimentações com essa documentação ao longo de cerca de dez anos de investigação com registros batismais como fonte principal (HAMEISTER, 2011)⁴³

Para além do que foi colocado pela autora, esses documentos registra a vida cristã das pessoas, os ritos nele registrados mostra um Brasil onde a Igreja funcionava como um órgão do governo, sendo ela responsável por fazer os serviços de cartórios e cuidar da vida espiritual. Também é possível usar esses documentos para fins genealógicos, possibilitando que os alunos, pesquisadores e professores possam encontrar seus antepassados. Assim, através desses documentos, penso que ele pode ser mais que apenas fontes documentais, ele pode ser mais um caminho para chegar ao modelo de ensino transgressista. A luta por uma educação antirracista permite que professores e alunos busquem novas abordagens para o ensino e aprendizagem. As fontes históricas podem dar aos indivíduos suportes para questionar os padrões que as elites tentam impor em nossa sociedade. Dessa forma,

⁴³ HAMEISTER, Martha Daisson. O uso dos registros batismais para o estudo de Hierarquias sociais no período de vigência da escravidão. **V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/hameister%20martha%20daiss on.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.



pensamos que, novas abordagens no ensino serão bem-vindas e contribuirão para uma educação libertadora.

Nesse sentido, para além de outras possibilidades, pensamos na utilização em sala de aula do uso das fontes históricas utilizadas na construção da trajetória. Com o uso dessa documentação, os alunos podem fazer análises, comparar e refletir sobre a documentação pensando sobre a escravidão. Bem como refletir sobre as continuidades e rupturas da vivência da população negra numa perspectiva comparativa no atual cenário do Brasil.

1.5. ENSINO DE HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA LIBERTADORA, INTERCULTURA E ANTICOLONIAL.

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um possa aprender (Bell Hooks, 2013)

A emergência por uma educação antirracista abre o debate para introdução de vários elementos na educação brasileira, e para o ensino de história, que embora seja um componente curricular desvalorizado e sempre questionado sobre o seu caráter ideológico e político, tem se constituído em num espaço de transgressão para alguns professores, escritores, alunas e alunos de todo Brasil. Assim, o debate torna-se muito relevante para a reafirmação dos aspectos éticos das narrativas e as formas de expressão do conhecimento. Pensado nisso, professores e educadores têm recriado conceitos históricos pensando no ensino de história.

Numa perspectiva mundial, o Brasil tem contribuído para o debate, os escritos do patrono da educação brasileira, professor Paulo Freire, ainda fazem parte do roll de escritores citados nos debates acadêmicos quando se fala em ensino, ou quando se discute práticas libertadoras de ensinar. bell hooks ao escrever seu livro *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade*, publicado no Brasil em 2013, ela cita Paulo Freire como seu principal mentor intelectual, o considera como o inspirador, pois, as obras de Paulo Freire o ajudam a pensar nas circunstâncias de suas identidades e num importante estágio para transformação da sua vida.



Para Freire (1981) “a educação, em qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade”.⁴⁴ No ensino que contempla as relações étnico-raciais, o que se tem buscado é o equilíbrio para implementar o ensino de história libertador, em que são dadas as oportunidades para que todos os membros das comunidades escolares e pesquisadores sejam ouvidos e respeitados.

Percebe-se que buscar por uma interação da interculturalidade alimenta o sonho por um ensino de história transgressor que seja capaz de romper com as barreiras impostas pelos colonizadores. Dessa forma, é importante que a educação seja construída a partir da perspectiva crítica sobre a realidade das pessoas, dessa forma, é importante que ela esteja vinculada a projeto político, pedagógico e democrático, fazendo intervenções reflexivas e dando respostas concretas a grupos que sempre foram subalternizados, ainda é possível transgredir com as narrativas eurocêntricas que fortaleceram o racismo por muitos anos. Ao levantar a discussão acerca da educação transgressista e libertadora, combateremos a colonialidade e o pensamento eurocêntrico.

O advento do colonialismo que imperou na América Latina, por mais de trezentos anos, fixou no pensamento intelectual que refletiu sempre na subordinação dos sujeitos, ainda hoje, é possível encontrar práticas ou discursos que enaltece as culturas europeias em detrimentos das outras culturas locais. Na contramão da colonialidade⁴⁵, busquei outras perspectivas para o ensino de história. Nessa busca

⁴⁴ FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ªed., Paz e Terra, Rio de Janeiro 1981.

⁴⁵ A colonialidade como conceito, surge a partir do conhecimento da existência dos conceitos europeus presentes na América Latina, África e a Ásia. O Grupo Modernidade/Colonialidade criado na primeira década do século XXI por: Aníbal Quijano, Edgardo Lander, Ramón Grosfoguel y Agustín Lao-Montes, Walter Mignolo y Zulma Palermo, Catherine Walsh, Arturo Escobar, Fernando Coronil, Javier Sanjinés, Enrique Dussel, Santiago Castro Gómez, María Lugones e Nelson Maldonado Torres, fizeram reflexões continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana, incluindo o conhecimento subalternizado dos grupos locais, dando origem à escola de pensamento latino-americana denominada de “estudos decoloniais.” Esse grupo pensou a colonialidade como padrão de poder que não se limita às relações formais de exploração ou dominação colonial, mas, envolve também as diversas formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade ou destacadamente de viés raciais



incessante, surgem importantes conceitos históricos norteadores para o ensino e aprendizagem. Aqui, penso a interculturalidade como projeto libertador do colonialismo que busca o diálogo com todas as formas de cultura, povo ou como sinaliza Catherine Walsh (2007), ao afirmar que as transformações devem começar pelo projeto político, abrindo caminhos para a interculturalidade, para ela,

la interculturalidad señala y significa procesos de construcción de un conocimiento otro, de una práctica política otra, de un poder social (y estatal) otro y de una sociedad otra; una forma otra de pensamiento relacionada con y contra la modernidad/colonialidad, y um paradigma otro que es pensado a través de la praxis política (WALSH, 2007)⁴⁶

Walsh (2007) ainda argumenta que, “interculturalidade indica uma política cultural e um pensamento de oposição, não simplesmente baseado no reconhecimento ou inclusão, mais voltadas para a transformação estrutural sócio histórica.” Dessa forma, pensamos que a inclusão das famílias negras no ensino de história, cria-se outras alternativas para o ensino de história, e essa, se preocupa em incluir os grupos invisibilizados como agentes transformadores dessa sociedade, assim, inserimos o pensamento do outro no debate contribuindo com o projeto político de transformar a educação brasileira. Para Candau (2008), “é preciso que os agentes transformadores tenham consciência que é preciso uma desconstrução”, e acrescenta

Para a promoção de uma educação intercultural é necessário penetrar no universo de preconceitos e discriminações que impregna – muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil – todas as relações sociais que configuram os contextos em que vivemos (CANDAU, 2008).⁴⁷

Como aponta a autora, o ensino de História precisa passar por um processo de mudanças, assim, será possível pensar numa educação libertadora e intercultural a partir do envolvimento de toda comunidade escolar envolvida na luta contra todas as formas colonizadoras e racista. Para esse projeto de educação descolonizadora e antirracista decolar é preciso que seja inserido nos materiais de apoio e didáticos

⁴⁶ WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

⁴⁷ CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.



todos os pensamentos que venham corroborar para a construção de uma sociedade livre. Assim, o ensino transgressor e libertador superará o poder do colonizador.

O modelo opressor dos colonizadores deixou marcas que são vistas até hoje, trata-se da colonialidade, ela está nas entranhas das mentes e não nos deixa a libertar dos modelos eurocêntricos. Mesmo na produção acadêmica, essa força se concretiza, seja nas literaturas publicadas ou até mesmo em salas de aulas.

Para Torres (2007) o colonialismo se configura num padrão de dominação, de tal forma que seu resultado apresenta na existência da colonialidade, o autor argumenta que,

[...] la colonialidad se refiere a un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero que en vez de estar limitado a una relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y de la idea de raza. Así, pues, aunque el colonialismo precede a la colonialidad, la colonialidad sobrevive al colonialismo. La misma se mantiene viva en manuales de aprendizaje, en el criterio para el buen trabajo académico, en la cultura, el sentido común, en la auto-imagen de los pueblos, en las aspiraciones de los sujetos, y en tantos otros aspectos de nuestra experiencia moderna (TORRES, 2007).⁴⁸

É nesse contexto que se faz necessário cada vez mais, a inserção de pedagogias libertadoras no ensino, seja no componente de história, ou em qualquer componente curricular, pois, ela produz resultados capazes de transgredir fronteiras, hooks (2013) diz que “a educação como prática libertadora é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. Dessa maneira, é preciso que sejam inseridas práticas educacionais interculturais, diversificada e significativa, a exemplo da professora Carla de Moura (2018) que se utilizou de diversos recursos didáticos e paradidáticos para contar a história das *Marias da Conceição*, da Vila Maria em Porto Alegre. A professora enaltece o uso de ferramentas comum, assim, seus alunos precisaram de um celular com câmera para gravar um filme editado com técnicas rudimentares, fazer entrevistas e conhecer a história do seu bairro, deste modo a professora e sua turma

⁴⁸ TORRES, Nelson Maldonado. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.



trouxe a luz do debate o ensino de história situado para ensinar seus alunos temas como memória e patrimônio.⁴⁹ Mas que também permitiu seus alunos a compreender a sala de aula como espaço de interação e aprendizagem.

Nessa dissertação penso em transgredir como uma prática de rompimento do sistema contra hegemônico e opressor que matam milhares de jovens negros e de classes sociais menos favorecidos economicamente. Assim, a prática da educação pautada no uso de ferramentas tecnológicas e o uso das fontes documentais num contexto mundial pandêmico, no qual afetou milhares de estudantes de todo Brasil, foi possível desenvolver um projeto transgressor.

Nessa perspectiva de uso das fontes e com utilização das tecnologias, os escritos de Paulo Freire alimentam o sonho por uma educação libertadora ao fazer uma crítica ao modelo de ensino “depósito”, para ele, esse modelo aponta elementos que não representam o cotidiano das pessoas camponesas ou urbana de classes inferiores, na sua visão o modelo a ser proposto deve ser representativo onde os sujeitos possam fazer reflexões a parti dele, de tal modo, os processos de alfabetização devem considerar o contexto pelo qual estamos inseridos. Pensando na educação mais dialogada, Freire procura entender o contexto em que as pessoas vivem. Ao pensar a educação para camponeses ou classes urbanas analfabetos, ele argumenta que,

Os camponeses desenvolvem sua maneira de pensar e de visualizar o mundo de acordo com pautas culturais que, obviamente, se encontram marcadas pela ideologia os grupos dominantes da sociedade global de que fazem parte. Sua maneira de pensar, condicionada por seu atuar ao mesmo tempo em que a este condiciona, de há muito e não de hoje, se vem constituindo, cristalizando. E se muitas destas formas de pensar e de atuar persistem hoje, mesmo em áreas em que os camponeses se experimentam em conflitos na defesa de seus direitos, com mais razão permanecem naquelas em que não tiveram uma tal experiência. Naquelas em que a reforma agrária simplesmente aconteceu (FREIRE, 1981)⁵⁰

⁴⁹ MOURA, Carla de. S. **Marias da concepção**: por um Ensino de História Situado, Decolonial e Interseccional. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2018.

⁵⁰ FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.



Freire fala das ações culturais dos camponeses, de suas técnicas de culturas, argumenta que os camponeses não podem ser vistos como “vasilhas vazias” onde se deposita o conhecimento, ele é detentor do conhecimento de mundo capaz de fazer previsões e/ou saber qual a melhor época para o plantio e colheita. Assim Freire viu esses homens detentores de outro conhecimento e ensinar *Eva viu a uva*, não seria a melhor prática pedagógica. Ele pensou em alternativas que aproximassem os sujeitos de sua realidade. Nesta linha de pensamento que bell Hooks (2013) propõe no ensino, o modelo libertador e transgressor. Entendo que esse modelo proposto por Freire e adaptado o modelo transgressor de hooks, são elementos que ao ser inseridos na sala de aula podem trazer importantes significados, como os alcançados pela professora Carla de Moura. Assim esperamos combater a consolidação do racismo em suas estruturas. Penso que para combater a esse mal nefasto, o racismo, é necessário construir uma educação antirracista significativa e romper com paradigmas históricos que fizeram parte do pensamento colonizador do século passado e que ainda refletem na atual conjuntura. Essa contra resposta, a hegemonia global de produção do conhecimento é construída com a transformação do ser, num aspecto decolonial. Mas para que de fato essas rupturas sejam concretizadas é necessário descolonizar o ser, romper com a estrutura de dominação colonial que imperou por muito tempo principalmente na América Latina.

Foi através de uma proposta por uma educação transgressista e libertado que criei o blog www.arquivodahistoria.com, nele, para além de uma discussão acerca do escravismo na Bahia, disponibilizo uma proposta sequenciada de aulas com o intuito de contribuir com práticas de educação libertadora e transgressista, em que os estudantes e professores tem a oportunidade de refletir sobre quais os aspectos da vida dos escravizados ainda refletem em nossa atual conjuntura, a proposta de aula sequenciada que disponibilizo, bem como humanizar esses escravizados, utilizando fontes históricas como os registros de batismo de escravizados e livres para elucidar os tipos de famílias presentes na sociedade baiana no século XIX. Nessa proposta, os estudantes tem a possibilidade de formar suas árvores genealógicas, sendo uma importante ferramenta de captação de informações analíticas na tentativa de entender as atuais famílias baianas. De tal forma o blog tem contribuído para combater a colonialidade presente na educação brasileira.



Contra a colonialidade imposta na educação, que Paulo Freire lutou por vários anos de sua vida, Freire pensou num ensino humanizado capaz de transformar os indivíduos de acordo com seu tempo e modo de vida. E esse pensamento é inspirador, e me move a tentar construir um projeto de educação transformadora, no qual espero encontrar os sujeitos da história e colocá-los na sala de aula para que sirva de objetos de reflexão para nossas vidas, combatendo os padrões eurocêtricos.

Pensando nesse padrão de dominação imposta pela colonialidade, afirmo que as ações de educadores e professores da América Latina tornam-se mais que um desafio na construção de uma sociedade menos colonizada, deste modo, o ensino de história pode propor novas alternativas para descolonizar o pensamento. Pereira e Paim (2018) diz que o ensino de história nos leva a introduzir elementos estéticos e políticos no processo de construção das identidades, ainda afirma que:

É nesse sentido, que o pensamento decolonial torna possível repensar o ensino de História, sobretudo, o modo como temos dado sentido às diferentes realidades históricas, povos e culturas as quais o discurso histórico descreve e narra. Implica também repensar a temporalidade e romper tanto com o evolucionismo, quanto com o dualismo típico do pensamento eurocêntrico (PEREIRA; PAIM, 2018).⁵¹

Ampliado esse debate, o que propõe bell hooks (2013) para o um ensino transgressor é justamente romper com a colonialidade, assim podemos pensar no ensino de história que seja capaz de modificar o sujeito de uma forma que eles sejam capazes de tomar suas decisões conforme seu pensamento, porém, munidos de informações previamente repensadas, ou seja, um modelo de ensino independente que respeite as pluralidades culturais que nos faz repensar sobre as hierarquias imposta pelas elites dominantes.

Ao propor o tema relacionado ao escravismo e as famílias negras, pensei num ensino em que as pessoas pudessem ser vistas como parte de um processo importante para compreender nossa atual conjuntura. Assim, ao tentar entender a

⁵¹ PEREIRA, Nilton Mullet; PAIM, Elison Antônio. Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis: contribuições do pensamento decolonial. **Revista Educação e Filosofia**. v.32 n.66 set/dez – 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/40152>. Acesso em: 07 sets 2020.



herança do escravismo nas famílias brasileiras, percebo que há um longo caminho a ser percorrido para a transformação dos sujeitos em pessoas conscientes, mas, para que essas mudanças sejam possíveis, é preciso ampliar o debate e incrementar políticas públicas acessíveis a todas as classes. E para isso, pensamos no ensino pautado no pensamento freiriano, pois, ele nos ajuda entender as particularidades dos grupos e pensar como o aprendizado chegará até eles.

bell Hooks 2013) e Catherine Walsh (2012) ver Paulo Freire como intelectual fundamental para a transformação do ensino e aprendizagem, elas o consideram que sua pedagogia e a sua crítica de mundo é capaz de transformar os sujeitos e torná-los em pessoas livres. E nas palavras de Freire,

A leitura crítica do mundo é um que-fazer pedagógico-político indicotomizável do que-fazer político- pedagógico, isto é, da ação política que envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade (FREIRE).⁵²

Nessa perspectiva de Freire, para além da prática de docência com decência, a leitura crítica do mundo deve ser alinhada com as práticas de “experiências das conjecturas,” na transformação social. Dessa forma, uma sociedade com liberdade de pensamento pode transformar o seu mundo e fazer suas escolhas. Penso que, o trabalho com as fontes nas salas de aulas não seja somente um material de apoio pedagógico, mas juntamente com as leituras críticas de mundo, elas sejam utilizadas para que os alunos e educadores percebam as conjecturas nas quais estão inseridos. Ressalta que esse trabalho deve ser pensado na medida em que os alunos consigam absorver essas análises, para que não seja apenas mais um conteúdo, ou seja, pensar as fontes na perspectiva do ensino transgressor, para que alunos entenda o papel e significação dessas fontes e o quanto elas são importantes para transformar a nossa realidade.

Assim busquei na historiografia as famílias negras, que foram escravizadas na Bahia do século XIX a inspiração para construir um projeto de educação libertadora que consiga ver os sujeitos escravizados humanizados. Espero conseguir transformar esses seres em pessoas e que elas sejam utilizadas para que nós pensamos em

⁵² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. São Paulo, Editora UNESP, 2000.



nossa atual realidade. Nos próximos capítulos, mostraremos os resultados da proposta de aulas sequenciadas aplicada na turma de 7º ano vespertino, na Escola Municipal Governador Paulo Souto. Contarei também, como esses homens e mulheres transformadores sociais, se farão presentes nas salas de aula, vamos juntos elucidar vários casos e refletir acerca do quando nós herdamos dos nossos amigos que lutaram por essa liberdade, permitindo que nós levaremos até as salas de aula, o tão sonhado ensino libertador e transgressista.



2. CAPÍTULO II

2.1. ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE, ESPAÇOS DE INTERAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegre, se conhece, se estima.
(Paulo Freire)

Pensar a escola como um espaço formador, constitui numa prática pedagógica que envolve toda a comunidade escolar. Para Fonseca (2014)

“Abrangem os diferentes aspectos da ação escolar, desde a ação docente, as atividades de sala de aula como o trabalho coletivo, a gestão da escola, as relações com a comunidade, enfim abrange diferentes aspectos do projeto pedagógico que constitui a escola (FONSECA, 2014).”⁵³

Dessa forma, para além do espaço formador, a escola funciona como elemento que conecta a comunidade, cria-se pontos de referências para milhares de alunos e alunas todos os anos, além disso, na escola as pessoas se interagem e criam uma comunidade mista e pluricultural. Para Joarez Tarcísio Dayrell, ao pensar na escola, devemos nos atentar para seu dinamismo e as funções socioculturais e na sua interferência nas comunidades, segundo ele,

Analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (Dayrell, 2009)⁵⁴

⁵³ FONSECA, Selva Guimarães. A constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de história na educação básica. In: **Fóruns Contemporâneos de Ensino de História do Brasil**. p.1-9.ano. 2014

⁵⁴ DAYRELL, Joarez Tarcísio. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte; UFMG; 2009.



Ao refletirmos sobre esse espaço de transformação comunitário, enfatizo que nesse ano de 2021, quando as escolas ficaram fechadas devido à pandemia causada pelo coronavírus, esses laços socioculturais foram diminuídos, pois, os integrantes dessa comunidade deixaram de frequentar esses espaços. Ressalto que no momento em que apliquei o projeto de intervenção, no qual busquei relacionar a história das famílias negras e famílias negras escravizadas e livres numa perspectiva de ensino transgressista, o mundo passava por momentos assustadores causados pela covid19. Diante de um cenário preocupante, pois, o Brasil atravessava um dos seus piores momentos com picos de casos e mortes causadas por síndromes respiratórias causadas pelo coronavírus, segundo o Consórcio de Veículos de Imprensa a partir de dados coletados juntos as Secretárias Estaduais de Saúde, o Brasil atingia marcas assustadoras de casos, sendo em média mais de duas mil mortes diária e mais de setenta mil novos casos todos os dias.⁵⁵

Assim o projeto foi repensado para uma educação a distância, em que o uso de tecnologias fosse essencial para que pudéssemos desenvolver a prática da educação, no entanto, o contato físico com a escola não existiu, a situação momentânea deixou toda comunidade escolar refém de bandas de internet e que em alguns casos foi o principal motivo de exclusão de alunos e alunas que não tinham acesso a tais ferramentas. Aqui abordei sobre as experiências adquiridas juntamente com a turma de 7º vespertino da Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro. Faremos reflexões sobre os contrastes sociais entre a escola e a comunidade, na perspectiva de reafirmar sua importância na transformação da comunidade escolar em pessoas munidas do saber.

Nesse capítulo vamos pensar a educação e suas nuances dentro de um contexto marcados por fatores sociais definidos pela falta de políticas públicas, pela falta de investimentos do Estado brasileiro ou do mal uso de verbas públicas disponíveis para a educação, tendo em vista que os locais de vulnerabilidades sociais estão sempre a margem das políticas elitista e de abandono. Como afirma Mano Brown “[...] até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou⁵⁶.” Mas que, a cada dois anos em campanhas políticas e partidárias, muitos candidatos prometem o progresso, mas,

⁵⁵ Ver mais em: www.globo.com/coronavirus

⁵⁶ Mano Brown. **O homem na estrada**. Raio x do Brasil, 1993.



no entanto, só querem o voto dos eleitores, estes que são coagidos a pensar que essa melhoria de condições social será alcançada. Meu objetivo é descrever e traçar um perfil da turma do 7º vespertino da Escola Governador Paulo Souto em Porto Seguro, para isso, também abordarei sobre o contexto social dos bairros que formam o complexo do Baianão para que possamos entender os significados que a comunidade representa na vida de milhares de alunos, alunas, pais, mães, professores e professoras que fazem parte dessas comunidades

Assim pensar a educação transgressora e inovadora nesses locais periféricos nos faz pensar que a transformação dessa realidade se dará pelas mudanças dos sujeitos, na mudança do pensamento e das mentalidades, para isso, precisamos buscar alternativas para que esse sujeito reflita sobre suas realidades e as condições pelas quais ele encontra-se nela. Portanto, para pensar uma educação emancipatória, contra hegemônica e humanizada no espaço escolar, é preciso pensar em proposta metodológicas libertárias que levem em conta a participação de toda a comunidade escolar e as comunidades ao entorno da escola. Assim, ela fará a diferença para a transformação dos homens e mulheres, meninos e meninas dessas comunidades.

Ao pensar na educação emancipatória, devemos incluir a família e comunidade, pois, entender que existem diferentes contextos sociais numa pluralidade de indivíduos, nos leva a refletir sobre quais estratégias queremos seguir para a prática da liberdade. E foi essa prática liberatória e autônoma dos sujeitos que Paulo Freire defendeu ao longo de sua vida. Para Freire, o sujeito deve ser autônomo para perceber o condicionamento sócio-histórico no qual ele vive e para isso “a atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente.”⁵⁷

2.2. CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS ESCOLAR.

A escola Municipal Governador Paulo Souto está situada na Rua Valdivio Costa, bairro Parque Ecológico, em Porto Seguro Bahia. Segundo o censo escolar

⁵⁷ FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a prática da Liberdade e outros escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.



do ano de 2020, a escola possuía 32 funcionários, 900 alunos nas turmas de 5^a ao 9^o anos, mais 308 alunos nas turmas para jovens e adultos, dentre os alunos, 93 deles eram alunos especiais. O censo aponta que as dependências da escola são acessíveis para “portadores de deficiências”. Conforme o Projeto Político Pedagógico em sua descrição,

A instituição funciona em um prédio com dezesseis salas, uma biblioteca, um ginásio de esporte, um pátio coberto, uma cantina, quatro almoxeiros, quatro sanitários, três banheiros, funcionários, duas cozinhas, uma sala com sanitário para diretoria, duas salas para técnicos, sala para professores com sanitários masculinos e femininos, uma secretaria, um auditório, uma guarita com sanitário para porteiro, um sanitário para portador de necessidades especiais (BARRETO e tal, 2015)⁵⁸

A Escola Municipal Governador Paulo Souto funciona em três turnos conforme distribuídas em: o Atendimento Educacional Especializados nos horários de manhã e tarde, Ensino Fundamental do 6^o ao 9^o ano nos períodos matutinos e vespertino e as aulas para os alunos do Ensino para Jovens e Adultos são ministrados no período noturno (Barreto e tal, 2015).⁵⁹

A escola tem em sua proposta curricular, atender os requisitos solicitados pelos PCNs, elementos que são explicitados em seu Projeto Político-Pedagógico e visa atender os seguintes objetivos:

- Aquisição de habilidades que o qualifique e encaminhe de forma competente para a vida, o exercício da cidadania e o mundo do trabalho;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável, ética e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões individuais e coletivas, primando pela formação de juízo a partir de suas vivências cotidianas, de e cultural da escola;

⁵⁸ BARRETO, Sara Cristina Leite C.; FERRAZ, Maria Norma; FARIAS, Neusa Benício de Souza. Projeto Político Pedagógico. Escola Municipal Governador Paulo Souto, Porto Seguro 2015.

⁵⁹ BARRETO, Sara Cristina Leite C.; FERRAZ, Maria Norma; FARIAS, Neusa Benício de Souza. Projeto Político Pedagógico. Escola Municipal Governador Paulo Souto, Porto Seguro 2015.



- Apropriação da leitura e da escrita, compreensão e conhecimento de seus usos e funções sociais, de forma eficiente e eficaz em diversas situações cotidianas e nos mais variados âmbitos da sociedade moderna;
- Apreensão dos seus direitos e deveres no âmbito da sociedade compreendendo a cidadania como participação social, histórica, cultural e política; tendo atitudes de solidariedade, cooperação e desprezo as injustiças;
- Domínio competente dos conhecimentos acadêmicos e sua importância social, assim como, ter responsabilidade e zelo pelo seu próprio aprendizado⁶⁰.

Para atingir seus objetivos, a escola por meio de seu Projeto Político-pedagógico, tem pensado num modelo de educação interacionista, em que “a apropriação do conhecimento (aprendizagem) acontece na interação de sujeitos construtores e aprendizes de saberes, frente aos conhecimentos sistematizados” percebe se em seu Projeto Político-Pedágio a preocupação da escola com o ensino e aprendizagem dos estudantes, adotando o modelo de ensino que valoriza os conhecimentos cognitivos dos estudantes.

Sobre as metas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, a escola que em 2019, não alcançou sua meta de 4,4, ficando, com 3,8 teve um leve crescimento em relação ao ano de 2017, quando alcançou 3,6.⁶¹

O projeto de intervenção proposto nesta escola, foi uma sequência didática ministrada em seis aulas. A proposta foi realizada em uma turma do 7º ano vespertino, no mês de junho de 2021, nesse momento, ainda não tinha sido divulgado os dados com o Censo Escolar desse ano de 2021. Conforme informações repassadas pela secretaria da escola, a turma de 7º ano vespertino possui 32 alunos matriculados, mas, no momento em que foi aplicado esse projeto, somente 17 alunos estiveram presente em alguma atividade. Cabe aqui ressaltar, que no contexto na qual vivemos, marcado por uma crise sanitária e caracterizado também por uma desigualdade de acesso a produtos eletrônicos e tecnológicos como a internet e podem ter contribuído

⁶⁰ BARRETO, Sara Cristina Leite C.; FERRAZ, Maria Norma; FARIAS, Neusa Benicio de Souza. Projeto Político Pedagógico. Escola Municipal Governador Paulo Souto, Porto Seguro 2015.

⁶¹ BRASIL. **Ministério da Educação. Censo Escolar/INEP 2020.** Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/114917-em-governador-paulo-souto/censo-escolar>. Acesso em: 04 Jul. 2021.



pela evasão escolar nessa turma, pois, as aulas não puderam ser realizadas presencialmente devido a pandemia do Coronavírus.

A Escola Municipal Governador Paulo Souto, leva esse nome em homenagem ao então Governador da Bahia, na época de sua construção. Situada em uma das regiões mais populosas de Porto Seguro, o Bairro Parque Ecológico que faz parte do Complexo do Baianão. Está localizado longe do conglomerado turístico de Porto Seguro e longe dos centros elitizados da cidade, o mesmo está cercado pelos bairros, Baianão, Casas Novas, Nilson Gama e Freio Calixto. É nesses bairros que a grande parte dos alunos vivem. Podemos dizer que ele está localizado em uma das áreas de maior vulnerabilidade socioeconômica da cidade no que diz respeito à infraestrutura urbana e ao acesso às políticas públicas de saúde, assistência e educação. Pensar nessa vulnerabilidade social, é compreender que ela está ligada a vários fatores, como afirma o IPEA no *Mapa da Vulnerabilidade Social* ao conceituar as áreas vulneráveis,

Está associada não apenas as características socioeconômicas, mas está associada a outros diversos fatores (baixos níveis de escolaridade, acesso a serviços públicos, perfis familiares), como também características demográficas dos grupos sociais, dos setores censitários, aspectos que colocam ou podem colocar as pessoas em situações de risco (agravos à saúde, gravidez precoce e jovens vítimas de homicídio, entre outros) (IPEA, 2019)⁶²

É nesse contexto que o complexo do Baianão está inserido, os altos índices de violência e criminalidade que coloca todas as comunidades reféns dessas violências. O bairro Baianão surgiu por volta dos anos de 1990, quando o então prefeito Baiano, faz a distribuição dos terrenos para a população, estes terrenos não tinham qualquer infraestrutura adequada para moradia, “Na época sem energia e água, a população trabalhava para construir suas casas e cuidar da família, com luz de vela e tomando banho nas bicas que existiam nos boqueirões, as famílias iam sobrevivendo.”⁶³ Com o crescimento populacional do bairro, outros foram surgindo e hoje já tem uma população estimada em mais de 50 mil pessoas morando no complexo do Baianão.⁶⁴

⁶² IPEA. Atlas da violência 2019. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/190802atlasdaviolencia2019municipios.pdf>

⁶³ **Bairro Baianão Porto Seguro.** Disponível em: portoseguro.net.br/bairro-baianao-porto-seguro/ acesso em: 09 out 2021.

⁶⁴ Ver mais em <https://portoseguro.net.br/bairro-baianao-porto-seguro/>.



2.3. A ESCOLA NA COMUNIDADE, ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DA VIOÊNCIA.

Uma das pressuposições do entendimento de Escola Cidadã e Popular, defendida por Paulo Freire, é a parte da percepção que é ideal de que todos aqueles e aquelas que compõem a comunidade escolar como: gestores, professores, funcionários de apoio, estudantes, familiares e comunidade do entorno, participem de forma democrática dos processos de preparação e de tomada de decisão em relação aos rumos da gestão administrativa e pedagógica da escola. Tal pressuposto, dialoga com outra ideia defendida pelo educador, ao defender que a educação, embora não seja a única responsável, é de fundamental importância na criação de condições para que os indivíduos se tornem sujeitos de sua própria história.

Pensar a escola em quanto espaço de transformação, também é pensar na transformação social da comunidade e o seu entorno. Assim, o espaço social e geográfico da escola, são importantes na mudança da comunidade, pois, a presença física e o conjunto urbanísticos representa um processo de contínua mudança sociais. Em algumas conjunturas sociais, a escola se insere na comunidade de tal forma a ser representada e representante dela criando pontos de referência e até mesmo área de lazer, quando ela deixa disponível seus equipamentos a serviços da comunidade, a exemplo do uso da quadra poliesportiva da escola pela comunidade.

A escola é um espaço importante para a comunidade, e esta deve saber que ela não acaba no portão de saída. Para Lima (2008) o entorno da escola também se configura como um espaço escolar que vai além dos portões e nos permitem a fazer algumas reflexões, ela entende que a escola faz parte da sociedade, desde sua arquitetura, funcionários, e toda comunidade escolar é importante, assim ela questiona:

Quais as marcas da sociedade atual estão na entrada da escola? Como é o prédio? Quem controla o portão e de que maneira? Como são os transeuntes que por aí trafegam? Quem passa, o que passa e deixa de passar pelo portão da escola? Demorar-se no portão da escola é experiência de compreensão do que acontece lá dentro. O panorama que se descortina, a partir do espaço escolar, pode trazer à tona alguns aspectos que talvez nunca tenhamos observado: a vida da comunidade, a movimentação na frente da escola, costumes, preferências, manifestações de multiculturalismo. O entorno da escola e o movimento que acontece na rua, no quarteirão, a chegada dos



alunos, dos pais e de funcionários e de outras pessoas que compõem esse fluxo (LIMA, 2008)⁶⁵

A Escola municipal Governador Paulo Souto, está inserida numa zona de muitos conflitos sociais, mas ela tem sido o local onde alunos, alunas, professoras e professores tem protagonizados o ensino e aprendizagem numa perspectiva de transformação social. No entanto, ela está inserida em zona de conflitos sociais que tem números altíssimos nos indicadores de violências. Segundo o Atlas da violência em 2019, aponta que em 2017, a Bahia possuía cinco municípios como mais de 100 mil habitantes entre os 20 mais violentos do Brasil.

No grupo dos 20 municípios com mais de 100 mil habitantes mais violentos do país, 18 situavam-se nas regiões Norte e Nordeste. Nesta lista, 5 municípios localizavam-se na Bahia, 4 no Pará, 3 no Ceará, 2 no Rio Grande do Norte, 2 em Pernambuco, e 1 em cada uma das seguintes UF's: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Sergipe e Acre. A lista foi encabeçada pelo município de Maracanaú, na Região Metropolitana de Fortaleza, cuja taxa estimada de homicídio era de 145,7. Na vigésima posição entre os mais violentos encontrava-se município de Eunápolis, no sul da Bahia, com taxa estimada de homicídio de 82,8 (IPEA, 2019).⁶⁶

O levantamento mostra que dentre os cinco mais violentos da Bahia, três deles são da região metropolitana de Salvador e os outros dois são Porto Seguro com taxa estimada de homicídios de 101,6 e Eunapolis com 82,8, ambas registraram respectivamente em 2017, 147 e 86 homicídios.⁶⁷

Infelizmente, os reflexos da violência urbana fazem parte do dia-a-dia dessa escola, não é difícil encontrar nos noticiários locais, os relatos dessa violência, como o caso que resultou na morte de A e M, ambos de 20 anos de idade.⁶⁸ Nesses bairros, que formam o complexo do Baianão, disputa pelo tráfico de drogas e um poder paralelo, têm se organizado de forma a intervir nas comunidades, Antônio Mateus Soares, Matheus Reis França e Claudemir Santana, elaborou um quadro com as

⁶⁵ LIMA. Maria Socorro Lucena. **Reflexões sobre o estágio/ prática de ensino na formação de professores**. Diálogo Educação, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan. /Abr. 2008.

⁶⁶ IPEA. **Atlas da violência 2019**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/190802atlasdaviolencia2019municipios.pdf>

⁶⁷ IPEA. Atlas da violência 2019. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/190802atlasdaviolencia2019municipios.pdf>.

⁶⁸ Bahia dia a Dia. **Moradores do Parque Ecológico protesta contra morte de Jovens**. Disponível em: <https://bahiadiaadia.com/noticias/policial/3996/moradores-do-parque-ecologico-fazem-protesto-apos-morte-de-jovens-01-10-2015>. Acesso em: 06 Jul 2021.



principais características da facção que atua na microrregião dos bairros a partir de diálogos com integrantes da facção M.P.A , a seguir:

Quadro 1 Quadro com as características da facção Mercado do Povo Atitude – M.P.A

Quadro I	
Nome:	Mercado do Povo Atitude (M.P.A)
Área:	Baianão
Saudações:	Eaê
Marca usual:	Ciclone (bonés, camisas e bermudas.
Símbolo	Caveira e Cruz
Relação de parceria:	PCC/São Paulo
Numeração:	1533 (M.P.A)
Estratégia de Atenção:	Queima de ônibus; bloqueio de vias; toque de recolher; celebração do luto.
Perfil:	Grupo mais coeso; hierárquico; chama atenção da sociedade como forma de demonstrar poder.

Fonte: A economia do ilegalismo: tráficos de drogas e esvaziamento dos direitos humanos em Porto Seguro – Ba⁶⁹

O Quadro acima, faz parte de estudo realizado pelo Professor Antonio Mateus Soares, Pelo Bacharel em Interdisciplinar em Humanidades Matheus Reis França e pelo Graduando em Geografia Claudemir França, em seus estudos eles apontam como as organizações criminosas agem dentro das comunidades, eles relatam o modo de agir e como eles operam, criando redes que sustentam suas ações nas comunidades,

Temos os parceiros certos, que faz a movimentação, entregam nos hotéis e nas barracas, a polícia sabe, todo mundo sabe, todo mundo ganha, alguns turistas gostam (risos!), ambulante, vendedor de ingresso, baiana de acarajé, vendedor de água de coco ((SOARES; FRANÇA; SANTANA, 2016)⁷⁰

⁶⁹ SOARES, Antonio Mateus, FRANÇA; Matheus Reis; SANTANA, Claudemir. A economia do ilegalismo: tráficos de drogas e esvaziamento dos direitos humanos em Porto Seguro – Ba. **IX Encontro da ANDHEP** – 2016. Vitória-ES, 2016.

⁷⁰ SOARES, Antonio Mateus, FRANÇA; Matheus Reis; SANTANA, Claudemir. A economia do ilegalismo: tráficos de drogas e esvaziamento dos direitos humanos em Porto Seguro – Ba. **IX Encontro da ANDHEP** – 2016. Vitória-ES, 2016



Por outro lado, a cidade de Porto Seguro é apresentada nas mídias como um dos grandes berços turístico brasileiro, o outro lado da cidade, é marcado por diversos conflitos sociais, socioeconômico e por outros fatores que contribuiu com as desigualdades característicos das cidades e suas periferias. Antônio Soares e Penha Rocha (2019) disseram ao comentar sobre o turismo em Porto Seguro que,

“O outro lado do paraíso sem visibilidade das mídias, é marcado por constituir o turismo predatório, apoiado por um hedonismo radical, expresso através de exploração sexual, aventuras eróticas com adolescentes e jovens, consumo delirante e tráfico de drogas ilícitas o que repercute na ampliação dos índices de criminalidade, que coloca a cidade no mapa das mais violentas da Bahia.”⁷¹

Portais de notícias locais escancaram os conflitos sociais e as violências que a “guerra” entre as quadrilhas de narcotraficantes, pelo controle do comércio varejista de drogas que colocam essas comunidades no meio do fogo cruzado.⁷²

No entanto a lógica das facções que atuam nesses bairros, dar a comunidade a sensação de estar sempre protegida por suas leis, basta que cada morador não transgrida os limites que são impostas por ela.

(...) Inocente não vira presunto, não se mata gente da gente! Não se mata turista da orla. Aqui no Baianão só morre quem corre pelo errado, que trai a facção e a parceria, e os boca aberta (fala de mais), mas antes passa a caminhada. O que mais revolta é um parceiro morrer porque foi cabuetado. Parceiro é parceiro!” (Escuta de áudio AU-2015)⁷³

Nessas falas de supostos integrantes da facção Mercado do Povo Atitude, percebemos onde a população “inocente” está, ela circula livremente desde que não se comprometa com os traficantes. A sensação é que essas comunidades vulneráveis

⁷¹ SOARES, Antônio Matheus; ROCHA, Penha. **Porto seguro – Bahia – Brasil: o outro lado do paraíso**. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/16.pdf>. Acesso em: 08 jul 2021.

⁷² Os sites Jojo Noticias, obaianão.com, Jornal do Sol e Radar64.com, entre outros escancaram os casos de violências que ocorrem nesses bairros

⁷³ Áudios interceptados nos grupos de WhatsApp pelos pesquisadores Antonio Mateus Soares, Matheus Reis França e Claudemir Santana.



as essas condições estão o tempo todo sendo vigiados por esses grupos, pois eles determinam os jeitos das pessoas agirem e até se locomover dentro dos bairros.

Penso que as condições de vulnerabilidades sociais enfrentados em Porto Seguro ou em qualquer lugar, são reflexos do modelo de políticas públicas que são adotadas no Brasil, assim as violências causadas pelas desigualdades sociais trazem uma série de outras consequências, segundo o Atlas da violência:

O fato é que, antes da violência e da morte prematura de jovens nos territórios mais violentos, já houve inúmeras mortes simbólicas, uma vez que uma parcela da sociedade residente nesses locais não teve acesso a condições de desenvolvimento infantil, a oportunidades educacionais e ao mercado de trabalho na juventude, nem a bens culturais e materiais, parte do ideal de sucesso nas modernas economias de mercado (IPEA, 2019)⁷⁴

Mauricio Érnica e Antônio Batista, ao apresentarem os resultados de sua pesquisa realizada na periferia leste da cidade de São Paulo, concluíram que:

Quanto maiores os níveis de vulnerabilidade social do entorno do estabelecimento de ensino, mais limitada tende a ser a qualidade das oportunidades educacionais por ele oferecidas. Mostra também que o efeito negativo do território vulnerável sobre a escola se exerce por meio de cinco mecanismos articulados: isolamento da escola no território; reduzida oferta de matrícula de educação infantil; concentração e segregação de sua população escolar em estabelecimentos de ensino nele localizados; posição de desvantagem de suas escolas no quase mercado escolar oculto; e dificuldades, dada essa posição de desvantagem, de apresentarem as condições necessárias para garantir o funcionamento do modelo institucional que orienta a organização escolar (Érnica; Batista, 2012)⁷⁵

Nesse contexto, adequando a realidade de Porto Seguro e aos conglomerados de bairros do complexo do Baianão, penso que a presença dos mecanismos do Estado com suas políticas públicas faz a diferença na transformação social dessas comunidades. Portanto, a construção e funcionamento de escolas, praças, postos de

⁷⁴ IPEA. **Atlas da violência 2019**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/190802atlasdaviolencia2019municipios.pdf>

⁷⁵ ÉRNICA, Mauricio; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **A escola, a metrópole e a vizinhança Vulnerável**. Cadernos de Pesquisa v.42 n.146 p.640-666 Maio/ago. 2012.



saúde, academias e ginásios para prática de atividade esportivas podem contribuir para a diminuição das ocorrências de práticas ilícitas nas comunidades.

No entanto, devemos observar que a cidade de Porto Seguro, conforme apontou o professor Geovani de Jesus Silva, teve o *boom* do seu crescimento sociodemográfico foi a partir dos anos de 1990, ou seja, as políticas desenvolvimentistas empregadas em outras cidades da Bahia nos anos 1960 a 1980, não chegou a Porto Seguro, mas que somente depois da construção da BR 101 e com a corrida mercantil voltada para exploração turística a cidade teve seu crescimento acelerado a partir dos anos de 1990.⁷⁶ Segundo o IBGE, a população portosegurense era de 34 mil habitantes em 1991, 60 mil em 1995, 95 mil em 2000, mais de 100 mil habitantes em 2002 e em 2010 o IBGE contou 126 mil pessoas e atualmente possui uma população estimada em 146 mil habitantes.⁷⁷

Pensar uma escola como elemento de integração entre a comunidade nos permite refletir que sua importância está além do conjunto arquitetônico nas comunidades e que ela não tem muros, não tem limites, permite a circulação da comunidade ao seu entorno e propicia as pessoas a conhecer suas realidades. Assim, a escola tem se configurado numa instituição social que transforma por meio da interação e do reconhecimento dos conflitos sociais existente, dessa forma, sua participação na comunidade será de forma interativa, formando pessoas e sujeitos sociais. E pensar a prática pedagógica nesse contexto, tem se tornado um desafio, os conflitos e as violências fazem parte das cidades e das zonas rurais de tal forma que as comunidades ficam refém de um sistema que é mantido por falta da presença efetiva do Estado. É nesse meio que os professores e professoras tem pensado suas práticas pedagógicas, disputando com esses fatores sociais e por vezes evitando que jovens caiam nesses abismos sociais

No complexo do Baianão a escola tem assumido a responsabilidade de mudar a realidade da comunidade, e na busca pela mudança, a escola juntamente com a comunidade tem uma relevância significativas, pois ambas são responsáveis pelo que

⁷⁶ SILVA, Geovani de Jesus. **Tempos cotidianos de professoras/es fora da escola**: outras histórias. (Tese) Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

⁷⁷ IBGE, Censo Demográfico.2010



produzem e uma depende da outra para se transformarem, como num processo de metamorfose. De tal modo, se ambas caminharem juntas, unem-se as forças para superar as dificuldades. E assim a Escola Municipal Governador Paulo Souto tem feito parte da vida de muitas pessoas, sua localização permite a integração de várias comunidades. Conforme a tabela abaixo, sua localização permite que essa integração seja feita dentro das escolas, pois vemos alunos de diversos bairros compartilhando dos mesmos conhecimentos.

Tabela 3: Local de moradia da turma do 7º ano vespertino da Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro Bahia.

Bairros	Contagem de alunos por Bairro
Baianão	4
Frei Calixto	1
Nilson Gama	1
No mesmo que bairro que você, do lado sua casa	1
Paraguaí	1
Parque Ecológico	6
Casas Novas	3
Total Geral	17

Fonte: Questionário aplicado através de aulas remota.

Percebi que a turma do 7º ano vespertino possui muitas diversificações quanto ao local de moradia, ou seja, a escola recebe alunos de diversos bairros que formam o complexo do Baianão. Dada essa diversidade de bairros, podemos dizer que se trata de um ambiente escolar de muitas práticas culturais, e de contextos socioeconômico diverso.

Os dados da tabela 01, foi coletado através de um formulário do google forms postado no grupo de WhatsApp da turma, os alunos voluntariamente responderam diversas perguntas que se relacionava aos temas, família, comunidade, conhecimentos históricos entre outros. Nas respostas recebidas percebi que a violência é algo comum entre os estudantes, mesmo nas perguntas simples como, qual bairro você mora, um aluno(a) de codinome “*Atenor junior fi de chocadeira*” usou da violência num momento de aprendizagem, criando assim respostas violentas e intimidatórias que podem contribuir para massificação de respostas genéricas sobre a violência nas comunidades. Ao responder algumas perguntas do questionário, esse indivíduo utilizando-se do anonimato do momento, e mostrou a violência psicológica como algo natural do seu dia-a-dia. Quando perguntado se existia outras famílias



iguais a dele ou dela perto de sua casa, a resposta veio forme irônica e violenta “Existe, a sua família rebanho de mendigo morador de rua”, nesta resposta, esse indivíduo mostra-se total desprezo e falta de conhecimento pelas pessoas que não tem um lar e precisam ir para as ruas, associando-as sempre a algo que não presta. Percebe-se em suas respostas que esse aluno ou aluna tem conhecimentos das existências de famílias que vivem em situação de rua em sua comunidade. Ao seu ponto de vista, essas pessoas merecem ser desprezadas e não merece uma vida digna com oportunidades e com melhores condições de sobrevivência.

Essa violência estampada nas respostas dessa pessoa, podem ser os reflexos do que elas têm enfrentado nessa comunidade. Os casos de violências familiares são destacados cada vez mais no noticiário dos bairros do complexo do Baianão. Assim, as famílias têm sofridos com as violências vivenciadas, elas são as vítimas, como o caso da babá Renata Cerqueira de 20 anos, moradora do bairro Baianão que matou o próprio filho e colocou em uma panela de pressão em agosto de 2016.⁷⁸

Segundo o portal de notícias G1 Bahia, em depoimento ao delegado de polícia, Delmar Bittencout,

[...] ela informa que a criança morreu de forma acidental, ela demonstra que não estava satisfeita com o relacionamento que ela mantinha com o pai da criança. Isso talvez possa ser o motivo da criança ter morrido. Ela não demonstra frieza, ela demonstra que não está muito bem das faculdades mentais (BITTENCOUT, 2016).

Para além de toda violência empregada neste caso, os dilaceramentos familiares, perpassa por desavenças conjugais que vitimizam crianças e adolescente. Ao refletirmos sobre esses casos, penso que a violência tem se banalizado nessas comunidades de tal forma que as pessoas aprendem a conviver com elas de forma que ela não lhe faz diferença em dia a dia, mesmo tendo suas famílias vítimas das facções criminosas que recrutam crianças e adolescentes para fazerem partes de suas organizações criminosas cada vez mais cedo. Assim, penso que a importância da ação do Estado sobre essas comunidades a fim de evitar que criança e adolescente sejam recrutados por essas organizações. Milton Santos, comparou a cidade sem os

⁷⁸ Ver mais em1: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/08/mae-e-presa-apos-inventar-sequestro-de-bebe-e-esconder-corpo-em-panela.html>.



equipamentos públicos a espaços sem cidadão ao falar sobre as injustiças sociais vividas aqui no Brasil.

Olhando-se o mapa do país, é fácil constatar extensas áreas vazias de hospitais, postos de saúde, escolas secundárias e primárias, informação geral e especializada, enfim, áreas desprovidas de serviços essenciais à vida social e à vida individual. O mesmo, aliás, se verifica quando observamos as plantas das cidades em cujas periferias, apesar de uma certa densidade demográfica, tais serviços estão igualmente ausentes. É como se as pessoas nem lá estivessem (SANTOS, 2011)⁷⁹

Desse modo tem se configurado as comunidades mais economicamente sensíveis, como o complexo do Baianão em Porto Seguro que conta com uma população extensa e pouco infraestrutura do Estado deixando a população desassistida de políticas públicas democráticas e acessíveis a todos e todas.

2.4. CONTEXTO DA EDUCAÇÃO EM PORTO SEGURO

No ensino público, segundo o levantamento do IBGE, em 2010, 96,6% da população entre 6 a 14 anos tinha sido escolarizado. Outro dado aponta que em 2020 a rede de ensino público de Porto Seguro contava com 26.027 alunos e alunas matriculados no ensino fundamental e 6.728 alunos e alunas no ensino médio, distribuídos em 125 estabelecimento de ensino público. O mesmo senso, apontou que a rede municipal contava com 1.479 professores e professoras.⁸⁰

No ano de 2010, segundo o IBGE, a cidade possuía cerca de 101.967 pessoas, desta somente 27.527 frequentavam a escola, outras 74.441 não frequentava. A pesquisa aponta que 57.722 pessoas não tinham instrução e não tinham completado o Ensino Fundamental. No ensino fundamental e médio incompleto eram 17.813 e pessoas, enquanto 20.855 pessoas tinham ensino médio e superior incompleto e somente 4883 pessoas tinham ensino superior completo⁸¹.

⁷⁹ SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

⁸⁰ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo demográfico. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/porto-seguro/panorama>. Acesso em: 06 out. 2021.

⁸¹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo. Amostra Educação. disponível em:



Ao aprofundarmos nos dados do Censo demográfico realizado no ano de 2010, utilizando o descritor amostra educação, os números apontam que dentre a população que não frequentam as escolas, cerca de 50,1% se identificaram do sexo masculino, ou seja, não há uma disparidade no percentual dos que não frequentam a escola quanto ao quesito sexo. Quanto a cor, elaborei a tabela abaixo consolidando os dados da Amostra da Educação realizado em 2010 na cidade de Porto Seguro.

Tabela 4: Censo, Amostra Educação do Município de Porto Seguro

	Sem instrução e fundamental incompleto		Fundamental completo ou Médio Incompleto		Médio completo e superior incompleto		Superior completo	
Cor ou raça	População	%	População	%	População	%	População	%
Amarela	225	0,4	137	0,8	142	0,7	54	1,1
Branca	10292	17,8	3660	20,5	6573	31,5	2831	58,0
Indígena	3072	5,3	470	2,6	420	2,0	22	0,5
Parda	35460	61,4	11112	62,4	11186	53,6	1675	34,3
Preta	8673	15,0	2434	13,7	2534	12,2	300	6,1
Total	57722	100,0	17813	100,0	20855	100,0	4882	100,0

Fonte: IBGE – amostra Educação 2010

Os dados da tabela 4 mostram que em todos os níveis de instruções, há uma disparidade em relação as pessoas auto declaradas pardas e negras. Em todos os níveis, essa população apresenta maior número em relação as pessoas de cor branca. Observamos que o acesso à educação é uma política elitista, quando observamos a tabela, notamos que a população branca vai aumentando seu percentual conforme aumenta o nível de instrução que culmina numa maior percentual da população que tem nível superior completo.

2.5. OS PROFESSORES E PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL EM PORTO SEGURO

A relação de tempo livre e trabalho dos professores da rede Municipal de Porto Seguro, foi objeto de apreciação do professor Geovani de Jesus Silva em sua tese de



doutorado apresentado na Universidade Federal de Minas Gerais em 2014. O autor justificou que as reformas da educação no Brasil, foi influenciada pelas políticas neoliberais, cabendo a educação desenvolver o papel de desenvolver o mercado consumidor, gerar a estabilidade política nos países com a subordinação dos processos educativos voltados para o interesse do mercado internacional; priorizar formação abrangente a exemplo do ensino tecnológico e profissionalizante.⁸² Ou seja a educação foi pensada para produzir sujeitos consumidores, nesse cenário, o tempo de descanso representa uma perda de produtividade para o mercado capitalista. No cotidiano, o tempo livre de professores e professoras se constitui numa fuga dos serviços profissionais, Geovane de Jesus Silva, apontou em suas pesquisas, diversos afazeres que esses indivíduos fazem quando estão de folga da escola, como os casos das duas de suas entrevistadas, que deram as seguintes respostas:

Na quinta-feira sempre resolvo algumas coisas na rua (banco, contas...). Na sexta-feira almoçamos em casa de amigos e à noite damos uma voltinha no centro. Sábado é dia de limpar a casa com meu esposo e lavar a roupa da semana, se não for letivo. Domingo, almoçamos fora descansamos (...) durante a semana, rotina normal de aula e planejamento, tarefas domésticas o tempo com meu filho, que é muito importante. Antes de dormir, meu devocional diário: meditação e oração (Professora Kelle, mensagem pela internet, em 15 de abril de 2013)

Todos os dias, de segunda a sexta a minha rotina é sempre igual, acordo às 06h00 da manhã, preparo o café, chamo as crianças, arrumo para irem para a escola, tomamos café e saímos juntas, deixo elas na escola e vou pra minha. Às 11h40 apanho as crianças na escola e vamos para casa, lá termino de fazer o almoço, almoçamos, faço alguma coisa da casa, deixo na casa da vó e vou para a escola. Às 17h00 saio da escola, passo na casa da minha mãe para pegar as crianças e ao chegar em casa vou ajudá-las nas atividades, cuidar da casa, preparar alguma coisa para o almoço do outro dia, assistir um pouco de TV ou ouvir música enquanto faço as tarefas da casa, depois leio alguma

coisa, preparo aula, corrijo alguma atividade e vou dormir. Nos finais de semana, quando o sábado não é letivo, vou à praia, mas é muito raro, no domingo quase sempre encontro com a família, almoçamos juntos, sempre em uma casa diferente, mas isso depois da faxina geral que dou na casa, pois na semana só dá pra fazer o que é mais urgente. Isso se repete toda semana. Nas férias essa rotina muda um pouco,

⁸² SILVA, Geovani de Jesus. **Tempos cotidianos de professoras/es fora da escola**: outras histórias. (Tese) Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.



porque fico em casa mais tempo (Professora Livia, mensagem pela internet, em 20 de abril de 2013)⁸³

As entrevistadas relatam que durante a semana mantém suas rotinas, ela começa antes das 06h00 da manhã e só terminam tarde da noite. Nas suas horas livres do trabalho durante a semana, tem outros afazeres dentro de casa, como: cuidar das crianças, cozinhar e outras atividades domésticas que são realizadas concomitante ao cozinhar, por vezes elas usam parte do tempo livre para planejar aulas e corrigirem atividades e separam pouco tempo para atividades de Lazer ou prática de atividades físicas. Outro dado aponto pelo professor Geovani Silva de Jesus, é que a diferença entre os aproveitamentos das horas livres é diferente para cada grupos de professores,

É também visível, que as rotinas e cadências temporais do dia a dia não são homogêneas. As/os docentes que têm filhas/os possuem rotinas diferenciadas daquelas/es que não as/os têm, bem como jornadas diferentes de trabalho, morar sozinhas/os e com companheiras/os são aspectos que podem diferenciar significativamente as suas rotinas (SILVA, 2014)⁸⁴

A pesquisa do professor Geovani Silva de Jesus, também demonstrou que as atividades realizadas em tempos livres do trabalho escolar, são diferentes para alguns grupos de professores da rede municipal de Porto Seguro, enquanto os professores e professoras que são casados e/ou tem filhos, por vezes faltam lhe tempo, os que moram sozinhos ou que tem carga horaria diferenciadas tem suas rotinas diferenciadas, no entanto, ele afirma que ambos os grupos de professores nas suas horas de folgas, priorizam as atividades com seus familiares.

Uma das conclusões apontada na pesquisa do Professor é que mais de 60% dos professores da rede municipal assumiram carga horaria de 40 horas semanais, e ainda extrapolam essas jornadas nos afazeres domésticos e correção de atividade e planejamentos de aula. Ao refletir sobre esses dados, surgiram algumas perguntas. Como esses professores e professoras que mal tem tempo para planejar aula pode fazer uma aula transgressora? Como vão lidar com o trabalho e família? Esses

⁸³ ⁸³ Entrevista cedida ao professor Geovane de Jesus Silva para tese de doutorado em 2013.

⁸⁴ SILVA, Geovani de Jesus. **Tempos cotidianos de professoras/es fora da escola**: outras histórias. (Tese) Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.



trabalhadores e trabalhadoras são pessoas e por isso precisam pensar, estudar e buscar novas propostas de aulas.

2.6. A ESCOLA E A PRECARIZAÇÃO NO ENSINO EM PORTO SEGURO

Uma problemática que professores, professoras, alunos e alunas, têm enfrentado constantemente no Município de Porto Seguro é a precarização das escolas públicas. Em 2016 em um trabalho apresentado na Universidade de Campinas em São Paulo, os professores e professoras, Santos, Euvadelis Pereira; Góes, José Roberto da Silva; Cruz, Neilton Castro da; Lima, Rafaela de Quadros; Vilela, Verena Queiroz Cruz, denunciam situações delicadas no ensino público. Segundo eles, o município tem recebido valores volumosos e são aplicados de forma indevidas e por isso tem ocorrido a precarização das escolas, “o baixo investimento na manutenção, reformas, ampliação e, sobretudo, as raras construções de novos prédios, o que tem somado para verticalizar o processo de precarização do Ensino Público do município.”⁸⁵ Os autores e autoras concluem seus estudos apontando que a falta de investimentos ou aplicação indevida dos recursos públicos tem causados consequências na prática de uma educação de qualidade, eles e elas argumentaram que:

[...] trabalhar ou estudar numa instituição inadequada, em grande medida, pode impedir que a escola assume seu papel social, podendo inclusive ser transformada num espaço propício ao adoecimento das pessoas envolvidas, tendo em vista os transtornos suscetíveis a ocorrer em razão dos problemas mais diversos que a inadequação pode promover (SANTOS e Tal, 2016).

Diante dessas problemáticas de precarização dos equipamentos públicos de ensino aliado a desvalorização da classe trabalhadora na educação penso que a falta de políticas públicas adequadas a cada realidade dos alunos e alunas dificulta a aprendizagem de crianças, adolescente e adultos nas escolas da rede municipal de Porto Seguro. Abaixo, a tabela mostra a quantidade de matriculados no município no ano de 2015.

⁸⁵ SANTOS, Euvadelis Pereira; e tal. **A precarização do ensino público no município de Porto Seguro**. Fundação Perseu Abramo – GAPI/Unicamp. São Paulo, 2016.



Tabela 5: Matrícula inicial no Município de Porto Seguro, Bahia 2015

Modalidade da educação	Número de Alunos Matriculados em 2015								
	Urbana					Rural			
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada	Federal	Estadual	Municipal	Privada
Educação infantil	5.302	-	-	2.353	985	-	-	1.700	264
Ensino Fundamental	24.667	-	327	11.894	2.632	-	-	8.929	885
Ensino Médio	5.885	231	4.437	-	474	-	420	237	86
EJA	3.644	-	550	1.955	-	-	-	1.139	-
Total	39.498	231	5.314	16.202	4.091	-	420	12.005	1.235

Fonte: Anuário Estatístico da Educação da Bahia⁸⁶

Em 2015, conforme os dados do Anuário Estatístico da Educação na Bahia, o município tinha cerca de 39 mil alunos matriculados em sua rede ensino infantil, ensino fundamental I, fundamental II ensino médio e Educação para Jovens e Adultos. Os dados do anuário apontam uma imensa quantidade de alunos que estudam em escolas da Zona Rural, eles são de escolas localizadas em vários distritos administrativos pertencente ao município de Porto Seguro.

Tabela 6: Número de Estabelecimento educacionais no Município de Porto Seguro, Bahia 2015

Modalidade da educação	Número de Estabelecimentos								
	Total	URBANA				RURAL			
		Federal	Estadual	Municipal	Privada	Federal	Estadual	Municipal	Privada
EJA	30	-	4	9	-	-	-	17	-
Médio	16	1	6	-	5	-	1	2	1
Fundamental	112	-	1	34	15	-	-	60	2
Infantil	88	-	-	22	14	-	-	50	2
Total	246	1	11	65	34	-	1	129	5

Fonte: Anuário Estatístico da Educação da Bahia⁸⁷

Conforme a Tabela 6, o anuário mostra que ano de 2015 o município possuía em sua rede de ensino, 246 escolas, sendo que 129 escolas estão situadas na Zona

⁸⁶ Anuário Estatístico da Educação v. 1, Secretaria da Educação. Salvador: 2017

⁸⁷ Anuário Estatístico da Educação v. 1, Secretaria da Educação. Salvador: 2017



Rural do município, no mesmo levantamento, é apontado que não existe oferta de educação para Jovens e Adultos na rede privada.

O Anuário Estatístico apontou uma elevada taxa de reprovação e desistência para o município, somente no Ensino Médio, foram 18,9% de reprovação e 9,5% de abandono, ou seja, 28,4% dos alunos matriculados nessa modalidade não avançaram na sua trajetória acadêmica. Os números apontando no anuário são reflexos dos percalços sociais que estas comunidades têm enfrentado, como os altos índices de violência e falta de infraestrutura do Estado.

Tabela 7: Indicadores de Movimento e Rendimento

Ano	Taxas		
	Aprovação	Reprovação	Abandono
2010	77,7	15,7	6,6
2011	79,5	15,0	5,5
2012	80,6	13,9	5,5
2013	81,7	13,9	4,4
2014	81,1	14,4	4,5
2015	82,0	14,0	4,0

Fonte: SEC, MEC/INEP⁸⁸

Conforme apresentado na tabela 7, vemos que até o ano de 2015, o município tem altos índices de reprovação e abandono escolar com pouca evolução nos índices de aprovados entre os anos de 2010 a 2015, isso demonstra que os gestores municipais não tem aplicado corretamente os recursos disponibilizados ou ainda a falta de investimento no setor educacional do município, como apontou os professores e professoras, Euvadelis Pereira Santos; José Roberto da Silva Goes; Neilton Castro da Cruz; Rafaela de Quadros Lima; Verena Queiroz Cruz Vilela⁸⁹.

Nesse cenário que professores da Escola Municipal Governador Paulo Souto têm atuado na Educação em Porto Seguro na Bahia, um cenário de enfrentamentos constante contra as diversas formas de violências e sucateamento da educação, que por sua vez demanda numa possível causa para o elevado número de reprovação e

⁸⁸ Anuário Estatístico da Educação v. 1, Secretaria da Educação. Salvador: 2017

⁸⁹ SANTOS, Euvadelis Pereira; e tal. **A precarização do ensino público no município de Porto Seguro**. Fundação Perseu Abramo – GAPI/Unicamp. São Paulo, 2016



desistência escolar. Bem como os estudantes que também estão susceptíveis a essa falta de estrutura e as diversas violências. Os números representados nas tabelas acima, são reflexos desses contextos sociais que os bairros mais socialmente vulneráveis têm enfrentado. Diante dessas problemáticas e dilaceramentos que o projeto de intervenção foi pensado e aplicado na Escola Governador Paulo Souto.

2.7. QUAIS OS SABERES DOS ALUNOS DO 7º ANO VESPERTINO TÊM SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO E FAMÍLIA? E COMO SÃO AS SUAS FAMÍLIAS?

Ao iniciar o projeto de intervenção pensado para os alunos de 7º ano, propus que eles respondessem algumas perguntas que me desse bases para pensar como trabalhar a temática sobre família e escravidão nessa turma. As aulas online foram realizadas utilizando a plataforma dos Google Meet, em que os alunos e alunas que tinham acesso à internet com qualidade mínima que pudessem participar das aulas online, síncronas, para os alunos que não dispunham da Internet, ele tiveram acesso ao material impresso, eles retiraram todos os textos e materiais de apoio na secretária da escola e fizeram a devolução numa data combina. Como já foi citado neste trabalho, a pandemia causada pelo corona vírus, pegou todos de surpresa ao ponto de enfatizar que o Brasil não dispõem de um plano de contingência para educação em momentos de crises como essa, tende em vista a precariedade nos serviços de internet mesmo para aqueles que possuem dispositivos com acesso, por outro lado a falta de uma política para que haja equidade entre a população ao ponto de ofertar computadores, celulares ou tablets para estudantes economicamente carente. Esses elementos constituíram uma dificuldade em reunir a turma para duas aulas semanais no componente curricular de história durante quatro semanas de aplicação do projeto.

No formato de aulas online síncrona, os alunos tiveram experiências diferentes daqueles que não puderam acessar, como exemplo: ler textos e fazer alguns comentários no blog. Aos alunos que não tiveram acesso, responderam todas as atividades proposta no material que foi disponibilizado de forma impressa.

Sendo assim, tive duas experiências ao trabalhar esse projeto de aulas sequenciadas, a primeira com os alunos e alunas que podiam acessar a internet e a segunda com os alunos que fizeram todas as atividades de forma impressa. A partir



daqui, relatarei como foram essas experiências da perspectiva de trabalhar propostas de aulas iguais mais maneiras distintas numa mesma turma.

A parte da turma que tinha acesso à internet e participaram de todo o projeto de forma virtual participou das aulas das 14h40 até as 16h00 nas tardes de quinta-feira (horário reservado para duas horas aulas do componente curricular de história) utilizei a plataforma do *Google Meet* enviando os links da sala virtual através do aplicativo de mensagem WhatsApp, o link era enviado para o grupo do 7º a vespertino criado pela secretária da escola no qual todos os professores dessa turma tinham acesso. Esse grupo, também funcionou para outros professores usassem como espaço de interação acadêmica entre professores e alunos, por ele, alguns professores postavam suas propostas de atividades ou explicava alguns conteúdos.

Os alunos entravam na sala virtual sempre com a câmera desligada, muitos deles com os nomes e fotos dos pais ou dos irmãos, o que nos leva a pensar que nessa família, o celular da mãe, do pai e até do irmão eram compartilhados entre eles para que o aluno ou aluna pudesse participar da aula. O encontro era sempre marcado pela “tela preta” proporcionados por momentos como esse causado pelo vírus e nunca visto antes em nossa história recente.

Diversos são os motivos pelos quais os alunos não abrem suas câmeras durante as aulas, muitos ficam vergonhosos em mostrar o ambiente, ou tem medo de sofrerem Cyberbullying, com aponta Jessé em uma entrevista cedida ao portal porvir.org

Durante uma aula online, a facilidade de printar a tela e armazenar imagens faz com que alguns estudantes desliguem suas câmeras com medo de sofrer cyberbullying (bullying no ambiente virtual). “O ambiente virtual reúne muitos alunos em uma mesma videochamada, e às vezes eles relatam que não querem abrir a câmera porque outro coleguinha pode tirar uma foto e fazer um meme para colocar em um grupo de WhatsApp”(Jessé, entrevista cedida ao portal Porvir.org)⁹⁰

Outros fatores também podem impedir os alunos e alunas a não ligarem as câmeras dos seus dispositivos pode estar relacionado a qualidade da internet disponível para o acesso, tendo em vista que não houve um plano dos Governos

⁹⁰ PORVIR. **6 motivos pelos quais seus alunos não abrem as câmeras**. Disponível em: <https://porvir.org/6-motivos-pelos-quais-seus-alunos-nao-abrem-as-cameras/>. Acesso em 18 set 2021.



Municipais, Estaduais nem Federal para ofertar internet gratuita e com qualidade, cabe ressaltar que, apesar de estar prevista em (Lei 14.172/21), cerca de R\$ 3,5 milhões de reais, para fornecimento de internet gratuitas nas escolas públicas, essa verba foi vetada pelo Presidente da República,⁹¹ deixando desassistido milhares de estudantes e professores em todo Brasil. Assim, para garantir o acesso dos estudantes a internet, os pais e responsáveis pelos alunos e alunas na medida que puderam, cumpriram o papel do Estado, comprando pacotes de internet para que seus filhos e filhas pudessem ter acesso à educação. Segundo uma pesquisa divulgada pelo jornal Folha de São Paulo, a procura pelos serviços de internet aumentou em três vezes durante a quarentena, já o Sindicato Nacional das Empresas de Telefonia e de Serviço Móvel Celular e Pessoal, disse que, desde o início da quarentena, houve um aumento em 30% no tráfego de internet em todo país.⁹²

Diante de tais problemáticas e dificuldade em acesso à internet, optei em trabalhar com atividades em que não requeriam internet de boa qualidade, na primeira aula propôs que os alunos respondessem texto que formatei em modelo de formulário de forma que eles respondessem livremente sobre o tema perguntado. As repostas nas tabelas abaixo, foram coleta através do formulário do Google Forms.

Tabela 8 Resposta da turma com acesso à internet sobre o tema escravidão no Brasil.

	O que você sabe sobre a escravização no Brasil?
2	Que o os Portugueses colonizaram o Brasil e colocaram os escravos para trabalhar para eles
3	Homens negros eram vendidos para homens brancos, e eles os forçavam trabalhar em troca de nada, mal os alimentavas é batia neles se fizessem alguma coisa q não gostava
4	A escravidão foi usada para trabalhos envolvendo as atividades econômicas como o pau-brasil a cana-de-açúcar e o café. A mão de obra naquela época era os escravos africanos e indígenas. Ela foi abolida pela princesa Isabel em 1888 com a lei Áurea.
5	Que os negros e os indígenas foram escravizados pelos europeus, e que os indígenas se rebelaram e por conta disso a maior parte da população indígena da época foi dizimada, e que uma parte dos negros trazidos para o Brasil eram escravos de guerra na África e outra parte era trazida a força.

⁹¹ Ver reportagem completa em: <https://www.proifes.org.br/noticias-proifes/bolsonaro-veta-internet-nas-escolas-publicas/>,

⁹² Para ver matéria completa acesse o site: <http://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/04/procura-por-servicos-de-internet-nas-periferias-aumenta-3-vezes-durante-quarentena.shtml>



6	Fomos escravizados no passado e obrigados a falar uma língua diferente e crer em uma crença que não era a nossa, indígenas lutaram contra os europeus com suas armas, é muitos foram dizimados. Os negros Africanos eram levados de suas terras enganados e quando chegava aqui no Brasil já era oficialmente escravizado, isso se eles chegassem vivos, os mais corajosos fugiam e se abrigavam em aldeias chamadas quilombos. O mais famoso deles foi o quilombo dos palmares. Zumbi dos palmares que era o chefe deles mais foi morto por branco. Com o passar do tempo muitos anos depois foi abolida a escravidão, mais as pessoas escravizadas não tinham condições para sobreviver e por isso continuaram trabalhando para seus antigos donos, mais aí foi incluído o pagamento...
7	Eu sei que a escravidão começou em 1888.E sei que a princesa Izabel libertou 120 escravos.
	Sei que os portugueses com dificuldade de escravizar os índios passaram a trazer negros para cá.
8	Que foi um ato muito violento e controlador que os povos de cor branca faziam com os negros, porque os negros eram retirados de suas casas e famílias para servir as pessoas que estavam em classe mais alta que a deles.
9	Que na chegada dos portugueses eles escravizaram os índios e depois trouxeram negros também para o brasil para trabalharem para eles sem receber nada.
10	Ela foi uma instituição durante mais de 300 anos e ela também foi responsável pela escravidão de indígenas e africanos.
11	A escravidão é a prática social em que um ser humano assume direitos de propriedade sobre outro designado por escravo, imposta por meio da força. Em algumas sociedades, desde os tempos mais remotos, os escravos eram legalmente definidos como uma mercadoria ou como despojos de guerra.
12	Geral trampo sem receber nada
13	Que a escravidão no Brasil foi muito violenta e que existiu a muito tempo

Fonte: questionário aplicado em sala de aula

Na tabela acima, deixei que os alunos e alunas respondessem de forma livre a pergunta, nesse momento não os identifiquei, pois, o resultado geral das repostas me nortearia para nos planejamentos das aulas seguintes. Também não me preocupei nesse momento em apontar se as respostas condiziam com a historiografia. No entanto, de forma geral, as respostas foram satisfatórias para essa pergunta, pois, minimamente os alunos tenha uma noção que a escravização dos homens negros foi uma realidade no Brasil, como foi apontado por uma aluna na linha 13 da tabela acima. Percebemos algumas respostas genéricas e outra bem mais elaboradas que citam a presenças das famílias escravizadas e a escravização dos indígenas.

A partir das respostas dos alunos e alunas foi possível desenvolver várias temáticas com a turma, dentre elas, os temas que relacionava a família e a existência de famílias negras, percebi, os alunos e alunas tinham conhecimento da existência dessa família e sabiam que elas eram desmanteladas de acordo com as vontades de



seus escravizadores. Essa percepção fica evidente na resposta na tabela 9, quando perguntado quais eram os locais onde os escravizados trabalhavam, em algumas respostas, foi mencionado que eles trabalham com suas famílias, ou seja, na percepção desse aluno ou aluna, ele tem consciência da existência dessas famílias.

Tabela 9 Resposta da turma com acesso à internet sobre o tema quem eram os escravizados e quais lugares trabalhavam na América Portuguesa.

	Quem era os escravizados? Quais lugares os escravizados trabalhavam?
2	Eram os Africanos
3	Homens negros. Em serviços doméstico, em plantações de cana de açúcar ...
4	Os indígenas muitos escravos trabalhavam (principalmente no Rio de Janeiro, Pernambuco e em outras cidades litorâneas) como estivadores, barqueiros, vendedores, aprendizes, mestres em artesanato.
5	Os negros e os indígenas. Na senzala com suas famílias
6	Africanos e índios
7	Os escravizados eram servos de brancos, negros e ricos, que trabalhavam em locais rurais. Trabalhavam de graça Troca de comida.
8	Os negros. Lavouras de cana, de café, e etc.
8	Negros, Indígenas e Africanos. Cozinham, limpavam, cuidavam de crianças e faziam outros trabalhos caseiros para as famílias que pertenciam.
10	Índios e negros
11	Eram da África. E era trazido para lavar prato, minera e trabalho doméstico.
12	As pessoas escravizadas, chamadas escravos, têm de trabalhar para seus donos, fazendo tudo o que eles mandam. Os Africanos não trabalhavam somente nos engenhos de cana-de-açúcar, contudo, muitos escravos trabalhavam como barqueiros, estivadores, vendedores, serviços domésticos e artesanato.
13	Os africanos. como barqueiros, estivadores vendedores, serviços domésticos e artesanato

Fonte: questionário aplicado em sala de aula em 06 de junho 2021.

Através das respostas da tabela 9, percebi que os alunos e alunas já possuíam alguns conhecimentos prévios sobre a escravização dos negros no Brasil, repare que eles e elas mencionam diversos detalhes importante sobre a temática. Como:



- Origem;
- Tipos de trabalho;
- Local de trabalho;
- Profissões;
- Escravização indígena;
- Existência da senzala;
- E outros aspectos.

As respostas da tabela 9 apresentaram algumas variações quanto a percepção de trabalho e vida cotidiana de cada estudante, como o caso da resposta na linha 12, o aluno ou aluna, soube classificar os temos escravizados e escravo, ele/ela percebeu que o termo escravo está relacionado sempre a uma pessoa que foi obrigado a trabalhar para outro indivíduo, obedecendo sempre as suas ordens.

Nessas perguntas, a minha intenção era saber quais conhecimentos a turma tinham sobre os escravizados no Brasil. No geral as respostas obtidas mostram que os alunos e alunas tiveram contato com a historiografia sobre a temática, pois eles apontaram elementos da vida cotidiana dessas pessoas enquanto estavam sob o regime escravista. Nas respostas também chamam atenção quanto a origem dos escravizados, baseado nessas informações, percebi que os alunos e alunas possuem conhecimentos sólidos quanto as origens, pois, em eles responderam que a escravização não afetou somente os negros e negras trazidas compulsoriamente, mas também teve a escravização dos povos indígenas.

Em suas respostas percebemos que eles são capazes de discernir vários aspectos da escravização no Brasil, quando mencionado a escravização indígenas mostrou conhecimentos sobre a temática que nos leva a afirmar que eles sabem que houve um processo escravista em sua cidade, Porto Seguro, pois, muitos afirmaram a existência de profissões ainda existente nessa região, como os artesãos e pescadores. Outras percepções estão sempre relacionadas aquilo que vem sendo apontado nas historiografias sobre a temática, provavelmente de suas experiências em contato com livros, filmes, novelas e etc.



A partir das respostas dessas perguntas, inseri no planejamento um texto de minha autoria, intitulada *Família Escravizada* que foi postado no site www.arquivodahistoria.com e partir dessa leitura fizemos a discussão acerca da família escravizada no Brasil, em que os alunos e alunas contaram sobre as suas famílias e até que ponto tinham algo em comum.

O tema família apareceu nas respostas das duas questões acima, isso foi ponto de partida para que lançasse outras questões no formulário para que os alunos e alunas respondessem, o resultado apresentado na tabela abaixo, foi coletado através do formulário. Percebi que os indivíduos tinham noções diferentes do que significa família, para uns a família era somente as pessoas mais próxima ao seu convívio, outras elencou todas as pessoas com as quais mantinham certo grau de parentesco.

Tabela 10: Resposta da turma com acesso à internet a questões relacionado a família.

Linha	O que você entende por família?	Quem são as pessoas de sua família? Quantas pessoas?
1	Que são um grupo de pessoas que são unidos e com o mesmo sobrenome	São meu pai, minha mãe e eu, são 3
2	Um grupo de pessoas composta por mãe pai filho filha avós... q Morão juntos	Eu meu pai minha mãe e meu irmão, total de pessoas (4)
3	Que deve ser unida, dar educação, passarem tempos juntos, evitar brigas.	Meu pai minha mãe meu avô minha avó, 5 pessoas
4	Acho que família são laços de sangue ou não com uma ou mais pessoas.	Mãe, padrasto, avó, avô, irmãos e tio. 7 pessoas.
5	Família é aquela que está conosco que mora em nossa casa e que está bem pertinho, é amar cuidar e viver com quem amamos família é parente, mas também é amigos.	Eu, meu pai, minha mãe, e minha irmã mais nova somos 4
6		Minhas primas, minha vó, minhas tias, meus irmãos, meu pai e eu.



7	Que pode tanto ser de sangue (biológico) quanto de consideração ou adotiva.	Pais, avô, tios, tias, primos e primas. Tem a família da minha mãe também, mas como ela é adotada eu não considero por que eles fizeram algumas coisas (só considerava minha vó, mas ela já faleceu). Ahh eu não sei minha família é muito grande.
8	Que deve ser unida, dar educação, passarem tempos juntos e evitar brigas.	Eu, minha mãe, meu pai e meu irmão. São 4 pessoas.
9	família para mim é só parentes, também são meus amigos	5 pessoas pai, mãe, irmão e mais um irmão
10	Praticamente são um grupo de pessoas com parentesco, que tem afinidade convive junto tem carinho, amor e protege uns aos outros.	Meu pai minha mãe e meu irmão são 4 pessoas contando comigo
11	Muitas coisas tipos sentimentos amor, carinho, brincadeiras etc...	São muitas pessoas então é melhor deixar quieto. São 47
12	Família são pessoas de um convívio social onde existe intimidade e fortes sentimentos	Mãe, irmão 2

Fonte: questionário aplicado em sala de aula em 06 de junho 2021.

O termo família teve vários significados entre os alunos e alunas. Ao descrever o que eles entendiam como família na primeira pergunta, repare que na sua maioria, as respostas refletiam na resposta da segunda pergunta. Como a resposta da linha 12, para esse aluno ou aluna, “a família são as pessoas de convívio social onde existe intimidade e fortes sentimento”, ao relacionar com a resposta da segunda pergunta, notamos a ausência da figura do pai, pois, para ela ou ele, somente sua mãe e seus irmãos são seus familiares.

Assim percebi que essas pessoas que fazem parte do círculo familiar desses alunos e alunas também contribuem no seu desenvolvimento enquanto cidadão e são suas referências. A ausência do pai, fez com que ele não fosse citado na resposta, cabe ressaltar que essa ausência pode ter acontecido por muitos fatores que não estamos investigando nesse momento.

Para o outro grupo de alunos que não tinham acesso à internet, as atividades propostas na sequência didática permitiram que todos os alunos e alunas tivessem



acesso ao mesmo conteúdo, assim, as atividades foram disponibilizadas na secretária da Escola Municipal Governador Paulo Souto, para que os alunos puderam ir ou solicitar a retirado material impresso e em uma data específica eles tinham que devolver as atividades proposta no material, ficando com eles apenas os textos sem atividades.

Nas atividades propostas a esse grupo, solicitei que respondessem os questionários com as mesmas perguntas feitas ao grupo de acesso à internet, as respostas da tabela abaixo, foram respondidas e entregue na secretaria da escola e depois fiz a retirada de todas atividades, no entanto, não foi dado nenhum *feed back* a nenhuns grupos de alunos e alunas quanto as respostas das atividades.

Tabela 11: Resposta da turma sem acesso à internet sobre a escravidão no Brasil.

	O que você sabe sobre a escravidão no Brasil?
1	A escravidão foi usada para trabalhos envolvendo atividades como comercio como, Pau-brasil e café
2	A escravidão é uma crença entre hierarquias onde a “raça” se acha maior e melhor que outra.
3	Foi implantado no início do século XVI. Em 1535 chegou a Salvador -Ba o primeiro navio com negros escravizados. Este ano é o marco do início da escravidão no Brasil que só terminou 353 anos depois em 13 de maio de 1888 com a lei Áurea.
4	Teve início em 1530, em que Portugal precisava de trabalhadores para trabalhar nos engenhos de açúcar no Brasil colônia e acabou trazendo diversos africanos a força para serem escravizados.

Fonte: questionário aplicado em sala de aula em 06 de junho 2021.

Analisando as respostas da turma que não tinha acesso a internet, percebi que eles também detinham conhecimentos sobre a escravização de pessoas no Brasil, em suas respostas foi possível encontrar diversos elementos do período escravocrata. Algumas respostas com um pouco mais de detalhes, podem ter sido feitas com apoio do livro didático ou de outro material didático. Mas, de forma geral, em suas respostas incluíam os tipos de trabalho exercidos por esses homens e mulheres escravizadas, também percebi que eles tinham conhecimentos sobre quando os colonizadores chegaram e quais produtos que eram exportados. Em algumas respostas percebe-se que os alunos e alunas apontam algumas atividades agrícolas dos invasores, como: extração do Pau-brasil, plantações de cana-de-açúcar e café.



Tabela 12: Resposta da turma sem acesso à internet a questões relacionado a família.

Linha	O que você entende por família?	Quem são as pessoas de sua família? Quantas pessoas?
1	Deve ser unida e da educação	Pai, avô, Avó, irmã, mãe e eu – 6
2	Parentesco ou também por laço afetivo, podem viver no mesmo lar.	São 4, eu, meu pai, minha mãe e meu irmão
3	Nada	Muitas pessoas
4	Eu entendo que são pessoas que criamos vínculos afetivo e convivência no mesmo lar.	Meu pai, minha mãe, meus irmãos, são 6

Fonte: questionário aplicado em sala de aula em 06 de junho 2021.

Para essa atividade, a exceção da resposta da linha 3 na tabela 12, os dois grupos tiveram respostas parecidas, ambas responderam as questões explicando que os seus entendimentos sobre a família são pautados em laços de afetividade e convivência no dia a dia.

Sobre a família dos alunos e alunas, percebi que a maioria deles tem seu núcleo familiar composto por mais de um indivíduo, são famílias numerosas que mantem certas relações entre si. Notei que dentre as famílias dos estudantes, elas possuem diversas variações como: a existência da família nuclear, basicamente formada pelo pai, a mãe e os filhos, famílias monoparentais, formada somente pela mãe e filhos, famílias reconstituídas, composta pela união de uma casa com filhos de uma relação anterior.

Tabela 13: Composição familiar dos estudantes do 7º ano vespertino da Escola Municipal Paulo Souto em porto Seguro-Ba

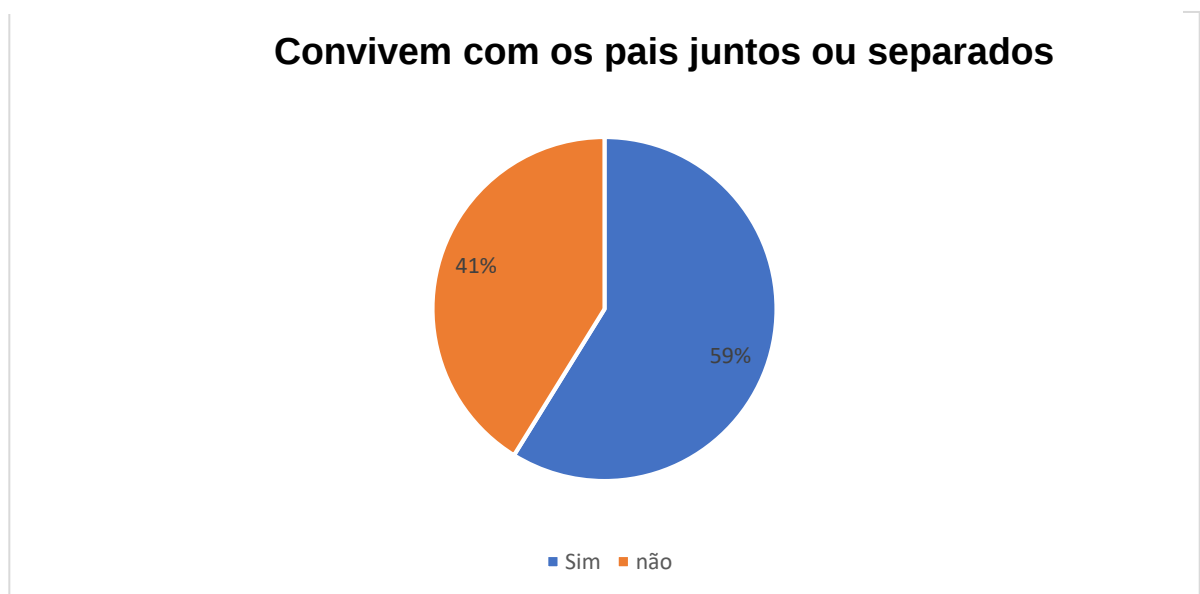
Composição familiar dos alunos e alunas	
Número de componentes	Quantidade
2 pessoas	0
3 pessoas	1
4 pessoas	6
5 pessoas	2
Mais de 6 pessoas ou mais	6

Fonte: questionário aplicado em sala de aula em 06 de junho 2021.



Conforme apresentado na tabela 13, em sua maioria, as famílias dos alunos e alunas são bem numerosas, com muitos integrantes. Esses números refletem nas respostas da quando pergunto quais seus entendimentos por família, assim, eles e elas entende que a família é formada por diversas pessoas que mantém certos graus de relacionamento.

Gráfico 2 Percentual das famílias que convivem com os pais juntos ou separados



Fonte: Questionário aplicado em sala virtual em 06 de junho 2021

Quando perguntado se a famílias moram juntos, 59% responderam que sim e 41 responderam não, ou seja, entre os 17 alunos e alunas que compõe a turma, 10 convivem com seus pais morando juntos configurando a família nuclear e 7 alunos ou alunas moram em casa em que os pais convivem separados. Os resultados indicam que os alunos dessa turma do 7º ano da Escola Municipal Governador Paulo Souto, possui famílias bem diversificadas quanto a sua formação familiar. Embora elas sejam numerosas, a presença dos dois progenitores não é encontrada em todos os lares, algumas delas convivem com padrastos ou madrastas. No entanto, a ideia de família para alunos e alunas do 7º ano vespertino da Escola Municipal Governador Paulo Souto, é trazer a ideia referencial e os exemplos que eles têm dentro de suas casas, nota-se que eles utilizaram como parâmetros ao classificar o termo família, eles consideram que família são as pessoas intimamente mais próximos de seu convívio.



Outra concepção importante de mencionar é o da resposta da linha 07 da tabela 12, ele ou ela menciona que a família pode ser biológica ou não, sendo essa família de consideração e na sua perspectiva, a família está relacionada a pessoa que lhe dar amor, carinho, proteção, cuidado ou até mesmo o sustento.

Nesse capítulo foi discutido algumas percepções e conflitos sociais que existem nas comunidades ao entorno da Escola Municipal Governado Paulo Souto, refletiremos essas diversas situações encaradas pela escola, se constituiu dentro do contexto social da cidade de Porto Seguro Bahia.

Ao trabalhar na turma, percebi que a turma do 7º ano vespertino dessa escola, possui amplos conhecimentos relacionados ao escravismo no Brasil. Ao relacionar as atividades com discussões que aconteceram durante as aulas, notei que, esses sujeitos alunos e alunas também estão preocupados com os conflitos sociais que existem em suas comunidades e compreendem que elas são práticas herdadas desde o período em que pessoas eram escravizadas. Os alunos e alunas demonstraram ter os conhecimentos pertinentes com os seus desenvolvimentos escolares.

No próximo capítulo, abordaremos sobre o uso de tecnologia no ensino de história, nele, será posto como foi desenvolvimento do tema utilizando o *site* como a principal ferramenta de interação entre as atividades e os alunos e alunas. Mostraremos a participação desses sujeitos e como eles nos ajudam a pensar o ensino de história que seja interativo e educativo ao mesmo tempo.



3. CAPÍTULO III

3.1. PENSAR A ESCOLA, PENSAR A EDUCAÇÃO: USO DA TICS NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Achei interessante o cotidiano deles.

Porque eles aprenderam a se comunicar em forma de música conversavam, resenhavam em forma de canções, às vezes eram usadas para alertar que os escravistas estavam perto e que era para ficar alertas. E as músicas serviam também para animá-los num dia de trabalho, quando estavam cansados e sonolentos. (Maria, 13 anos).⁹³

Começo esse capítulo trazendo um comentário da Aluna Maria,⁹⁴ sobre a fotografia de Victor Frond, feita no Vale do Paraíba (publicada em “Brasil Pitoresco”, de Charles Ribeyrolles, nos anos de 1860). O comentário está posto no *blog* www.arquivodahistoria.com, em seu comentário Maria, traz diversos elementos incorporados na cultura dos povos brasileiros, como é sabido na historiografia, o canto, as letras entoadas pelos negros e negras escravizadas eram uma forma de comunicação entre esses sujeitos.

Neste capítulo, meu objetivo é mostrar o resultado de uma prática pedagógica desenvolvida na turma de 7º ano da Escola Municipal Governador Paulo Souto durante a aplicação do meu projeto de intervenção na educação que propõe a inserção das famílias negras escravizadas, livres e libertas, utilizando os recursos da internet para tornar o ensino mais acessível para os estudantes. Assim, penso que estou desenvolvendo práticas pedagógicas antirracista.

As atividades propostas na sequência didática, buscou cumprir com algumas habilidades de competência proposto na BNCC, essas habilidades têm como bases as orientações propostas pelo CNE/CP 003/2004⁹⁵. Assim, sua pretensão era:

⁹³ Aluna do 7º da Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro Bahia.

⁹⁴ Ao longo desse trabalho, os nomes dos alunos e alunas foram substituídos pelos nomes dos homens e mulheres que foram escravizados no Brasil durante o período escravista.

⁹⁵ BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.



- Trabalhar a história do Brasil a partir de fontes documentais como: registro de batismo e inventário de *Post mortem* disponíveis na internet para compreender os acontecimentos históricos e as relações atuais entre os indivíduos sociais.
- Mostrar através dos documentos como era a composição das famílias negras e escravizadas a partir do ano de 1830 do século XIX na Bahia.
- Refletir sobre a composição das atuais famílias brasileiras, levando em consideração os diversos aspectos socioeconômicos.

Para atingir esses objetivos, busquei criar meios interativos, para que os alunos e alunas pudessem manusear as fontes e encontrar nelas alguns elementos que fazem parte de seu dia-a-dia. Assim, esses sujeitos estarão habilitados e fazer diversas análises que contribuirão na sua formação enquanto cidadão. Assim foi desenvolvido o *blog* com propósito de unificar diversos elementos que podem ser incorporados na educação ao trabalhar temas relacionados as famílias negras escravizadas, livres ou libertas.

3.2. ENSINO DE HISTÓRIAS E SUAS PERSPECTIVAS

O ensino de história que por muitos anos, baseou-se em tendências factuais, com narrativas positivistas e anacrônicas, que o tornava-o confuso e desinteressantes para alunos e alunas do ensino fundamental e ensino médio, passou por intensas transformações. Desde do surgimento da corrente historiográfica Escola do Annales, na França e em 1970, na sua terceira fase, as novas abordagens foram inseridas nessa corrente historiográfica. A Escola do Annales mudou o jeito de pensar e fazer a história⁹⁶, influenciando as diversas mudanças que vem ocorrendo no ensino e na pesquisa histórica. Flavia Eloisa Caemi (2008) aponta diversas mudanças ocorridas

⁹⁶ Para se firmar como corrente historiográfica dominante na França, e estender posteriormente sua influência a outros países da Europa e também da América, os fundadores e consolidadores dos Annales precisaram estabelecer uma arguta e impiedosa crítica da historiografia de seu tempo – particularmente daquela historiografia que epitetaram de História Historizante ou de História Eventual – buscando combater mais especialmente a Escola Metódica Francesa e certos setores mais conservadores do Historicismo (BARROS, 2010)



no ensino de história no Brasil desde a década de 1930, para ela, as propostas de ensino estão em constantes transformações e conclui que,

infere-se que as propostas relativas ao ensino de história esboçadas nos últimos anos estão afinadas com os debates de renovação da historiografia e da pesquisa histórica. Tanto as linhas de força que emergem no campo investigativo quanto as propostas que permeiam o saber histórico escolar representam indicativos de ruptura com concepções educacionais e historiográficas que foram predominantes nas universidades e escolas brasileiras durante décadas (CAEMI, 2008)⁹⁷

Surfando na onda das mudanças que vem ocorrendo desde meados do século passado, o ensino tem se transformado e novos métodos de aprender e ensinar a História tem surgido auxiliando educadores de todo Brasil com métodos inovadores. Assim, professores e professoras têm buscado alternativas individuais e/ou coletivas para desenvolver metodologias que visam dar mais qualidade, acessibilidade e participação dos alunos e alunas, fazendo que estes interajam com as fontes ou até mesmo produzindo suas fontes. O meio acadêmico tem se esforçado na produção de conteúdo que visam incorporar novas abordagens ao ensino de história, tornando-a crítica e dialética.

No maior encontro de professores, professoras, pesquisadores e pesquisadoras de História e do ensino de História no Brasil, a Associação Nacional de História – ANPUH, que embora tenha sido influenciada pela pandemia Causada pelo Coronavírus, no seu 31º Simpósio Nacional de História, ocorrido de forma eletrônica de 19 a 23 de julho de 2021, trouxe como tema central “Historia, Verdades e Tecnologia, seu intuito seria discutir as histórias de forma dialogada que incluísse os sujeitos, mas também pretendia discutir as tecnologias para o ensino e aprendizagem da história. Nessa edição histórica, desse Simpósio, foram selecionados 149 simpósios temáticos com diversos temas, dentre eles, somente 3 fazem menção ao uso de Tecnologia da Informação e Comunicação em seu título, o primeiro “*História, Trabalho e Tecnologia: o direito à cultura no processo de ensino/aprendizagem e pesquisa*”, o segundo, “*Narrativas Digitais, Memória e Patrimônio*” e terceiro, “*Pandemia, temporalidade e arquivo: os desafios de arquivar a*

⁹⁷ CAEMI, Flávia Eloisa. **Fontes históricas na sala de aula:** uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.129-150, dez. 2008



experiência contemporânea”, sendo que nesse terceiro, o enfoque é os desafios que surgiram por conta da pandemia.

Sobre o desenvolvimento de metodologias que utilizam a tecnologias para o ensino de História no Brasil, devemos salientar que, como em todas as transformações ocorridas na educação brasileira, passou por longos processos, algumas já estão bem adaptadas, outras ainda precisam ser ajustadas. Não há como negar que a pandemia causada pelo Coronavírus, mostrou o quanto precisamos aprender e nos adaptar para o uso desses novos instrumentos tecnológicos. Dito isso, esses novos jeitos de ensinar que utiliza, *sites*, *blogs* canais do *Youtube* e salas virtuais, trouxe novas perspectivas, que por um lado tornou o ensino mais excludente e seletivo, do outro lado, possibilitou que milhões de alunos e alunas não descontinuassem as suas trajetórias escolares.

O modelo tradicional do ensino no Brasil é pouco atraente para as novas gerações, tendo em vista que esses indivíduos têm acesso tão logo cedo a diversas tecnologias que concorrem com professores e professoras nas salas de aulas, essa concorrência não é no jeito de ensinar, mas, na disputa pela atenção dos sujeitos no debate nas salas de aulas, não é difícil de encontrar nas escolas as regras para o uso do celular nas salas, assim essa disputa é desleal com professores e professoras.

Quando me referi no primeiro capítulo que não me lembrava das aulas de história no meu processo de formação, talvez seja mais uma vítima de um processo de um ensino atrasado e pouco atraente para jovens alunos e alunas. Outro ponto importante de se observar é a constância na taxa de reprovação escolar dos jovens estudantes, como apontei no segundo capítulo a situação da educação em Porto Seguro na Bahia, o modelo de ensino, a defasagem dos métodos, sucateamento das escolas e os diversos problemas sociais podem estar afastando os jovens das escolas, e essas evasões tem causado sérias consequências como o Professor Carlos Augusto Lima Ferreira tem alertado desde o ano de 1999, segundo ele,

A evasão escolar, a repetência e o aumento do número de iletrados restringem o acesso das populações mais carentes ao emprego e às



novas formas de trabalho, tornando praticamente nulas as chances de ascensão social (FERREIRA, 1999)⁹⁸

Assim, a educação tem passado por inúmeros percalços, desde a infraestrutura das escolas até elaboração de novas metrologias e abordagens. Por outro lado, a expectativa para o desenvolvimento e disseminação de outras formas de fazer o ensino, ganhou força durante esse período de afastamento social, assim os professores e professoras tiveram que reaprender e readequar a sua *práxis* pedagógica e nesse processo foi oportunizado que os recursos tecnológicos estivessem disponibilizados mais facilmente do que em uma sala física, possibilitando que as aulas continuassem remotamente para muitos alunos e alunas com acesso a essas tecnologias, como computadores, celulares e tablets com acesso à internet. Nesse período, foram feitas diversas dinâmicas e utilizados os recursos tecnológicos para haver maior adesão aos conteúdos para o ensino e aprendizagem, dentre esses recursos, vídeo aulas no *Youtube*, *sites*, grupos em *WhatsApp* e *blogs* foram os mais usados por estudantes e professores.

Pensando nesses tempos que estamos vivenciando, a tecnologia faz parte do dia a dia das pessoas, sejam elas de comunidades urbanas, rurais e indígenas. Cabe ressaltar que cada grupo tem suas diferenças no acesso a elas, sejam por fatores geográficos, econômicos e sociais. Os investimentos feitos pelo Governo Federal a partir dos anos 2002, na área social possibilitou que algumas comunidades tivessem acesso a alguns recursos tecnológicos, ou abrissem o caminho para as comunidades ter acesso a bens tecnológicos, como o caso do Programa Luz para Todos, que segundo a Eletrobras, mais de 16 milhões de pessoas passaram a ter acesso à energia elétrica desde a sua implantação⁹⁹.

Sem dúvidas essa energia que chegou nas comunidades rurais ou assentamentos, permitiu que mais pessoas tivessem acesso a itens como, geladeira, televisão, computadores e celulares, entre outros. Esse acesso, é importante na medida que vai avançando pelo Brasil e deixa como consequências outras

⁹⁸ FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de História e Incorporação de novas Tecnologias da Informação e comunicação**: uma reflexão. Revista História Regional. Ponta Grossa, 1999

⁹⁹ BRASIL. **Programa Luz Para Todos**. Disponível em: <https://eletrobras.com/pt/Paginas/Luz-para-Todos.aspx>. Acesso em: 31 out 2021.



possibilidades, como as que permitiram que alunos de lugares longe da cidade pudessem estudar durante o período de afastamento social. Dado esse contexto, a demanda por tecnologia no ensino crescente e na medida que ele exige, penso que ela deva ser mais democrática, que contribua socialmente e seja dinâmica para alunos e alunas de diferentes lugares tenham acessos a ela para contribuir construção do cidadão social.

3.3. USO DA TICS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Antes de ensinar o que quer que seja a alguém, é preciso no mínimo, conhecer esse alguém. Nós nos dias de hoje, quem se candidata à escola, ao ensino básico, a universidade? (SERRE,2015)¹⁰⁰

O livro de Michel Serres, “*Polegarzinha*”, nos leva a reflexão de qual é o papel da tecnologia na construção de novas possibilidades, seja no ensino ou em nossa vida pessoal, o autor, problematiza o uso da tecnologia pelos jovens, daí ele questiona o quem deve ensinar, diante dos alunos que criam mundos virtuais. Sua obra traz outros questionamentos, até que ponto o uso da tecnologia é benéfico aos estudantes? Como estimular os/as estudantes a pensarem? Esse é de fato um grande desafio para professores e professoras diante das novas tecnologias. No entanto, a tecnologia não deve ser encarada com vilão, ela deve ser mais uma ferramenta pedagógica para auxiliar os educadores e educadoras.

Neste novo século com a massificação do uso da internet e outras tecnologias, o jeito das pessoas viver tornou-se diferente em relação ao século passado. Os meios de comunicação estão mais difundidos entre as pessoas, isso sem falar daqueles que tem o poder para distribuição em massa das informações e entretenimento como a televisão, o rádio, os jornais, as revistas e o cinema. Nesse embalo, o jeito de ensinar e aprender também tem acompanhado essas mudanças à medida que as tecnologias vão se desenvolvendo e ficando acessíveis a todos.

¹⁰⁰ SERRES, Michel. *Polegarzinha*—Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.



As inovações nas tecnologias que marcam essa sociedade contemporânea, segundo Oliveira (2008), contribuem para que as transformações ocorram ao longo da história mudando, de tempos em tempos, o panorama da sociedade no âmbito social, cultural, político, econômico, filosófico e institucional.”¹⁰¹ Essas mudanças, trazem consigo imensos desafios no campo da educação, ao pensar no uso dessas tecnologias no ensino, também devemos pensar nesses desafios dessas modalidades pedagógicas, tendo em vista que as familiaridades com os diversos recursos requerem treinamento e capacitação para seu bom uso. Assim, essas estratégias de inovação para a educação devem ser encaradas como uma superação nos processos de ensino e aprendizagem.

No Brasil, a modalidade de ensino EAD, encurta a distância entre os estudantes e o acesso ao ensino superior. Promovida desde a LDB em 1996, foi sendo difundida à medida que os avanços tecnológicos foram se expandindo. Sendo assim, a dinamização dessas modalidades e integração das aulas presenciais que faça o uso de ferramentas que possibilita o ensino dinâmico, contribui para o desenvolvimento dos alunos e alunas de muitos lugares do nosso país.

Assim, penso que os diferentes recursos tecnológicos usados para a educação têm cooperado para que milhares de pessoas possam aproveitar seu tempo e estudar. Para isso, quando mais possibilidades, é melhor, pois, dinamiza e democratiza a forma de aprender. Penso que é essencial que as Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs se desenvolva com qualidade, Belloni (2002), ao comentar sobre as TICs no ensino, justifica que,

A razão mais geral e a mais importante de todas é também óbvia: porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a essas máquinas está gerando (BELLONI, 2002)¹⁰²

¹⁰¹ OLIVEIRA, C. A. **A pesquisa escolar em tempos de Internet**: reflexões sobre essa prática pedagógica. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

¹⁰² BELLONI, Maria Luiza. Ensaio sobre a Educação a distância. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 78, abr. 2002



Para a autora, a existência dessa tecnologia é algo consolidado, cabe as políticas públicas atuarem para corrigir as desigualdades e a democratização do acesso. No entanto, de fato a tecnologia existe e poderia ser acessível às escolas e as pessoas, mas, para isso ocorrer, precisa de investimentos e qualificação das pessoas que vão utilizar. Como mencionado pela autora, existem inúmeras desigualdades no acesso, principalmente nas zonas socioeconômica desabastecida. Cabe ressaltar que o simples fato de existir, não significa que todos tem o acesso a elas, no momento em que desenvolvia o projeto de intervenção na turma do 7º ano na Escola Municipal Governador Paulo Souto, seve como uma pequena amostra de como o simples fato de existir e ser acessível, não abrangem a todos, pois, em uma turma com 32 indivíduos, apenas 10 alunos e alunas mostram-se ter acesso a bens como celulares com internet que pudessem participar das aulas.

Mas, ao pensar na inserção dessas tecnologias de informação e comunicação no ensino, devemos fazer algumas perguntas reflexivas, como relacionar esses novos elementos no modelo de ensino formal que oferecemos no Brasil? Como integrar essas tecnologias nas comunidades? É importante que essas perguntas sejam respondidas de forma reflexiva e pautadas na perspectiva que o uso das tecnologias estarão cada vez mais presentes nas escolas e na vida das pessoas. Assim, a revolução no jeito de ensinar tende a romper com os modelos de metodologias de transmissão de conhecimento e conteudistas que primam pela memorização, elas não funcionarão com esses jovens, pois, eles já terão acesso a mesma informação que os professores têm. Penso que nessa nova forma de ensinar, o professor ou professora exercera o papel de mediação dos temas propostos a aula.

Outro ponto a ser observado sobre uso dessas ferramentas tecnológicas é a qualidade do ensino, os métodos e como ele dever ser utilizada, pois, deve-se tomar o cuidado para não torna-las conteudistas. Nessa pandemia que atravessa o ano de 2021, à medida que foi possível, as escolas implantaram o modelo de educação remoto¹⁰³, feito às pressas, e a meu ver, esse modelo teve como principal objetivo o cumprimento legal das normas que passou a regular o ensino no Brasil.

¹⁰³ O ensino remoto diz respeito às atividades de ensino mediadas por tecnologias, mas orientadas pelos princípios da educação presencial", explica a diretora de Articulação do Ensino do Ifal, Elisabete Duarte. Nesse caso, os estudantes têm aulas virtuais no mesmo



Segundo o levantamento feito pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 40% os estudantes do ensino fundamental e médio não tiveram percepção de progresso na aprendizagem durante um ano de ensino remoto na pandemia.

A mudança na dinâmica das aulas pode ter tido efeitos negativos para a alfabetização. Para 51% dos pais e responsáveis com estudantes da 1ª a 3ª série do ensino fundamental, os pequenos não saíram do mesmo estágio de aprendizado. 29% respondeu que nada de novo foi aprendido e 22% disse que houve perda na aprendizagem. Do total, 88% entende que esses alunos estão em fase de alfabetização. Essa defasagem de aprendizagem pode ter relação com a dificuldade dos estudantes em manter a rotina com aulas em casa, já que 69% diz que apresenta esse problema. O número é maior (74%) entre alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental na região Nordeste. (O Progresso, 2021)¹⁰⁴

O resultado da pesquisa corrobora a percepção que à educação brasileira não estava preparada para o ensino o remoto e que não houve nenhuma preparação para ela ser inserida. Outro dado importante apontado pela pesquisa é a dificuldade no acesso, principalmente em regiões que os recursos tecnológicos são mais escassos. Algumas cidades como Eunápolis na Bahia, adotou a estratégia de ensino no qual os alunos, alunas ou responsáveis retirava as atividades nas escolas e posteriormente devolviam para que os professores e professoras fizessem as correções.

Pensando na inserção da TICs na sala de aula, percebe-se que, os métodos de ensino aprendizagem e as escolas se encontram com um grande desafio: como se tornarem atraentes e inovadoras, diante de tantas novidades tecnológicas? Para responder essa pergunta, os educadores e gestores da educação deve estar sempre na busca de novos projetos e metodologias que levem a educação, a uma proposta educacional mais atual em relação à sociedade.

As novas formas de ensino que utiliza a tecnologia ajudam na perspectiva de transformar espaços educacionais tipicamente tradicionais e de saberes, como a sala

horário em que estariam presentes na instituição de ensino, respeitado o percentual de tempo previsto no normativo institucional e no plano pedagógico do curso. (ver mais em: <https://www2.ifal.edu.br/noticias/profissionais-explicam-a-diferenca-entre-ensino-remoto-e-ensino-a-distancia>)

¹⁰⁴ **40% dos alunos da rede pública tiveram dificuldades de aprendizagem na pandemia.** O Progresso. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/cotidiano/40-dos-alunos-da-rede-publica-tiveram-dificuldades-de-aprendizagem-na/383722/>. Acesso em: 31 out 2021.



de aula em locais inovadores que auxiliam no ensino e aprendizagem de milhares de estudantes. Estes locais podem democratizar o conhecimento por meio do acesso a *blogs*, arquivos digitais, museus virtuais, acervos, etc. A dinamização do processo de ensino e aprendizagem com o uso de tecnologias ajuda a reduzir distâncias e facilitar a comunicação. Como apontam Chiofi e Oliveira (2014),

[...] o uso destas ferramentas didáticas possibilita ao processo de ensino e aprendizagem uma aula mais dinâmica, interativa e contextualizada com a realidade dos alunos. Acredita-se que a tecnologia ao seu alcance como ferramenta pedagógica necessária, contribui didaticamente para obter maior atenção, e consequentemente, o uso adequado e coerente como o conhecimento escolar e o próprio currículos (CHIOFI; OLIVEIRA 2014)¹⁰⁵

Na sala de aula, são inúmeras as alternativas que estão disponíveis a professores, professoras, alunos e alunas de escolas que possuem o aparato tecnológico acessível. Com um computador ou celular na mão conectado à internet, eles acessam a milhares de conteúdos a todo instante, basta filtrar aquilo que esteja compatível com os objetivos da aula. Para Dagson José Borges Santos (2018),

O uso das tecnologias e a transformação dos ambientes escolares só serão possíveis se estiverem associados a uma construção do conhecimento pelos próprios alunos, estes vistos como sujeitos de seu aprendizado. O uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) devem ser pensadas em romper as relações tradicionais de ensino e propor um ambiente que favoreça um crescimento cognitivo do aluno. As ações didáticas devem ser estratégias atitudes que deem autonomia e auxiliem os educandos na construção do conhecimento (SANTOS, 2018)¹⁰⁶

Conforme o autor, essas ferramentas devem ser utilizadas no sentido auxiliar os educadores, educadoras e alunos e alunas, elas devem ser encaradas como material de apoio didático e seu objetivo tem que ser no sentido de ampliar os

¹⁰⁵ CHIOFI, Luiz Carlos; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **O uso de tecnologias educacionais como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem**. III Jornada didática. Desafios para a Docência. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15119648-O-uso-das-tecnologias-educacionais-como-ferramenta-didatica-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem.html>. Acesso em: 31 out 2021.

¹⁰⁶ SANTOS, Dagson Jose Borges. **O uso de blogs no ensino de história: a Experiência da história do engenho de Santana em Ilhéus-Ba**. Dissertação (mestrado) ProfiHistoria. Universidade Estadual da Bahia. Salvador, 2018.



conhecimentos e romper com aulas tradicionais, trazendo dinamismo para a sala de aula. Assim, as atividades nos ambientes virtuais propõem a interação dos espaços e saberes escolares. Dessa forma, ao utilizar essas ferramentas, os professores e professoras devem atuar de forma mediadora.

Neste sentido, os usos das TICs favorecem a construção de outros conhecimentos, já que os alunos, alunas, professores e professoras podem postar suas análises sobre os diferentes temas propostos em suas aulas, podendo assim emitir suas opiniões e elas podem ser lidas e resinificadas por todos e todas. Esta possibilidade de interação pode gerar nos alunos e alunas a sua capacidade de construção de novos saberes.

Os *blogs* e *sites* voltados para a educação tem contribuído para o modelo de ensino transgressor, pois, eles têm procurado fugir dos modelos e texto tradicionais para o ensino. Assim, tem buscado alguns temas que se refere micro história ou a historial local, a trajetórias de personagens invisibilizados que pouco aparecem nos materiais didáticos, esses temas são objetos de apreciação dos pesquisadores em seus produtos de mestrados e doutorado, como o meu caso, que uso os recursos da internet para criar um blog com temas específicos, ainda deixei o espaço para professores e professoras disponibilizarem suas práticas educativas.

Outro exemplo é do professor Dagson José Borges Santos, como produto de sua dissertação de metrado defendido no programa de Mestrado - Profihistória da Universidade Estadual da Bahia em 2018, o mesmo desenvolveu um *blog* (<https://oengenhodesantana.blogspot.com/>) após sua inquietação diante da falta de material didático pedagógico para se trabalhar o período colonial de Ilhéus nas turmas de Ensino Fundamental e Médio, segundo ele,

Como professor sentia uma grande dificuldade de encontrar um material de fácil acesso e com linguagem simples para disponibilizar para os alunos durante as aulas. Em parte, isso se deve, por que a maior parte da historiografia local foca o período do final do século XIX até os anos setenta do século XX; tendo na cacauicultura o momento de glória e de progresso da cidade de São Jorge dos Ilhéus (Santos, 2018)¹⁰⁷

¹⁰⁷ SANTOS, Dagson Jose Borges. **O uso de blogs no ensino de história: a Experiência da história do engenho de Santana em Ilhéus-Ba.** Dissertação (mestrado) ProfiHistoria. Universidade Estadual da Bahia. Salvador, 2018.



Essa inquietação traz trabalhos acadêmicos ricos e capazes de solucionar os problemas da história, com as histórias dos esquecidos pela historiografia, esses trabalhos narram a história a partir das fontes, do trabalho do historiador que buscam os vestígios dos povos e nos contam em detalhes aquilo que a grande história não contou.

A mesma estratégia de criação de site, foi defendida pelo professor Majô Schwingel, o mesmo desenvolveu um site “detetives do passado” (<http://www.numemunirio.org/detetivesdopassado/>)¹⁰⁸ Para elucidar várias histórias do período escravocrata do Brasil. O intuito do seu site era dar possibilidades de trabalhar com diversas fontes em séria na sala de aula. O mesmo adotou o método de investigar a história, criou vários casos elucidativos para a turma desvendar e mostrar os desfechos das histórias. Seguindo o mesmo intuito, o blog www.arquivodahistória.com, possibilita que professores, professoras e estudantes encontrem uma variedade de materiais para trabalhar a temática da escravidão de pessoas no Brasil. No entanto, o meu blog ainda possibilita que outros professores e professoras possam disponibilizar seus materiais para outras pessoas possam ter acesso a todo material.

Durante a execução da proposta de aula sequenciada, percebi que os alunos e alunas possuem conhecimentos sobre diversos aspectos da escravidão de homens e mulheres na América Portuguesa, alguns mencionavam as atividades exercidas pelos seus familiares a atividades desenvolvidas pelos escravizados e libertos como: trabalhadores das fazendas de café, fazendas de gados e até pescadores, outros mencionaram que seus pais trabalhavam em hotéis ou em “casas de famílias” exercendo trabalhos domésticos.

A culminância dessa atividade sequenciada se dá num momento de aprofundamento no aprendizado, levei aos alunos e alunas a possibilidade de conhecer algumas fontes históricas que imortaliza milhares de homens e mulheres que trabalharam compulsoriamente nesse país. Os alunos e alunas tiveram acesso aos registros de batismo, de casamentos e outros documentos eclesiásticos que retratam a realidade dessas pessoas. Como atividade, propus aos alunos e alunas

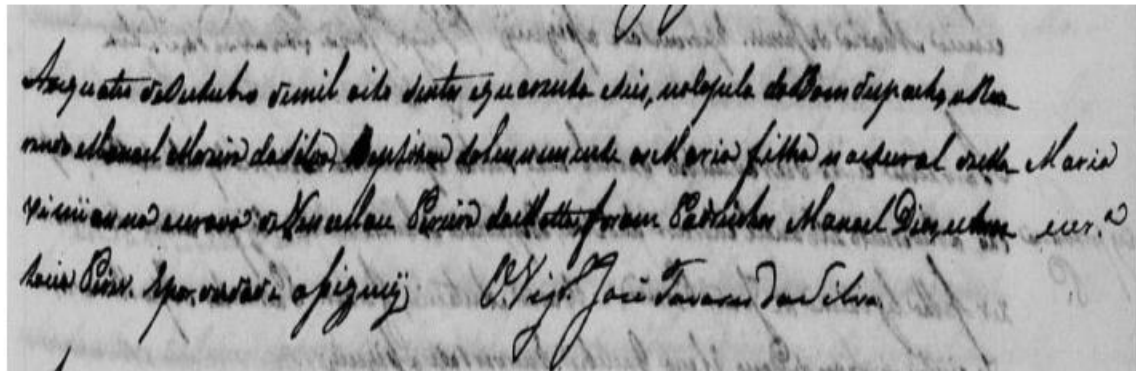
¹⁰⁸ O site não está mais disponível no endereço informado pelo autor.



108

que individualmente fizessem a leituras de alguns documentos e ao final instiguei que eles transcrevessem alguns documentos e fizessem um pequeno texto resumindo os principais personagens encontrados nos documentos.

Ilustração: 1 Registro de Batismo de escravizados na Vila de Feira de Sant'anna 1831-1856.



Fonte: Livro de Batismo da Igreja Católica de Feira de Santana, livro 1831 – 1856.

Após a leitura, estimulei os alunos e alunas que fizessem a transcrição desse registro de batismo. O resultado da transcrição mostrado na figura abaixo, mostra que é possível trabalhar com fonte antigas, mesmo que elas não estejam em perfeitas condições de conservação.

A proposta de usar as fontes na sala de aula caracteriza-se por ser um importante elemento para o desenvolvimento cognitivo do estudante. Ao utilizar as esses materiais de pesquisa, para além do contato físico com as fontes, (em nosso caso fizemos o contato de forma virtual) os alunos e alunas podem fazer alguns questionamentos e comparar com as suas realidades. O uso das fontes históricas como os registros de batismo, inventários, certidões de casamento, atestado de óbito entre outros, podem ser uma saída na busca de uma educação mais dinâmica, criativa e antirracista, esses documentos podem ser problematizados na sala de aula de forma

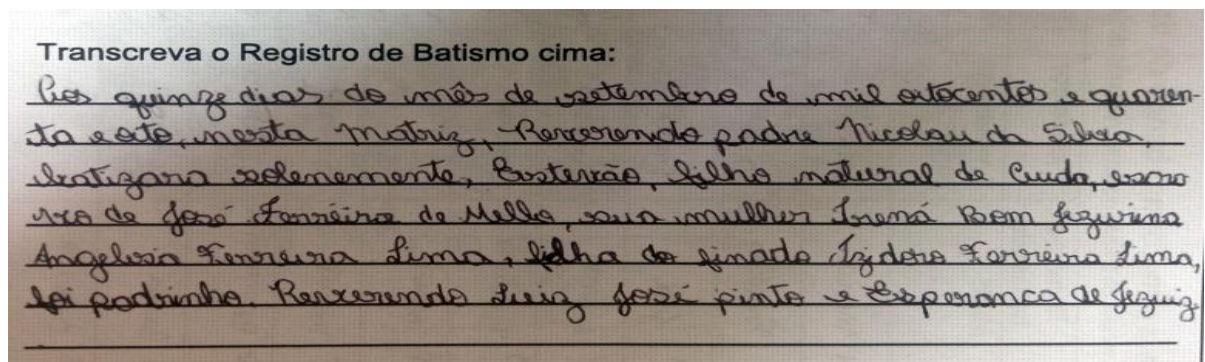


que os alunos sejam capazes de compreender os cenários nos quais o Brasil tem passado.

Ao trabalhar com esses importantes materiais didáticos, esperamos que os alunos e alunas façam suas interpretações e que elas sejam sintetizadas no seu aprendizado. Por outro lado, as fontes contribuem para que os sujeitos sejam capazes de diferenciar as diversas narrativas nas quais elas vivem. Para Isabel Barca (2006), “num mundo atual de informação plural, será desejável que os alunos aprendam, de forma gradual, a comparar e a selecionar criteriosamente narrativas e fontes divergentes sobre um determinado passado.”¹⁰⁹ Dessa forma, os alunos e alunas serão capazes de decernir quais informações compõem as histórias do seu bairro, sua cidade e sua realidade.

Ao utilizar as fontes na proposta de aula sequenciada, partimos da premissa de ofertar aos alunos e alunas uma proposta de aula que fosse antirracista e que as pessoas que foram escravizadas fossem humanizadas. Colocando em prática, procuramos nos documentos as pessoas e como elas se relacionavam umas com as outras.

Ilustração: 2 Transcrição do Registro de Batismo feito pelo Aluno “Pancrácio” da Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro



Fonte: Atividade desenvolvida em Sala de aula em 23 junho 2021

A proposta foi um sucesso entre os alunos e alunas, pois os mesmo, nunca havia tido contato com as fontes. Após finalizar essa atividade, a turma pediu para que

¹⁰⁹ BARCA, Isabel. **Literacia e consciência histórica**. Editora UFPR p. 93-112, Curitiba, 2006.



lançasse outra atividade, pois eles tinham gostado ler esses documentos. Então propus que fizessemos um “banco de dados” com informações de dez registros de batismo e logo após fizessemos um resumo dos dados encontrados. Nessa atividade, o objetivo era encontrar elementos que refletisse a vidas da pessoas escravizadas, como exemplo a composição das famílias.

Ilustração: 3 Banco de dados criado pelos alunos e alunas do 7º ano.

Tabela para formar banco de dados.
Nessa tarefa, os alunos e alunas, retirarão dos registros de batismo transcritos as informações solicitadas na tabela. Veja o exemplo na primeira linha.

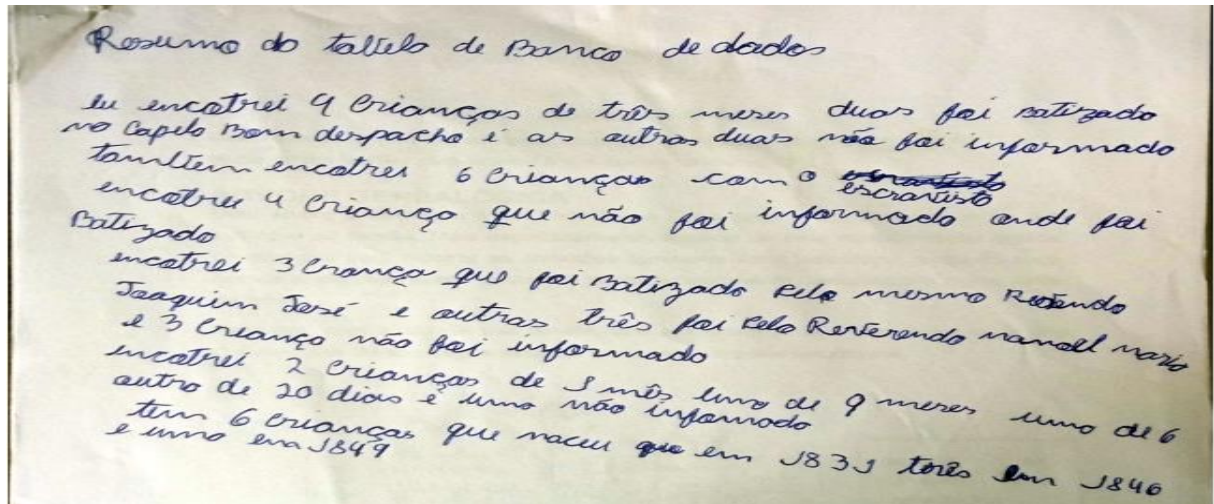
Data	Nome do batizando	Idade/cor	Mãe/ pai	Escravista	Padrinho	Madrinha	Igreja/Capela	Reverendo
12/05/131	Maria	3 meses, pardo	Maria Joanna	Caitano da Silva	João Moreira de São Paulo Lima,	Theodora Francêsa Leal	Não informado	Não informado
12/05/131	Antonio	3 meses, cor não informada	Anna Maria	Antonio Pereira	Antonio Pereira	Joana de Maria Cerqueira	Não informado	Não informado
01/05/131	Elisiano	9 meses	Brudisio e Maria	Não informado	Manoel Pereira	Maria de Jesus	Santo Antônio	Joaquim José
12/05/133	Mario	3 meses	Mario	Caitano	João Maria	Theodora Brancisco	Não informado	Não informado
03/07/133	Mario	6 meses	Theodora Anna	Manoel Caitano	José Ribeiro	Maria Brancisco	Não informado	Não informado
22/05/133	Francisco	1 mês	Mario	Francisco Pereira	Elisio Carralho	Louys	Santo Antônio	Joaquim José
15/06/133	José	1 mês	Mario	Manoel Nunes	José	Mario	Santo Antônio	Joaquim José
11/05/133	Manoel	Não informado	Francisco Brancisco	Não informado	Carlos	Mario	Não informado	Vigário
15/08/1346	Manoel	3 meses	Mario	Não informado	Manoel Pereira	Alexandrina Maria	Bom despacho	Manoel Maria
29/08/1346	Bernadino	3 meses	Ritto	Braz Pereira	Balthazar	Mario Pereira	Bom despacho	Manoel Maria
29/11/1346	Celestino	20 dias	Elino	Povo Elino Antônio	Luís José de Melo	Victorio Maria	Bom despacho	Manoel Maria

Fonte: Atividade proposta em sala em 18 de junho 2021

Após os alunos montar seus bancos de dados, a atividade culminou num texto que resumiu os dados extraído dos dados. Os alunos e alunas, perceberam que em alguns casos, outros homens e mulheres escravizados poderiam ser padrinhos, mas que poucas vezes isso ocorreu. Também perceberam que nem sempre todas as informações eram escritas nos registros de batismo, pois alguns faltavam elementos importantes, como nome do pai, idade ou cor.



Ilustração: 4 atividade desenvolvida durante aplicação do projeto de intervenção.



Fonte: Atividade desenvolvida em Sala de aula em 23 junho 2021

Mesmo trabalhando com documentos digitalizados e dadas a complexidade para entender algumas palavras empregadas nos registros de batismo, os alunos e alunas não tiveram dificuldade para fazer a transcrição e extrair as principais informações desses registros.

Nessa atividade sequenciada os alunos e alunas perceberam que os escravizados e escravizadas existiam para além dos trabalhos, notaram que eles faziam laços e redes de sociabilidades e que essas relações pessoais eram importantes na vida desses seres humanos. Também perceberam a importância da família para esses homens e mulheres e em alguns momentos da aula comparavam com suas famílias, alguns disseram que alguns elementos da vida cotidiana dos escravizados ainda estão presente em suas famílias, como exemplo: o trabalho, o morar sozinho com a mãe sem conhecer os pais.

As atividades propostas nessas sequencia didática, bem como a execução delas pelos alunos e alunas corroboram com a perspectiva da inserção das fontes no ensino de história, no entanto, esses materiais devem ser apresentados na perspectiva da investigação, tomando cuidado para não exercer uma história factual e positivista. A utilização dessas fontes tem sido incentivada pelos PCNs, que embora garante que os livros didáticos são os principais materiais de apoio aos educadores,



ele também recomenda a utilização de outros materiais de apoio para a ampliação dos conhecimentos.

Dentre os diferentes recursos, o livro didático é um dos materiais de mais forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento (BRASIL, 1998)¹¹⁰

Assim a proposta de utilizar as fontes nas aulas de história, busca alternativas ao livro didático, mas também atinge outros propósitos, como: dar visibilidade a outras pessoas, ou dar outra possibilidade de narrar e analisar os acontecimentos históricos, uma vez que a história enquanto ciência, não dialoga com a verdade absoluta. Assim, as fontes, na sala de aula resume-se em importantes recursos para os professores e professoras. Tais recursos são as formas de reinterpretar as realidades passadas, e devem ser explanados a partir das perspectivas teóricas para que se desenvolva uma aprendizagem adequada para os alunos e alunas.

Dessa forma, as fontes utilizadas nessa proposta de aula, enfatiza os homens e mulheres que foram escravizados no Brasil, e a sua utilização parte do princípio da inserção dela para contribuir com uma educação antirracista e humanizar essas pessoas, uma vez que, elas trazem elementos do cotidiano dessas pessoas e até desconstruindo algumas ideias equivocadas no imaginário dos alunos e alunas, ou seja, sem as fontes não seria possível saber que na Vila de Belmonte, 89% dos negros e negras eram livres, como apontou Jamilly Bispo Laureano¹¹¹ em sua pesquisa.

Outro ponto importante de se mencionar quando discutimos a utilização das fontes, seja na pesquisa ou nas salas de aulas, perpassa pelo combate as notícias falsa ou Fake News, dessa forma, enfatizamos que as fontes se constituem com uma

¹¹⁰ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

¹¹¹ LAUREANO, Jamilly Bispo. **Entre o mundo do trabalho e os ritos sacramentais: a vivência das mulheres e homens escravizados na vila de Belmonte (1867-1888)**. Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, Universidade do Estado da Bahia, Campus XVIII, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História. 2017



importante ferramenta contra a desinformação. Para Reisdorfer (2017) ao discutir a importância das fontes na construção do conhecimento, ele argumenta que,

A construção do conhecimento a partir da pesquisa e da contraposição de informações, do reforço da habilidade de interpretação e problematização, podemos constituir uma compreensão mais apurada do processo de criação e divulgação de informações, seus interesses econômicos, ideológicos e culturais (REISDORFER, 2017)¹¹²

Pensando no que foi proposto nessas atividades sequenciadas, percebemos que os alunos e alunas possuem forte laços com seus familiares. Assim como pensou Freire, essa ligação contribui diretamente nos processos formativos desses alunos e alunas, uma vez que, as atividades propostas para essa turma, contribuiu para que essas famílias se vissem representadas, pois, elas conseguiam eleger alguns elementos que são características em seio.

Para as atividades no blog, os alunos e alunas puderam contar com a ajuda dos pais para fazerem alguns comentários de textos propostos nas aulas. Assim como foi importante para eles perceberem que alguns processos que vem desde a escravização dos negros e indígenas ainda estão presente em nossa sociedade. Como os locais de sociabilidades, locais de cultivar suas crenças e atividades desenvolvidas pelos homens e mulheres.

3.4. CONSTRUÇÃO DO BLOG COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.

O blog é o produto desse projeto de intervenção, seu objetivo é levar aos alunos e alunas, professores e professoras propostas de aulas que ajudarão nos desenvolvimentos dos estudantes, ainda tem objetivo de disponibilizar alguns textos que discorra sobre a historiografia e personagens do Extremo Sul baiano, ou ainda a trajetória de negros e negras escravizados que lutaram bravamente pela liberdade.

¹¹² REISDORFER, Thiago. Fake News em sala de aula: o ensino de história e informação no tempo presente. **Aprendizagens histórica**. Campos Mourão, 2017. Disponível em: [/www.academia.edu/36542965/FAKE_NEWS_EM_SALA_DE_AULA_O_ENSINO_DE_HISTÓRIA_E_INFORMAÇÃO_NO_TEMPO_PRESENTE_Thiago_Reisdorfer](http://www.academia.edu/36542965/FAKE_NEWS_EM_SALA_DE_AULA_O_ENSINO_DE_HISTÓRIA_E_INFORMAÇÃO_NO_TEMPO_PRESENTE_Thiago_Reisdorfer): acesso em: 24 de nov. 2021.



Aqui utilizo a definição de blog trazido por Daniela Pereira Vasque e Gabriel Camilo de Lima, segundo eles,

Os blogs são páginas encontradas na internet que utilizam os protocolos de transmissão de dados e contam com um servidor para armazenar as informações que apresentam e necessitam de atualização frequente. Atualmente possuem uma infinidade de layouts, assim, a alteração da aparência “seduz” o aluno em sua confecção, que pode ser alterada sempre que for necessário ou desejado. Uma vez publicado na rede, qualquer pessoa pode acessá-lo, o que possibilita uma grande interação e comunicação assíncronas entre os produtores e seus leitores, pois permite o registro de comentários sobre o que está exposto na página (VASQUES; LIMA, 2016)¹¹³

As diversas possibilidades de ajustes e adequação aos temas foi meu principal motivo para a escolha da plataforma do WordPress, pois, ele tem infinitas diversidades de layouts disponível para quem desejar trabalhar com essa ferramenta. Outra possibilidade oferecida pela plataforma é o ajuste de layout quando está sendo acessado por celulares ou tablets, ele ajusta o tema conforme o meio que internautas utiliza.

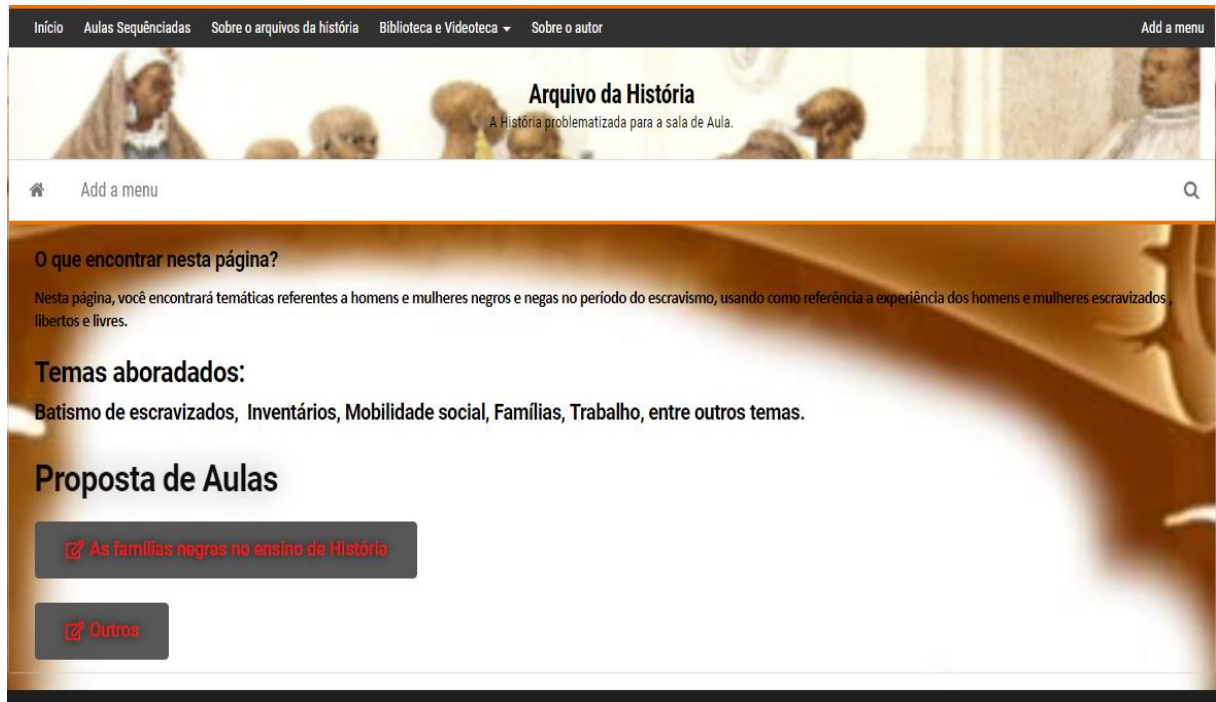
Assim, o blog foi desenvolvido sobre a plataforma de site do WordPress e tem como domínio o endereço www.arquivodahistoria.com. Esse domínio foi adquirido com recursos próprios, junto a plataforma de servidor de domínios do uolhost. A escolha pela compra do domínio se deu por uma escolha pessoal, tendo em vista que existem outras possibilidades gratuitas. No entanto, não queria que o blog fosse feito através de plataformas pré-montadas que não dar muita liberdade na hora de escolher o nome do site, os temas, formatos de exibição ou ainda apresentassem propagandas entre o conteúdo do blog. A proposta dessa ferramenta, busca a ideia de ressignificar os conhecimentos, transformando os alunos e alunas em protagonista do processo de aprendizagem e fazendo dos professores e professoras mediadores e mediadoras dessa ação.

¹¹³ VASQUES, Daniela Pereira; LIMA, Gabriel Camilo de. A utilização do blog em uma perspectiva interdisciplinar de ensino. In: **Tecnologia na sala de aula em relatos de professores**. Christine Sertã Costa, Francisco Roberto Pinto Mattos. (organizadores). – Curitiba: CRV, 2016.



115

Ilustração: 4 Página do blog com proposta de aulas sequenciada.



Fonte: www.arquivodahistoria.com acessado em 21 de nov. 2021

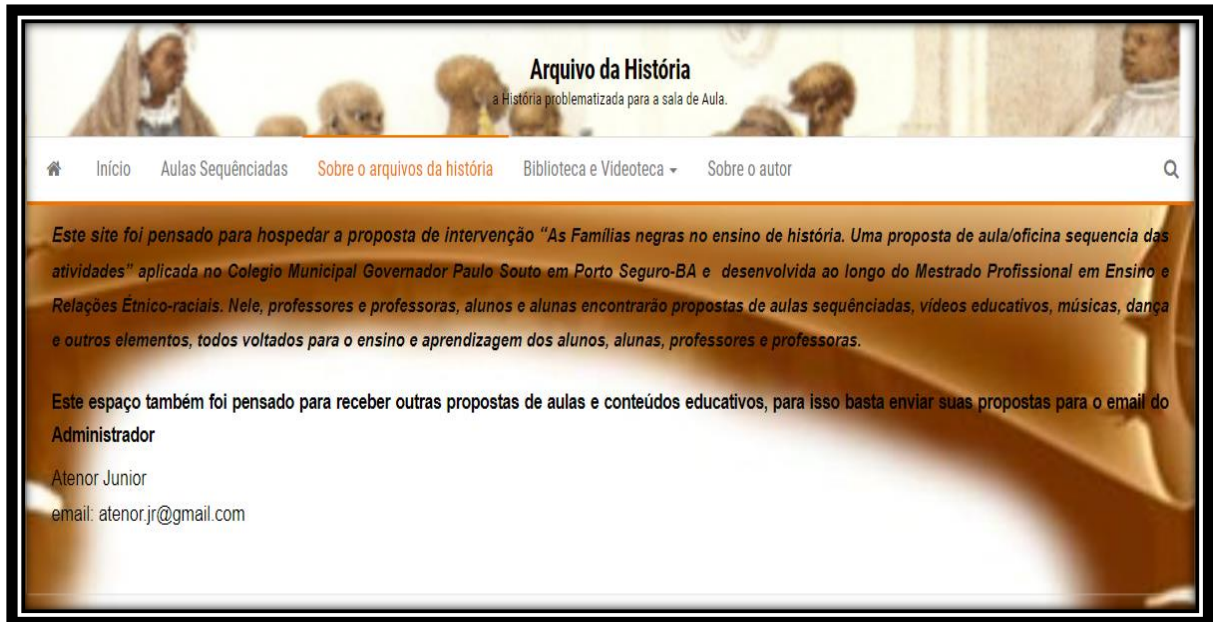
Após escolha do modelo e layout, o processo de configuração do blog, ajustando o formato das postagens para que elas fossem o mais acessível para os alunos e alunas, afim de estimular a procurarem dos textos postados. Por isso, coloquei logo na página inicial todos os artigos e imagens que seriam utilizadas durante a realização do projeto de intervenção. O blog possui além da página inicial, outras quatro páginas em seu menu, são elas: aulas sequenciadas, sobre o arquivo da história, uma pequena biblioteca e videoteca e uma página sobre o autor

A aba de *aulas sequenciadas* está disponível para todos os estudantes, educadores e educadoras, nela contém uma proposta de aulas sequenciadas pensada para turmas do 7º ano, sendo que esta poderá ser adaptada para outras turmas. Nesse espaço também está disponível para que outros educadores e educadoras possam disponibilizar suas práticas educativas.



116

Ilustração: 5 aba “sobre o arquivo da história”



Fonte: www.arquivodahistoria.com

A aba *sobre o arquivo da história*, está descrito o intuito desse blog e seus objetivos. Já a biblioteca e videoteca contém links para acesso a alguns livros e texto em pdf que dialogam com a disciplina de história, também contém videoclipes que exaltam a cultura afro-brasileira. Na aba sobre o autor, conto um pouco da minha trajetória para que os estudantes e professores conheçam um pouco sobre mim. Por fim, o blog apresenta em suas abas laterais, algumas obras literárias, pinturas e fotografias quem foram objeto de discussão com a turma durante a aplicação desse projeto de intervenção.



117

Ilustração: 6 Página inicial do blog



Fonte: www.arquivodahistoria.com. Acesso em 22 nov. 2021

Na página inicial está disponível todos os textos apresentados em formato de blog, para acessar, basta o aluno clicar no título do texto destacado em negrito para e logo abrirá na mesma página o conteúdo do artigo. Os textos que estão disponibilizados no site www.arquivodahistoria.com, refere-se à trajetória, contexto familiares e cotidianos dos homens e mulheres que foram escravizados no Brasil. A estrutura do site foi pensada para criar um ambiente de liberdade e interação entre os alunos e alunas. Podendo cada visitante comentar/colaborar com aquilo que mais lhe chamou a atenção. Para os alunos e alunas, foi proposto que durante as aulas, após a leitura e discussões dos textos, fizessem alguns comentários sobre os temas. Assim, esse blog foi pensado de forma que possibilitassem a interação entre os alunos e professores.

3.5. A UTILIZAÇÃO DO BLOG NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

A aplicação do projeto de intervenção na Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro se deu através das plataformas digitais como google Meet e



google forms. Parte das aulas foram desenvolvidas utilizando o blog www.arquivodahistoria.com. A dinâmica se deu a partir do contato com a turma através do grupo criado no WhatsApp pela secretária da escola. Sempre no horário disponibilizado para componente curricular de história, criava o link para reuniões no google Meet, assim me conectava com a turma, criando assim, uma sala virtual para a interação.

A estratégia de utilização dessa plataforma também considerou a qualidade e consumo de internet dos estudantes, pois, como já mencionado, muitos deles relatavam estar usando pacotes de dados limitados e teriam que economizar para assistir outras aulas, então, com os estudantes conectados a sala virtual, eu compartilhava a tela com os textos a ser discutido nas aulas, dessa forma, eles acessariam o blog somente para responder às atividades proposta na página.

Optei pela utilização de um Blog para hospedar textos que desenvolvi, imagens, vídeos e outros materiais que utilizei durante a aplicação do projeto de intervenção. Entendo que o Blog possibilita que textos didáticos ou pesquisas possam ser disseminados de modo mais amplo, por professores, professoras, alunas e alunos. A estrutura e dinâmica permite uma atualização rápida dos textos, criando assim uma maior interação das pessoas na proposta de aula e construção do conhecimento. O uso dessas ferramentas possibilita auxiliar os estudantes no processo de ensino e aprendizagem de forma interativa. Ele ainda proporciona que os estudantes possam ir além das atividades desenvolvidas em sala de aula, ou seja, os alunos podem chegar em casa e continuar os debates propostos nas aulas, ele pode aproveitar o ambiente virtual e fazer comentários sobre os posts (textos) do blog ampliando o seu conhecimento. Neste sentido, o blog www.arquivodahistoria.com será um espaço de aprendizagem colaborativa. Os professores e professoras poderão atuar com mediadores e mediadoras dialogando com os alunos e alunas, orientando e construindo os caminhos coletivos e individuais, entendendo suas dificuldades e desafios no processo de aprendizagem.

O processo de aplicação do projeto de intervenção teve início em junho de 2021, foram ministradas aulas de uma sequência didática, nela, os alunos e alunas leram os textos propostos para as aulas e fizeram comentários respondendo algumas



questões sobre as postagens no blog. Os textos publicados no blog, com exceção do conto *Bons dias* de Machado de Assis, são de minha autoria, para escrever esses trabalhos, utilizei diversos autores que se dedicou na pesquisa da temática escravista no Sul da Bahia e em diversas regiões do Brasil.

Na primeira aula, foi colhido juntos aos alunos e alunas informações importantes para o desenvolvimento das atividades, além disso, os alunos que possuíam acesso à internet puderam conhecer todo o blog, abrindo as abas e vendo o conteúdo em cada uma delas.

A partir do segundo encontro, já munido com as informações colhidas através do formulário interativo, foi postado no blog os textos direcionados para os alunos e alunas do 7º ano da Escola Municipal Governador Paulo Souto. A estratégia utilizada para a interação dos alunos e alunas no blog, fez com eles fizessem a leitura do texto e respondem algumas questões referente ao texto.

O primeiro texto discutido com os alunos foi de minha autoria, *Contexto socioeconômico na Bahia do Século XIX*. Nele faço um resumo do contexto socioeconômico da Bahia durante o século XIX, apresentei alguns elementos históricos e socioeconômico da microrregião das antigas Vilas do Sul Bahia. Após a leitura do texto, deixei uma atividade com três perguntas para que fossem respondidas pelos estudantes em forma de comentários. Perguntei quais as atividades os escravizados exerciam na Vila de Porto Seguro? O que Rozarida pediu que fizesse com seu Patrimônio ou Dinheiro após sua morte? Na Vila de Belmonte, as pessoas costumavam se encontrar nas Igrejas que para além de rezar, conversavam sobre outras coisas, em seu bairro, quais locais as pessoas costumam ir para se encontrar com outras pessoas? Deixei que os alunos e alunas respondessem livremente após a leitura do texto.

A aluna Victoria, respondeu à pergunta que se referenciava a Rozarida, uma ex escravizada, que pediu antes morrer, que seu patrimônio fosse usado para pagar a alforria de sua filha, *“Que pagasse a alforria (liberdade) da sua filha e que o restante fosse pra pagar as dívidas que deixou antes de morrer.”* Maria escreveu, *“está entre as suas vontades que o dinheiro arrecadado com a venda seus bens, depois do pagamento da alforria da sua filha, o dinheiro fosse destinado ao pagamento das dívidas que deixou antes de morrer”*.



Victoria e Maria comentou sobre a possibilidade de uma ex escravizada ter conseguido acumular alguns bens, incluído algumas dividas no comercio da Vila de Porto Seguro. As alunas perceberam um momento importante no contexto da escravização de pessoas no Brasil, a possibilidade de acessão dessas pessoas, uma mulher escravizada conseguir possivelmente com fruto do seu trabalho, comprar sua alforria, manter sua família, acumular bens e crediário no comercio, sou seja, Rozarida fez parte de uma geração de mulheres batalhadoras que lutou pela liberdade, relacionou com todas as classes da Vila de Porto Seguro.

Ao comentar o artigo Contexto socio cômico na Bahia do século XIX, , o estudante Manoel contextualizou com sua realidade, ele disse quais os locais onde as pessoas costumam se encontrar, “*no meu Barriovão na praça, nas igrejas em lanchonetes, pizzeria e na sorveteria, etc*”. Nessa resposta, este estudante, percebeu no texto, que alguns locais de sociabilidade continuaram até os dias atuais, segundo ele, no complexo do Baianão, onde reside, as pessoas têm hábitos de se encontrarem nas Igrejas, nas praças e locais de consumo de bebidas e alimentos, demonstrando assim, o que as práticas de sociabilidade existente são exercidas há muito tempo.

Os alunos e alunas também fizeram leituras e discussão de obras literária, como a crônica de Machado de Assis, *Bons dias!* O texto de Machado de Assis, fala de um possível candidato a deputado que decidiu tornar livre seu escravizado, o jovem Pancrácio, o ato que foi realizado durante um jantar cedido pelo anfitrião. Na crônica, o jovem Pancrácio, agora liberto, diz que continuará lhe servindo, sendo assim eternamente agradecido por este ato. A pretensão ao usar esse texto foi fazer uma discussão acerca da libertação dos escravizados que ocorreu em 13 de maio de 1888. Com a inserção desse texto, pretendia que os alunos e alunas fossem capazes de entender os mecanismos e a dinâmica das fases dos escravismos no Brasil, pois dado o contexto de libertação dos escravizados, eles e elas perceberam que alguns escravistas usavam de algumas estratégias para manter os escravizados prestando alguns serviços, mesmo que depois que fossem libertados.

O aluno Manoel, percebeu algumas dessas estratégia e fez o seguinte comentário:

Um belo dia um dono de escravo decidiu liberar por que ele sabia que ia vim uma lei que não ia poder ter mais escravo então como ele tinha um plano em mente



liberar ele liberou antes de sair essa lei e essa plano que ele tinha era de ser um político ai pra ganhar mais votos ele quis liberar o Pancrácio, só que ele não queria perde o escravo ai ele disse que tinha casa pra ele fica e ele acetou ai o ex dono dele deu uma festa pra comemorar e também ele continuou trabalhando para o ex dono só que agora com uma contia de dinheiro (comentário do Aluno Manoel, disponível em: www.arquivodahistoria.com)

Manoel, percebeu as intencionalidades do escravista, bem como a trama para que ele pudesse ser eleito deputado. Ele também percebeu que o escravizado Pancrácio continuaria trabalhando para esse homem ganhando pequenas quantidades, que mal dava para sua sobrevivência.

Ainda sobre essa crônica, a aluna Vicentina também percebeu outras intencionalidades do escravista ao libertar o escravizado Pancrácio,

O texto fala sobre um escravista que liberta o seu escravo, porque ele já imaginava que em algum momento criariam uma lei pra liberta os escravos e como ele libertou o seu escravo antes da lei ser aprovada ele iria utilizar isso de campanha política pra se tornar deputado (comentário da aluna Vicentina. Disponível em: www.arquivodahistoria.com).

Vicentina, percebeu que essa política de ser bonzinho, sempre vem com segundas intenções, nesse caso, pagar de bom moço afim de ser eleito deputado. Essa foi a mesma percepção que a aluna Ana teve, para ela,

O texto fala sobre a escravidão, sobre um homem que escravizava e ficou sabendo que ia ter uma lei para libertar os escravos, e ele queria fazer média com ele porque se candidataria a deputado (comentário da aluna ANA. Disponível em: www.arquivodahistoria.com).

Na percepção dessa aluna, o que esse escravista fez, ainda reflete na atual política partidária no Brasil, alguns candidatos fazem algumas ações na espera de obter votos em campanha eleitorais. Percebi que neste caso, as fontes foram fundamentais para que essa aluna conseguisse associar as práticas existente no período escravista com as atuais práticas pelos candidatos a vagas eletivas.

A proposta de utilizar textos literários e artigos acadêmicos para contextualizar um período da história contribuiu para que os alunos e alunas pudessem interpretar as diversas situações do cotidiano das pessoas escravizadas, livres ou libertas.



Assim, esses textos buscaram entender os homens e mulheres na história, e através deles os alunos e alunas puderam fazer suas análises e interpretações, contrastando com suas realidades.

Em outro texto que discutíamos sobre o batizado de escravizados realizados pela Igreja Católica, o aluno José, comenta sobre os batizados realizados pela a Igreja.

Os batismos feitos pela igreja naquele tempo que era acompanhado de regras absurdas até para os padrinhos, e a fé deles que era forçada nos escravos daquele tempo, sendo contra vontade deles, e os batismos que eram realizados em crianças que não tem concepção nem mesmo do que é a religiosidade (Comentário feito pelo aluno Jose. Disponível em: www.arquivodahistoria.com).

O texto parece ter sido bem assimilado pelo aluno José, que questiona a Igreja Católica, para ele os batismos deveriam acontecer quando as pessoas pudessem decidir qual religião elas queriam seguir. Nesse momento, a aula entrou na temática do batismo, alguns alunos relataram ser batizado em religiões diferente das que praticam. Os alunos perceberam que vários elementos do texto estão presentes em seus cotidianos.

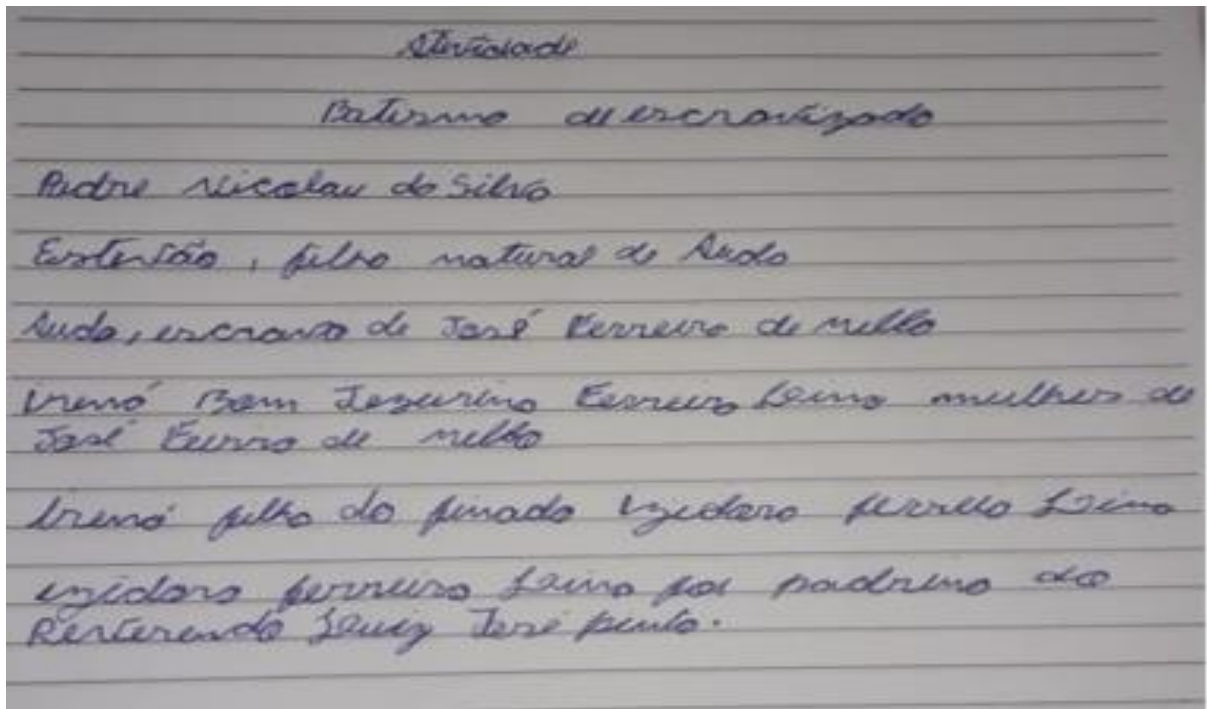
O propósito desses textos foi desenvolver nos alunos e alunas a postura crítica diante de vários elementos que compõe suas realidades. Através da reflexão dos textos que discutimos as diversas temáticas raciais e econômicas, contribuimos significativamente na luta contra o antirracismo que permeia entre as classes. Assim desenvolvemos habilidades e competências nos alunos e alunas, colaborando para estes sejam capazes de discernir as diversas situações dos seus cotidianos.

Sobre Batismo de escravizado, foi proposto que os estudantes tentassem ler um registro de batismo e retirasse as principais informações.



123

Ilustração: 8 Atividade Desenvolvida em Sala pelo aluno Manoel da Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro.



Fonte: Atividade desenvolvida em sala no dia 13 de jun 2021.

Nessa atividade, o aluno Manoel sintetizou aquilo que foi desenvolvido pela turma, mesmo estando utilizando a tela o celular, o aluno conseguiu fazer a leitura do documento e transcrever as principais informações contida nele. Isso mostra que é possível desenvolver atividades utilizando os recursos tecnológicos. Ainda sobre essa aula, os alunos e alunas puderam ter contato com as fontes e coletar as informações diretamente dela. Isso foi possível graças ao trabalho desenvolvido pelo site familysearch.org, no site é possível encontrar um acervo documental sobre diversos temas e lugares do mundo.

Percebi que, o trabalho com as fontes em sala de aula é sempre assertivo, pois, elas ainda constituem em algo novo em algumas salas, os estudantes ficam encantados diante dessas novidades, por outro lado, a utilização dos recursos tecnológicos são fundamentais nessas aulas, pois em pequenos espaços de tempos, podemos trabalhar com vários tipos de documentação. Ao utilizar as fontes em sala de aula, percebi que muitos alunos e alunas sentem-se fazer parte como sujeitos da



história, alguns deles faziam comparações entre as informações nos documentos com seus documentos pessoais.

A partir do interesse da turma com as fontes documentais, inseri entre as atividades e textos, imagens e fotografias de negros e negras escravizadas em diversas situações. Utilizando o texto *O cotidiano de um escravo* de Flavio Gomes, no qual foi publicado na Folha.uol, fizemos uma discussão sobre o cotidiano dos escravizados, o texto trouxe uma fotografia onde retrata mulheres escravizadas na roça. Na fotografia há quatro mulheres que parecem estar realizando suas tarefas e foram fotografadas sem que elas estivessem esperando.

No decorrer da discussão, os alunos recorreram ao blog para emitirem suas opiniões sobre o que estava proposto no texto. A aluna Maria, postou o seguinte comentário,

Achei interessante o cotidiano deles. Porque eles aprenderam a se comunicar em forma de música conversavam, resenhavam em forma de canções, às vezes eram usadas para alertar que os nogmas¹¹⁴ estavam perto e que era para ficar alertas. E as músicas serviam também para anima-los num dia de trabalho, quando estavam cansados e sonolentos (comentário feito pela aluna Maria, disponível em: www.arquivodahistoria.com).

A proposta de aula utilizando o blog mostrou-se eficiente em sua proposta, pois, ela propôs a possibilitada de interação entre os alunos e alunas com as fontes e textos, criando assim outros conhecimentos nos sujeitos estudantes.

Diante do que foi apresentado nesse capítulo, é possível afirmar que o uso da TICs nas salas de aulas é sempre uma proposta assertiva, ela é possível na medida que os educadores e educadoras escolhem suas propostas de aulas.

No desenvolvimento desse projeto de intervenção, o uso do blog foi a metodologia essencial para que a sua realização fosse possível, pois nele, foram disponibilizados temas que nos permite trabalhar com diversos elementos da vida cotidiana dos escravizados e pessoas livre.

O manuseio das fontes (mesmo que em formato digital) pelos alunos e alunas nas aulas de história trouxe para eles e elas outras percepções da história, pois, para

¹¹⁴ Provavelmente a aluna se referia a alguma pessoa encarregada de fiscalizar os escravizados enquanto trabalhava.



além daquilo que está dita em alguns materiais didáticos, utilizando essas fontes, os alunos e alunas sistematiza o aprendizado, eles e elas fazem diversas interpretações e algumas inquietações que culmina em buscar novas informações para seu aprendizado. Esse momento também perpassa pela aprendizagem por meio da descontração, pois, os estudantes podem usar o imaginário e criar diversas situações a partir dos documentos.

Percebi que o trabalho com as fontes é possível, mesmo que elas não esteja fisicamente presente nas salas de aulas, utilizando a internet, possível encontra-la em diversos arquivos e bibliotecas, ainda é possível visitar museus e outros locais para situar os estudantes enquanto debate os temas. Também percebi que os alunos da turma de 7º ano Vespertino da Escola Governador Paulo Souto em Porto Seguro na Bahia, possui bons conhecimentos sobre as temáticas relacionadas a escravidão dos homens e mulheres, pois eles e elas, demonstraram em suas respostas que já tiveram contato com esses temas, levando-nos a enfatizar que nessa escola está engajada no ensino e aprendizagem dos alunos e alunas quanto as questões que envolve as pessoas escravizadas.

A utilização das tecnologias disponíveis e acessíveis a todos e todas, nos permite afirmar que é possível interferir na aprendizagem dos alunos e alunas, mesmo de forma remota, como este projeto de intervenção na Escola Municipal Governador Paulo Souto em Porto Seguro. Assim, a utilização dos diversos recursos disponíveis, como o Whatsapp, Youtube, Google Forms, Google Meet e a pagina publicada na internet, possibilitou que os estudantes pudessem aprofundar seus conhecimentos sobre as temáticas, tendo acesso a fontes e documentos importante para a reescrita das histórias dos negros/negras e suas famílias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado nessa dissertação, ressaltamos que a família é uma instituição importante para os alunos e alunas, ela é um refúgio para fugir dos percalços sociais que essa comunidade socioeconomicamente vulnerável tem enfrenta em seu dia-a-dia, mas que diante do agravamento do Coronavírus causou distanciamento entre os indivíduos em muitos casos separou as famílias e não



permitiu que elas se encontrarem em festividades ou em reuniões familiares. Esse distanciamento pode afetar os estudantes que tiveram suas rotinas interrompidas, passando a ficar mais tempo em casa e longe da escola. Em casa, muitas vezes eles e elas ficaram sem a presença de seus responsáveis, pois, estes precisavam sair para trabalhar ou outros afazeres.

Neste trabalho, busquei pela educação participativa, por meio da proposta de intervenção que a todo instante humanizou homens e mulheres e suas famílias que resistiram bravamente os percalços do escravismo. Este trabalho, percebeu na historiografia do Extremo Sul da Bahia, uma imensa possibilidade de estudos a ser inseridos nas diversas salas de aulas. Nas pesquisas que estão disponíveis sobre a temática escravista que retratam a vidas dos homens e mulheres negras sobre essa faixa de terra, tem uma imensa riqueza para a educação Brasileira, ou seja, através delas, podemos reescrever a história socioeconômica do Brasil.

No primeiro capítulo, foi enfatizado a lutas dos homens e mulheres para conquistarem suas liberdades ou se manterem como libertos, perpassando pela dinâmica do seu cotidiano, foi possível observar que nessa região que compões o Extremo Sul da Bahia, as pessoas escravizadas e livres mantinham relacionamentos que permitiam criar laços afetivos, relações de apadrinhamentos, relações comerciais, créditos e acumular alguns bens materiais que deu a esses indivíduos algum conforto na medida do era possível. Aspectos teóricos para o trabalho não?

No segundo capítulo procurei enfatizar a educação ou contextualizar o bairro, a escola e a turma, precisava ouvir e conhecer os alunos, lembre-se do Freire e da Hooks através do projeto de intervenção desenvolvido na turma de 7º ano na Escola Municipal Governador Paulo Souto situada nos conjuntos de bairros que formam o Complexo do Baianão em Porto Seguro Bahia. Percebi que a escola exerce um papel importante para os alunos e suas famílias, ela também exerce o papel de integrar diversas comunidades dessa região. Através da escola são compartilhados diferentes saberes socioculturais presentes na população portosegurense. Nesse capítulo, também busquei problematizar alguns indicadores da educação em Porto Seguro, buscamos nos diversos estudos entender os descaminhos que são perceptíveis na educação desse município.



No último capítulo desse trabalho, apresentei o produto desse mestrado de Ensino e relações Étnico-raciais. Mostrei que é possível interferir na Educação utilizando os diversos recursos da internet. Através do blog www.arquivodahistoria.com publicamos textos, imagens, fotografias e leituras que nos permitiu compartilhar sobre a vida das pessoas escravizadas e livres no Brasil. Respeitando alguns recorte de localidade, mostrei que existem outras possibilidades para trabalhar a história para além do que está escrito nos livros didáticos.

Nesse terceiro capítulo, trago alguns recortes de atividades desenvolvidas pelos alunos e alunas durante na aplicação do projeto de intervenção na Escola Municipal Governador Paulo Souto. Essas atividades, que contou com leitura e interpretação de texto e imagens, transcrição de fontes e formação pequenos banco de dados, foi desenvolvida de forma intencional para que os alunos e alunas pudessem perceber as diversas facetas da vida cotidiana das famílias negras.

Por fim, este trabalho reflete um pouco sobre mim, homem negro e pesquisar das temáticas que relaciona as famílias negras escravizadas ou livres. Neste trabalho, o objetivo de abordar as famílias negras e com isso contribuir para uma educação antirracista, para isso utilizando um blog, e a sua construção me trouxe desafios. Consegui publicá-lo e utilizar de forma didática contribuindo na educação. o blog que demonstrou ser uma importante ferramenta na aplicabilidade desse projeto, também servirá para futuras pesquisas e desenvolvimentos de atividades relacionadas ao ensino da temática racial.



5. REFERENCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Polém, 2019.

BAHIA. **Anuário Estatístico da Educação v. 1**, Secretaria da Educação. Salvador: 2017

BARCA, Isabel. **Literacia e consciência histórica**. Editora UFPR p. 93-112, Curitiba, 2006.

BARRETO, Sara Cristina Leite C.; FERRAZ, Maria Norma; FARIAS, Neusa Benicio de Souza. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal Governador Paulo Souto, Porto Seguro 2015.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo; FONSECA, Marcus Vinicius. **História da Educação dos Negros no Brasil**. Niterói, Eduft, 2016.

BELLONI, Maria Luiza. Ensaio sobre a Educação a distância. **Educação & Sociedade**. ano XXIII, nº 78, abr. 2002

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Ministério da Educação. Censo Escolar/INEP 2020**. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/114917-em-governador-paulo-souto/censo-escolar>. Acesso em: 04 Jul. 2021

BRASIL. **Programa Luz Para Todos**. Disponível em: <https://eletrobras.com/pt/Paginas/Luz-para-Todos.aspx>. Acesso em: 31 out 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.



CAEMI, Flávia Eloisa. **Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?** Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.129-150, dez. 2008

CANCELA, Francisco Torres. **De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga capitania de Porto Seguro (1763-1808).** Tese de doutoramento, Salvador, UFBA, 2012. pp.227-254.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Revista Brasileira de Educação. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

CARMO, Alane Fraga. **Colonização e escravidão na Bahia: a Colônia Leopoldina, 1850-1888.** Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2010.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese (Doutorado em Filosofia da educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHIOFI, Luiz Carlos; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. O uso de tecnologias educacionais como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem. **III Jornada didática, Desafios para a Docência.** Disponível em: <https://docplayer.com.br/15119648-O-uso-das-tecnologias-educacionais-como-ferramenta-didatica-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem.html>. Acesso em: 31 out 2021.

COSTA, Joaze Bernadino, GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra.** Revista Sociedade e Estado – Vol. Nº31, Janeiro/Abril 2016

DAVIS, Ângela Y. **Mulheres, raça e classe.** Tradução: Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.



DAYRELL, Joarez Tarcisio. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte; UFMG; 2009.

ÉRNICA, Mauricio; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **A escola, a metrópole e a vizinhança Vulnerável**. Cadernos de Pesquisa v.42 n.146 p.640-666 Maio/ago. 2012.

EXAME. **Brasil tem 5,5 milhões de crianças sem pai no registro**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-tem-5-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro/>. acesso em: ago. 2019.

EXAME. **Mourão diz que família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/mourao-diz-que-familia-sem-pai-ou-avo-e-fabrica-de-elementos-desajustados>. Acesso em: 02 set. 2019.

FELISBERTO, Fernanda; RISO, Ricardo. **Literatura negro-brasileira: diálogos conceituais e mercado editorial na primeira década da lei 10639/2003**. In: A lei 10639/2003, pesquisa e debate. São Paulo. Editora e livraria Física. 2014

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de História e Incorporação de novas Tecnologias da Informação e comunicação: uma reflexão**. Revista História Regional. Ponta Grossa, 1999

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A paz na senzala: famílias escravas e tráfico no atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790-c 1850**. São Paulo: Editora Unep, 2017

FONSECA, Selva Guimarães. A constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de história na educação básica. In: **Fóruns Contemporâneos de Ensino de História do Brasil**. p.1-9.ano. 2014

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a prática da Liberdade e outro escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos** / Paulo Freire. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

FREITAS, Itamar; OLIVEIRA, Margarida Maria dias. **Família como sujeito da historiografia didática sobre o contemporâneo e o tempo presente**. Fronteiras Revista de História. Dourados, MS | v. 18 | n. 31 | p. 322 - 338 | Jan. / Jun. 2016

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Editora Global, 48ª ed. São Paulo. 2003.

GENOVESES, Eugene D. **A terra prometida: o mundo que os escravos criaram**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes**. Política & Sociedade. Vol. 10, n. 18. 2011.

HAMEISTER, Martha Daisson. **O uso dos registros batismais para o estudo de Hierarquias sociais no período de vigência da escravidão**. V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/hameister%20martha%20daisson.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2013

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo demográfico. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/porto-seguro/panorama>. Acesso em: 06 out. 2021.

IPEA. **Atlas da violência 2019**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/190802atlasdaviolencia2019municipios.pdf>



LAUREANO, Jamilly Bispo. **Entre o mundo do trabalho e os ritos sacramentais: a vivência das mulheres e homens escravizados na vila de Belmonte (1867-1888).** Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, Universidade do Estado da Bahia, Campus XVIII, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História. 2017.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Reflexões sobre o estágio/ prática de ensino na formação de professores.** Diálogo Educação, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan. /Abr. 2008.

Mano Brown. **O homem na estrada.** Raio x do Brasil. Gravadora: Zimbabwe Records, 1993

MATTOSO, Katia M. de Queirós. **Bahia Século XIX: Uma província no império.** Tradução Yedda de Macedo Soares. Ed. Nova Fronteira S.A/Rio de Janeiro, 1992

MENDES, Francimauro Coutinho. **Marias, Rozendas e Leopoldinas: A experiência de mulheres escravizadas e libertas na Vila de Porto Seguro (1873-1885).** Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, Universidade do Estado da Bahia, Universidade Estadual da Bahia, Eunápolis, 2014.

MOURA, Carla de. S. **Marias da Conceição: por um Ensino de História Situado, Decolonial e Interseccional.** 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2018.

MULLER, Tania Mara Pedroso. **Livro didático, Educação e Relações Étnico-raciais: o estado da arte.** Educar em Revista. Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 77-95, maio/jun. 2018

MUNIZ, D.H.A. **A implementação da lei 10639/03 no combate ao racismo na escola.** Universidade Cândido Mendes. IX FIPED. Desafios Pedagógicos de uma sociedade em transe. IX Fórum Internacional de pedagogia. III Seminário Nacional de Educação básica. 2017.



NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Terra e Paz, Rio de Janeiro, 1978.

OLIVEIRA, C. A. **A pesquisa escolar em tempos de Internet**: reflexões sobre essa prática pedagógica. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

OLIVEIRA, Míria Gomes; SILVA, Paulo Vinícios Baptista. **Educação Étnico-Racial e Formação Inicial de Professores**: a recepção da Lei 10.639/03. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 183-196, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661123>. Acesso em: 25 de mar. 2019. .

PEREIRA, Nilton Mullet; PAIM, Elison Antônio. **Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis**: contribuições do pensamento decolonial. Revista Educação e Filosofia. v.32 n.66 set/dez – 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/40152>. Acesso em: 07 sets 2020.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

REIS, Isabel Cristina Ferreira. **História de vida familiar e Afetividade de escravos na Bahia do século XIX**. 1988. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador: Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1998._reis_isabel_cristina_ferreira_dos._historias_de_vida_familiar_e_afetiva_de_escravos_na_bahia_do_seculo_xix.pdf. Acesso em 02 dez. 2018.

REISDORFER, Thiago. **Fake News em sala de aula**: o ensino de história e informação no tempo presente. Aprendizagens histórica. Campos Mourão, 2017. Disponível em:

[/www.academia.edu/36542965/FAKE_NEWS_EM_SALA_DE_AULA_O_ENSINO_D](http://www.academia.edu/36542965/FAKE_NEWS_EM_SALA_DE_AULA_O_ENSINO_D)



E_HISTÓRIA_E_INFORMAÇÃO_NO_TEMPO_PRESENTE_Thiago_Reisdorfer:
acesso em: 24 de nov. 2021.

SANTOS, Dagson Jose Borges. **O uso de blogs no ensino de história: a experiência da história do engenho de Santana em Ilhéus-Ba.** Dissertação (mestrado) ProfiHistoria. Universidade Estadual da Bahia. Salvador, 2018.

SANTOS, Euvadelis Pereira; e tal. **A precarização do ensino público no município de Porto Seguro.** Fundação Perseu Abramo – GAPI/Unicamp. São Paulo, 2016.

SANTOS, J. C & MENDES, Francimauro. **Entre redes de solidariedades e lutas: a experiência das libertas na Vila de Porto Seguro (1873-1885).** In: Revista Gênero, GÊNERO, Niterói. v.16. n.2. p. 33 - 54. 2016.

SANTOS, Joceneide Cunha. **Entre farinhadas, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em lagarto, província de Sergipe (1850-1888).** 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em:
https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2004._santos_joceneide_cunha_dos._entre_farinhadas_procissoes_e_familias_a_vida_de_homens_e_mulheres_escravos_e_m_lagarto_provincia_de_sergipe_1850-1888.pdf. Acesso em: 15 out. 2017.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões.** Organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento negro.** BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.



SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A Formação do Professor de História e o cotidiano da sala de aula.** In: O Saber Histórico na Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos:** Engenho e escravos na sociedade colonial. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª ed. 1988.

SERRES, Michel. Polegarzinha—Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SILVA, Geovani de Jesus. **Tempos cotidianos de professoras/es fora da escola:** outras histórias. (Tese) Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SILVA, Roberto da; TOBIAS, Juliano da Silva. **A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Brasil, n. 65, p. 177-199, dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i65p177-199>

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor:** as esperanças e recordações na formação da família escrava. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2011

SOARES, Antonio Mateus, FRANÇA; Matheus Reis; SANTANA, Claudemir. **A economia do ilegalismo:** tráficos de drogas e esvaziamento dos direitos humanos em Porto Seguro – Ba. IX Encontro da ANDHEP – 2016. Vitória-ES, 2016.

SOARES, Antônio Matheus; ROCHA, Penha. Porto seguro – Bahia – Brasil: **o outro lado do paraíso.** Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/16.pdf>. Acesso em: 08 jul 2021.

TORRES, Nelson Maldonado. **Sobre la colonialidad del ser:** contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167



UOL. **Ministro da Educação atribui homossexualidade a 'famílias desajustadas'**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/24/ministro-da-educacao-atribui-homossexualidade-a-familias-desajustadas.htm>. Acesso em: 05 out. 2020

VASQUES, Daniela Pereira; LIMA, Gabriel Camilo de. **A utilização do blog em uma perspectiva interdisciplinar de ensino**. In: Tecnologia na sala de aula em relatos de professores. Christine Sertã Costa, Francisco Roberto Pinto Mattos. (organizadores). Curitiba: CRV, 2016

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y colonialidad del poder**. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.